

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

**A IMPORTÂNCIA DA COMPONENTE AMBIENTAL NA
SOCIALIZAÇÃO DA CRIANÇA: O CASO PARTICULAR DO
CONCELHO DE PORTALEGRE**

(UM ESTUDO EXPLORATÓRIO)

MARIA MARGARIDA L. TOMAZ CÂNDIDO BOAVIDA MALCATA

ÉVORA

1997

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

MESTRADO EM ECOLOGIA HUMANA

**A IMPORTÂNCIA DA COMPONENTE AMBIENTAL NA SOCIALIZAÇÃO
DA CRIANÇA: O CASO PARTICULAR DO CONCELHO DE PORTALEGRE**

(UM ESTUDO EXPLORATÓRIO)

MARIA MARGARIDA L. TOMAZ CÂNDIDO BOAVIDA MALCATA
ORIENTADOR: PROF. DOUTOR JOAQUIM MANUEL PANTOJA NAZARETH

ÉVORA, 1997

ERRATA

Folha	Linha	Onde se lê	Deverá ler-se
23	15 e 16	às suas caracterizações socio-demográfica,	à sua caracterização socio-demográfica:
30	19	diade primária.	diade observacional no contexto de uma diade primária.
30	21	diade observacional.	diade primária.
53	2	nas socializações	na socialização
66	26	30374	28304
66	26	15,06%	9%
66	27	4574	2504
68	19	-0,56%	-0,19%
68	23	referido	de 1864 a 1950
104	13	(1)	(5)
110	6	(1)	(0)
120	24	efectiva	afectiva

152	4	moderadamente	fortemente
152	7	fortementemente	moderadamente
152	8	alta	baixa
152	18	alta	baixa
162	10	alta	baixa

MARIA MARGARIDA L. TOMAZ CÂNDIDO BOAVIDA MALCATA

**IMPORTÂNCIA DA COMPONENTE AMBIENTAL NA SOCIALIZAÇÃO
DA CRIANÇA: O CASO PARTICULAR DO CONCELHO DE PORTALEGRE**

(UM ESTUDO EXPLORATÓRIO)

Dissertação apresentada para obtenção do
Grau de Mestre em Ecologia Humana
pela Universidade de Évora



88832

ÉVORA

1997

“Todos nós vemos parcialmente o mundo através dos olhos da criança que já fomos”.

URIE BRONFENBRENNER

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Professor doutor J. Manuel Nazareth, os nossos agradecimentos pelo estímulo que nos transmitiu, pelos ensinamentos que dele recebemos, e pela disponibilidade desde sempre manifestada.

À Dr. Rosalina Correia, por todos os seus esclarecimentos e valiosas sugestões, pelo apoio e disponibilidade desde sempre demonstrada.

À Dr. Ana Cristina Carrasco e à professora Isabel Bатуca, o nosso vivo agradecimento pelos dados que disponibilizaram e elementos que ajudaram a colher, junto dos processos individuais das crianças, do Internato feminino de Nossa Senhora da Conceição e do Internato masculino de Santo António.

A todos os pais que responderam aos formulários, pela colaboração que manifestaram.

A todas as crianças que com o seu entusiasmo, autenticidade e alegria participaram neste estudo.

A todos os professores e Conselhos Directivos pelo seu apoio, colaboração e disponibilidade.

A todos os que de qualquer modo contribuíram para este trabalho.

A todos os colegas e amigos que, em momentos difíceis, contibuíram com a sua ajuda e o seu incentivo.

RESUMO

Trata-se de um estudo de investigação exploratório, transversal, descritivo e analítico, aplicado a crianças com idade entre os sete e os catorze anos. Tem como objectivo identificar, analisar e comparar a importância da componente ambiental na socialização da criança, no caso particular do concelho de Portalegre. A amostra é constituída por dois (2) grupos, sendo um formado por trinta e cinco (35) crianças que vivem com a família, correspondendo ao grupo X, e outro com trinta e cinco (35) crianças que vivem numa instituição, correspondente ao grupo Y.

O enquadramento teórico aborda aspectos relacionados com o Desenvolvimento da Criança no Ambiente Familiar: perspectiva ecológica do desenvolvimento humano segundo Urie Bronfenbrenner; socialização da criança em idade escolar, a nível de interacção; dinâmicas familiares na sociedade actual; importância da qualidade do ambiente familiar no desenvolvimento da criança e riscos que a criança pode correr em situações de ausência de estimulação ou de pobreza marcantes.

A caracterização do concelho de Portalegre foca aspectos globais da população, tais como: a caracterização administrativa, o volume e o ritmo de crescimento e a distribuição espacial; e, por fim, a identificação das famílias do referido concelho.

A colheita de dados foi elaborada através de dois instrumentos de pesquisa: um formulário para caracterizar o ambiente familiar (contexto) efectuado às famílias das crianças em estudo, e uma Escala de Socialização para avaliar a socialização destas.

Do tratamento dos dados obtiveram-se as seguintes conclusões:

- A interacção criança / pais, no grupo X, apresenta uma distribuição pelos níveis de contribuição máxima e contribuição alta numa percentagem de 77,1% e 22,9%, respectivamente.
- A interacção criança / pais, no grupo Y, apresenta uma distribuição pelos níveis de contribuição baixa e contribuição mínima numa percentagem de 22,9% e 77,1%, respectivamente.
- Os stressores familiares, no grupo X, apresentam uma distribuição pelos níveis de contribuição mínima, numa percentagem de 100%.
- Os stressores familiares, no grupo Y, apresentam uma distribuição pelos níveis de contribuição alta, contribuição baixa, numa percentagem de 62,9% e 37,1%, respectivamente.

- O nível sócio-económico caracteriza-se, essencialmente, por classe alta, no grupo X e por classe baixa, no grupo Y.
- O grupo X caracteriza-se, essencialmente, por desenvolver boa socialização, e o grupo Y por não desenvolver boa socialização.

Quanto às hipóteses formuladas:

- No grupo X, a variável interacção criança / pais é muito contributiva para a variação da variável socialização.
- No grupo Y, a variável nível sócio-económico é muito contributiva para a variação da variável socialização.
- Existe diferença significativa no desenvolvimento de socialização entre o grupo X, e entre a mesma e o grupo Y.
- Existe diferença significativa na constituição do agregado familiar entre a população do concelho de Portalegre e o grupo X, e entre a mesma e o grupo Y.

ABSTRACT

Dealing with a survey of exploratory investigation, transverse, descriptive and analytical, applied to children aged between seven and fourteen. The aim is to identify, analyse and compare the importance of the environmental component with the socialization of the child, especially in the Portalegre municipal district. There are two groups, each consisting of thirty five (35) children. Group X refers to children living with their family, while group Y refers to children living in an institution.

The theoretical framework touches on aspects related to the child's development within the family environment: ecological perspective of the human development according to Urie Bronfenbrenner; socialization of the child, on a interactive level, at school going age; family dynamics in the existing society; the importance of the quality of the family environment in the child's development and the risks of lack of stimulation or in situations of extreme poverty.

The characterization of the Portalegre municipal district, focuses on global aspects of the population, such as: administrative nature, the volume and growth rate and spatial distribution; and lastly, the identification of families in the above mentioned municipality.

The ingathering of data was elaborated through two research instruments: a questionnaire to characterise the family environment (context), was carried out within the families of the children in study and a scale of socialization to evaluate its socialization.

From the data, the following conclusions were obtained:

- The parent / child interaction, in group X, shows a distribution through the levels of maximum and high contribution of 77,1% and 22,9% respectively.
- The parent / child interaction, in group Y, shows a distribution through the levels of low and minimum contribution of 22,9% and 77,1% respectively.
- The family stress factors, in group X, show a distribution of the minimum contribution levels of 100%.
- The family stress factors, in group Y, show a distribution of the high and low distribution levels, in a percentage of 62,9% and 37,1% respectively.
- The socio economic level, characterises itself, as upper class, in group X and lower class in group Y.

- Group X is characterised, essentially, for developing good socialization, while group Y doesn't develop good socialization.

The formulated theory (hypothesis) is:

- In group X , the inconstant parent / child interaction is very contributive to the variation of the changeable socialization.

- IN group Y, the inconstant socio economic level is very contributive to the variation of the changeable socialization.

- There are significant differences in the development of socialization between group X and the latter and group Y:

- There are significant differences in the make-up of the aggregated family between the population of the Portalegre district and group X and between the latter and group Y.

INDICE GERAL

INTRODUÇÃO AO PROBLEMA.....	18
 CAPÍTULO I	
A PROBLEMÁTICA.....	24
INTRODUÇÃO.....	24
1- PERSPECTIVA ECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	
SEGUNDO URIE BRONFENBRENNER.....	25
2- SOCIALIZAÇÃO DA CRIANÇA EM IDADE ESCOLAR, A NÍVEL	
DE INTERACÇÃO.....	33
3- DINÂMICAS FAMILIARES NA SOCIEDADE ACTUAL.....	36
4- IMPORTÂNCIA DA QUALIDADE DO AMBIENTE FAMILIAR NO	
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.....	39
5- RISCOS QUE A CRIANÇA PODE CORRER EM SITUAÇÕES DE AUSÊNCIA	
DE ESTIMULAÇÃO OU DE POBREZA MARCANTES.....	49
SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	57
 CAPÍTULO II	
CARACTERIZAÇÃO DO CONCELHO DE PORTALEGRE.....	58
INTRODUÇÃO.....	58
1- CARACTERIZAÇÃO GERAL.....	59
2- CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA.....	61
2.1-Aspectos globais da população do concelho de Portalegre.....	61
2.1.1-Introdução: caracterização administrativa.....	61
2.1.2-Volume e ritmo de crescimento da população do concelho de Portalegre.....	63
2.1.3-Distribuição espacial da população.....	70
3- IDENTIFICAÇÃO DAS FAMÍLIAS DO CONCELHO DE PORTALEGRE.....	76
3.1-Alterações recentes no processo de formação da família e na sua	
composição.....	77
SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	83

CAPÍTULO III

IMPORTÂNCIA DA COMPONENTE AMBIENTAL NA SOCIALIZAÇÃO DA CRIANÇA: O CASO PARTICULAR DO CONCELHO DE PORTALEGRE..... 84

INTRODUÇÃO..... 84

1- CARACTERIZAÇÃO DO LUGAR..... 84

1.1- Espaço e sua organização..... 85

1.2- Caracterização dos lugares em estudo..... 85

2- METODOLOGIA 100

2.1- O plano da pesquisa..... 100

2.2- Sujeitos do estudo..... 102

2.3- As variáveis a estudar..... 103

2.4- Os instrumentos de pesquisa..... 104

2.4.1- Descrição dos instrumentos de pesquisa..... 105

2.4.2- Método de recolha de dados..... 112

2.4.3- Pré-teste..... 113

2.5- Tratamento de dados..... 116

3- APRESENTAÇÃO, DISCUSSÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS..... 117

3.1- Caracterização do ambiente familiar da população em estudo..... 117

3.1.1- Interação criança / pais..... 117

3.1.2- Stressores familiares..... 122

3.1.3- Nível sócio-económico..... 127

3.1.4- Escolaridade dos pais..... 128

3.1.5- Número de casamentos da mãe..... 130

3.1.6- Estado civil dos pais..... 133

3.1.7- Instituição frequentada pela criança após os três anos de idade..... 134

3.1.8- Lugar que a criança ocupa no agregado familiar..... 137

3.1.9- Sucesso escolar da criança..... 138

3.1.10- Elementos do agregado familiar da criança..... 139

3.1.11- Envolvimento de pessoas no desenvolvimento da criança..... 141

3.1.12- Periodicidade de visitas de familiares e/ou amigos..... 144

3.2- Determinação do desenvolvimento de capacidades de socialização das crianças em estudo..... 146

3.3- Análise das hipóteses formuladas..... 148

3.3.1- Contribuição das variáveis: interação criança / pais, stressores familiares, nível sócio-económico na socialização da criança.....	148
3.3.2- Comparação da variável “socialização” nas amostras em estudo.....	153
3.3.3- Comparação da variável “agregado familiar” das amostras em estudo entre si e com a da população do concelho de Portalegre.....	154
CAPÍTULO IV	
CONCLUSÕES	158
CAPÍTULO V	
SUGESTÕES	164
CAPÍTULO VI	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	167
ANEXOS	177
ANEXO I - Formulário à família.....	178
ANEXO II - Escala de socialização à criança.....	186
ANEXO III - Tabela de percentis da escala de socialização.....	193

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro nº1: Evolução da população do concelho de Portalegre de 1864 a 1900...	63
Quadro nº2: Evolução da população do concelho de Portalegre de 1911 a 1970...	65
Quadro nº3: Evolução da população do concelho de Portalegre de 1981 a 1995....	67
Quadro nº4: Distribuição dos grupos etários da população do concelho de Portalegre em 1960, 1970, 1981, 1991.....	71
Quadro nº5: Pirâmide de estrutura etária da população do concelho de Portalegre do ano de 1970.....	73
Quadro nº6: Pirâmide de estrutura etária da população do concelho de Portalegre do ano de 1981.....	74
Quadro nº7: Pirâmide de estrutura etária da população do concelho de Portalegre do ano de 1991.....	74
Quadro nº8: Quadro comparativo da dinâmica natural da população do concelho de Portalegre de 1950 a 1995.....	75
Quadro nº9: Famílias clássicas segundo a dimensão e o número de filhos.....	77
Quadro nº10: Famílias clássicas segundo a dimensão.....	78
Quadro nº11: Concelho de Portalegre - População, Família.....	79
Quadro nº12: Famílias clássicas, segundo o tipo de família.....	79
Quadro nº13: Distribuição de idosos com 65 e mais anos pelas famílias clássicas.	80

Quadro nº14: Pessoas com 65 e mais anos a viverem sós no total da população..	81
Quadro nº15: Famílias clássicas, segundo a dimensão pelo número de pessoas com menos de 15 anos.....	81
Quadro nº16: Distribuição das crianças do grupo X e do grupo Y, segundo o sexo e a idade.....	103
Quadro nº17: Avaliação psicométrica da escala de socialização.....	114
Quadro nº18: Distribuição das famílias nos grupos X e Y, segundo o grau de contribuição apresentada pela variável “interacção criança / pais”.....	118
Quadro nº19: Resultados da análise de regressão múltipla para testar o poder preditivo ou determinante dos itens que fazem parte da variável interacção criança / pais no grupo X.....	119
Quadro nº20: Resultados da análise de regressão múltipla para testar o poder preditivo ou determinante dos itens que fazem parte da variável interacção criança / pais no grupo Y.....	121
Quadro nº21: Distribuição das famílias nos grupos X e Y, segundo o grau de contribuição apresentada pela variável “stressores familiares”.....	123
Quadro nº22: Resultados da análise de regressão múltipla para testar o poder preditivo ou determinante dos itens que fazem parte da variável stressores familiares no grupo X.....	124
Quadro nº23: Resultados da análise de regressão múltipla para testar o poder preditivo ou determinante dos itens que fazem parte da variável stressores familiares no grupo Y.....	125

Quadro nº24: Distribuição das famílias nos grupos X e Y, segundo o nível sócio-económico.....	127
Quadro nº25: Distribuição dos pais nos grupos X e Y, segundo a escolaridade....	129
Quadro nº26: Distribuição das mães nos grupos X e Y, segundo o número de casamentos.....	131
Quadro nº27: Distribuição dos pais nos grupos X e Y, segundo o estado civil.....	133
Quadro nº28: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo a instituição frequentada após os 3 anos de idade.....	135
Quadro nº29: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo o lugar que a criança ocupa no agregado familiar.....	137
Quadro nº30: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo o sucesso escolar.....	138
Quadro nº31: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo os elementos do agregado familiar.....	140
Quadro nº32: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo o envolvimento de pessoas no desenvolvimento da criança.....	143
Quadro nº33: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo a periodicidade de visita de familiares e / ou amigos.....	145
Quadro nº34: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo o seu desenvolvimento de capacidades de socialização.....	147
Quadro nº35: Nível de coeficiente de correlação das variáveis do grupo X.....	149
Quadro nº36: Nível de coeficiente de correlação das variáveis do grupo Y.....	151

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico nº1: Evolução da população do concelho de Portalegre de 1864 a 1995...	69
Gráfico nº2: Distribuição das famílias nos grupos X e Y, segundo o grau de contribuição apresentado pela variável “interacção criança / pais”.....	119
Gráfico nº3: Distribuição das famílias nos grupos X e Y, segundo o grau de contribuição apresentado pela variável “stressores familiares”.....	123
Gráfico nº4: Distribuição das famílias nos grupos X e Y, segundo o nível sócio-económico.....	128
Gráfico nº5: Distribuição dos pais nos grupos X e Y, segundo a escolaridade.....	130
Gráfico nº6: Distribuição das mães nos grupos X e Y, segundo o número de casamentos.....	131
Gráfico nº7: Distribuição dos pais nos grupos X e Y, segundo o estado civil.....	134
Gráfico nº8: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo a instituição frequentada após os 3 anos de idade.....	135
Gráfico nº9: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo o lugar que a criança ocupa no agregado familiar.....	137
Gráfico nº10: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo o sucesso escolar.....	138
Gráfico nº11: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo os elementos do agregado familiar.....	141

Gráfico nº12: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo a periodicidade de visita de familiares e / ou amigos..... 145

Gráfico nº13: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo o seu desenvolvimento de capacidades de socialização..... 147

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura nº1: Modelo ecológico de Bronfenbrenner.....	26
Figura nº2: Concelho de Portalegre dividido por freguesias.....	62

INTRODUÇÃO AO PROBLEMA

O trabalho elaborado inscreve-se na complexa temática do desenvolvimento humano, que tem como interesse, a compreensão da interacção do sujeito com o meio ambiente.

Abordamos o tema para analisar a influência da qualidade do ambiente familiar na infância e no desenvolvimento das capacidades nas crianças, capacidades estas entendidas como necessárias para alcançar um sentido de competência identificável com a realização total do homem.

O estudo insere-se na perspectiva ecológica, que é aquela que considera o desenvolvimento da criança como resultado das interacções desta com os diferentes ecossistemas em que está inserida.

De acordo com Bronfenbrenner (1994), a ecologia do desenvolvimento humano implica o estudo científico da interacção mútua e progressiva entre, por um lado um indivíduo activo, em constante crescimento, e, por outro lado, as propriedades sempre em transformação dos meios imediatos em que o indivíduo vive, sendo este processo influenciado pelas relações entre os contextos mais imediatos e os contextos mais vastos em que eles se integram. Neste sentido, o autor conceptualiza o conceito de contexto de desenvolvimento, em termos de uma hierarquia de sistemas com quatro níveis progressivamente mais abrangentes: O microssistema, o mesossistema, o exossistema e o macrosistema.

O microssistema inclui aquilo a que podemos chamar os factores de lugar, tempo, actividade e o papel que a criança desempenha em cada cenário. Exemplos de microssistema são a casa, a escola.

O mesossistema incorpora todos os cenários mais importantes que uma criança frequenta, bem como as relações entre esses cenários.

O objectivo principal deste trabalho é o de defenir relações entre a qualidade de ambiente ao nível dos contextos imediatos, microssistema da família e o desenvolvimento de capacidades de socialização da criança dos 7 aos 14 anos de idade.

Diz-nos Bronfenbrenner, (1983), que o desenvolvimento na criança é facilitado se a sua participação em padrões de actividades fôr progressivamente mais complexa e com alguém com quem a criança tenha desenvolvido uma ligação afectiva positiva.

Seguindo o mesmo pensamento, o desenvolvimento de uma forte ligação afectiva requer muitas ocasiões, muito tempo, e não apenas alguém para estar com a criança mas, sobretudo, que seja sempre a mesma pessoa.

A teoria da vinculação, formulada no seguimento dos trabalhos de Harlow (1959), Bowlby (1969), Spitz (1945) e, mais tarde de Ainsworth (1973), afirma que é a partir da relação estrita que se estabelece entre a mãe e a criança, que esta é capaz de alargar e desenvolver reacções com os outros. De acordo com Spock (1967), a mãe é a pessoa ideal para cuidar e prestar atenção ao seu bebé.

Tradicionalmente, é a mãe a figura eleita que através dos cuidados repetidos com a criança, efectuados em clima afectivo apropriado, é interiorizada e incorporada pela criança, passando a fazer parte dela a segurança e estabilidade emocional de que necessita para avançar na vida.

O impulso que o desenvolvimento sofre na infância consiste, segundo Emde (1988), em tendências que são fortemente elaboradas a nível biológico, ou seja, elas são tendências inatas que, na nossa espécie evoluíram por razões de adaptação.

Através de investigação interdisciplinar o mesmo autor sugeriu e chamou um conjunto de "*factores básicos*" (Emde, 1995: 495), o núcleo afectivo e uma moralidade básica, que designou da seguinte forma: actividade, auto-regulação, competência social e controlo afectivo. Estes factores estão presentes desde o início no bebé, são necessários para o desenvolvimento e persistem ao longo da vida.

Adaptação social é o nome do terceiro factor básico e resulta da investigação que demonstrou até que ponto o bebé, enquanto ser humano, vem ao mundo pré-adaptado para participar nas interacções humanas, para iniciar, manter e terminar interacções com outros seres humanos. O bebé possui uma propensão para participar no contacto visual, para manter um estado de alerta e de atenção prolongados face aos estímulos, constituídos pela voz e cara humanas e para capacidades integrativas, que são predisposições magníficas para as complicadas circunstâncias dinâmicas da interacção humana. Bowlby, (1969), utilizou o conceito de "*vinculação*" para se referir ao sistema de motivação social inato que ele considera tão importante como para os sistemas de alimentação e de sexualidade. O autor, apesar de concordar com Bowlby, emprega o termo "*competência social em vez de vinculação*" (Emde, 1995: 492).

A competência social é impressionante, não só da parte do bebé, mas também da parte dos pais. Existe uma variedade de comportamentos por parte dos pais, que são empreendidos automaticamente, sem consciência, tais como o modo como o contacto visual é dirigido, de forma a ir ao encontro das reduzidas capacidades de acomodação do recém-nascido, o modo como os gestos dos adultos são executados, possibilitando uma aprendizagem ideal por parte do bebé.

Segundo Jesús Palacios (1990), a competência social é um conjunto de habilidades que são da maior importância. Incluem-se aqui uma variedade de coisas como a capacidade de se relacionar com os outros, adequar o grupo à própria acção e actividade, desenvolver uma atitude de cooperação e ajuda.... A socialização é positiva em si mesma para a criança em todas as idades.

Em geral, consideramos que a família é o núcleo crucial onde ocorre o desenvolvimento. Bronfenbrenner considera que a família reflecte as condições da sociedade em geral, isto é, está à mercê de uma sociedade que nem sempre acalenta actividades e atitudes conducentes a um saudável desenvolvimento da personalidade. As condições socio-económicas, as tensões a nível do emprego, o planeamento urbano, o sistema de transportes, o poder hipnótico da televisão, etc... são circunstâncias determinantes do funcionamento da família.

Quando as circunstâncias em que a família se insere e o modo de vida que geram afectam as relações de confiança e de segurança emocional entre os membros da família; quando se torna difícil para os pais criarem os seus filhos e gozarem em plenitude a sua paternidade; quando se torna difícil a conciliação entre o trabalho e a família; quando o tempo dedicado à criança e família significa limitações na realização pessoal e profissional, sentimentos de culpabilidade ou inexistência de paz de espírito, então, o desenvolvimento da criança é afectado.

Uma alteração na interacção dos processos maturacionais afectivas e sociais, irá dificultar a adaptação. Este processo de interacção criança-meio e as suas alterações, vai permitir a Jong(1976), citado por Bairrão, (1978: 33), "*uma primeira distinção entre as necessidades das crianças privadas culturalmente e as das crianças deficientes*". Quando se trata de crianças privadas culturalmente, o perigo de risco educacional reside, principalmente, num meio insuficiente.

Uma intervenção precoce e uma prestação de cuidados atempada e eficaz pode tornar tais situações de risco reversíveis. No entanto, estas duas fontes de risco nas suas

formas mais graves e quando aparecem interligadas, levam muitas vezes a situações irreversíveis.

Bronfenbrenner,(1986), adianta que há alguma evidência indicativa de que estes requisitos educativos se encontram mais dificilmente junto de crianças institucionalizadas.

O tema escolhido é considerado de grande importância, devido ao facto de, ao longo da sua vida profissional, ser confrontada diariamente com crianças e famílias com eventual risco de desordem afectiva, expostas constantemente a situações de stress e em situação económica bastante deficitária, apresentando formação moral e competências educacionais muito limitadas.

A cidade de Portalegre contém dois internatos, para ambos os sexos, locais onde se encontram crianças que vivem numa instituição dos seis aos dezoito anos de idade. Crianças orfãs ou abandonadas pelos familiares.

Preocupada com esta problemática, colocou-se a seguinte questão:

O desenvolvimento da criança a nível de capacidades de socialização é afectado pelo ambiente familiar?

Sendo a investigação um processo através do qual se pode adquirir novos conhecimentos e paralelamente apelar à reflexão, foram traçados os seguintes objectivos referentes ao concelho de Portalegre:

- verificar a interacção criança/pais nas crianças que vivem com a família;
- verificar a interacção criança/pais nas crianças que vivem numa instituição;
- verificar os stressores familiares nas crianças que vivem com a família;
- verificar os stressores familiares nas crianças que vivem numa instituição;
- avaliar o nível sócio-económico das crianças que vivem com a família;
- avaliar o nível sócio-económico das crianças que vivem numa instituição;
- avaliar o desenvolvimento de capacidades de socialização nas crianças que vivem com a família;
- avaliar o desenvolvimento de capacidades de socialização nas crianças que vivem numa instituição;
- comparar o desenvolvimento de capacidades de socialização das crianças que vivem com a família, com o das crianças que vivem numa instituição;
- comparar a constituição dos agregados familiares da população do concelho de Portalegre, com o das crianças que vivem com a família, e os mesmos, com o das crianças que vivem numa instituição.

Diz U. Bronfenbrenner, (1994), que sabemos bastante acerca do desenvolvimento da criança, mas sabemos muito pouco acerca das circunstâncias do seu desenvolvimento e acerca do modo como essas circunstâncias afectam as suas vidas, e sabemos ainda menos acerca do que aconteceria se essas circunstâncias fossem alteradas.

Assim, considera que a prioridade das nossas intervenções - investigações reside essencialmente em investigações rigorosas sobre as condições em que as crianças vivem, sobre o modo como essas condições afectam o desenvolvimento das crianças e, sobretudo, como tais condições poderiam ser alteradas no sentido da promoção do potencial de desenvolvimento de cada criança.

Através dos resultados, é importante saber quais as crianças mais vulneráveis, quais as circunstâncias do seu desenvolvimento ao nível de capacidades de socialização, e de que modo essas circunstâncias afectam o seu desenvolvimento.

O modelo ecológico de Bronfenbrenner pode fornecer as bases teóricas, quer para a compreensão da génese dos défices das crianças, quer para intervir aos diferentes níveis no sentido de atenuar ou eliminar os efeitos desses défices.

Assim, e sobretudo no campo da psicologia, a infância transforma-se na etapa de vida privilegiada para ser alvo de acções de prevenção primária. Para isso, torna-se necessário identificar os mais precoces sinais de desadaptação que possam levar a eventuais patologias futuras, sem o que, não se poderá actuar na prevenção da doença mental, Ledingham e Crombie (1988), citados por Helena Marujo(1992).

Em síntese, as principais hipóteses deste trabalho são as seguintes:

- existe diferença significativa entre o desenvolvimento de capacidades de socialização das crianças que vivem com a família e o das crianças que vivem numa instituição;
- a interacção criança / pais ao longo da infância é factor determinante no desenvolvimento de capacidades de socialização da criança;
- existe correlação entre desenvolvimento de capacidades de socialização da criança e o nível sócio-económico donde provém a criança;
- os stressores familiares são factores que inibem o desenvolvimento de capacidades de socialização da criança;
- existe diferença significativa entre a constituição dos agregados familiares da população do concelho de Portalegre, e o das crianças que vivem com a família, e entre os mesmos, e o das crianças que vivem numa instituição.

O primeiro capítulo do nosso trabalho encontra-se dividido em cinco pontos, nos quais procederemos a uma abordagem teórica da problemática. No primeiro ponto, descreveremos o desenvolvimento da criança enquanto contextualizado, segundo o modelo ecológico do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner. No segundo ponto deste capítulo, referiremos o desenvolvimento de capacidades de socialização da criança em idade escolar, a nível de interacções horizontais e verticais. No terceiro ponto, apresentaremos uma breve reflexão das dinâmicas familiares na sociedade actual. No quarto ponto, a nossa atenção incidirá sobre a importância da qualidade do ambiente familiar no desenvolvimento da criança. No quinto e último ponto deste capítulo, reflectiremos a importância e o peso dos contextos familiares que em tanto determinam e influenciam os riscos em que a criança pode ocorrer, nomeadamente, no envolvimento em situações de ausência de estimulação ou de pobreza marcante.

O segundo capítulo encontra-se dividido em três pontos. Procederemos em primeiro lugar, à caracterização geral do concelho, essencialmente no que se refere à sua localização e à sua panorâmica sócio-económica. No segundo ponto, procederemos às suas caracterizações sociodemográfica, administrativa, do volume, dos ritmos de crescimento da população no final do século passado e nos vários períodos deste século, da densidade populacional, seguidamente analisaremos a estrutura etária da população e, finalmente, focaremos a dinâmica natural da população. No terceiro e último ponto, identificaremos as famílias do referido concelho.

O terceiro capítulo encontra-se dividido em três pontos. No primeiro ponto, procederemos a uma abordagem teórica sobre espaço e sua organização, seguidamente caracterizaremos os locais em estudo. No segundo, abordaremos a metodologia utilizada no trabalho, desde o plano de pesquisa, os sujeitos do estudo, a definição das variáveis até ao tipo de procedimentos utilizados. No terceiro ponto, apresentaremos os resultados obtidos, procederemos à sua análise e discussão, face aos objectivos e às hipóteses formuladas.

No quarto capítulo apresentaremos as conclusões gerais do estudo formulado.

No quinto e último capítulo, referiremos algumas sugestões, julgando da pertinência do tema em questão e dos resultados obtidos, e apresentaremos algumas perspectivas de investigação futura que se nos oferecem como pertinentes.

CAPÍTULO I

A PROBLEMÁTICA

INTRODUÇÃO

Desde há alguns anos se diz que a psicologia tem por objecto de estudo a interacção sujeito / mundo, vendo-se o desenvolvimento humano como função, simultaneamente, da maturação biológica do indivíduo e das interacções que ele estabelece com os vários contextos imediatos em que vive.

Nesta linha de pensamento intervir na promoção do desenvolvimento humano significa intervir simultaneamente no indivíduo e nos diferentes contextos da sua existência.

O ambiente, tal como é descrito por Bronfenbrenner, é composto por uma série de estruturas interligadas (Microsistema, Mesossistema, Exossistema e Macrossistema), no centro das quais está o sujeito em desenvolvimento.

Na descrição destas diferentes estruturas ecológicas o autor demonstra que o ambiente, que é considerado relevante para o processo de desenvolvimento humano, não se limita ao contexto imediato em que se encontra o sujeito, mas engloba estruturas mais vastas.

A partir da perspectiva ecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner, a família é considerada como principal contexto educativo ou promotor do desenvolvimento humano.

O envolvimento directo dos pais e da comunidade na educação das crianças é hoje primordial para o seu desenvolvimento.

A complexidade do mundo actual, manifesta-se pelas rápidas mutações demográficas, tecnológicas e sociais, com reflexos enormes nas estruturas familiares e sociais, como: a rápida urbanização, a fome, o isolamento rural, as migrações, o aumento das famílias monoparentais e o desaparecimento da família alargada. Estes são factores que fragilizam o poder de socialização dos pais.

A família é um sistema que necessita da colaboração de outros sistemas, que constituem o mundo ecológico da criança, neste estão incluídos a escola, o bairro e as instituições comunitárias, as quais constituem uma rede de apoio ao desenvolvimento da

criança. Mas, quando esses sistemas não estão estimulados, essa rede de apoio não funciona, e surgem crianças com problemas de socialização, (famílias negligentes ou abusivas ou mesmo ausência precoce de família ou de cuidados, pobreza e outras situações de exclusão social) podendo ter efeitos desastrosos na criança.

É fundamental ter uma acção preventiva, para a qual a detecção precoce de alterações no desenvolvimento ou de certos factores de inadaptação nas crianças é imprescindível.

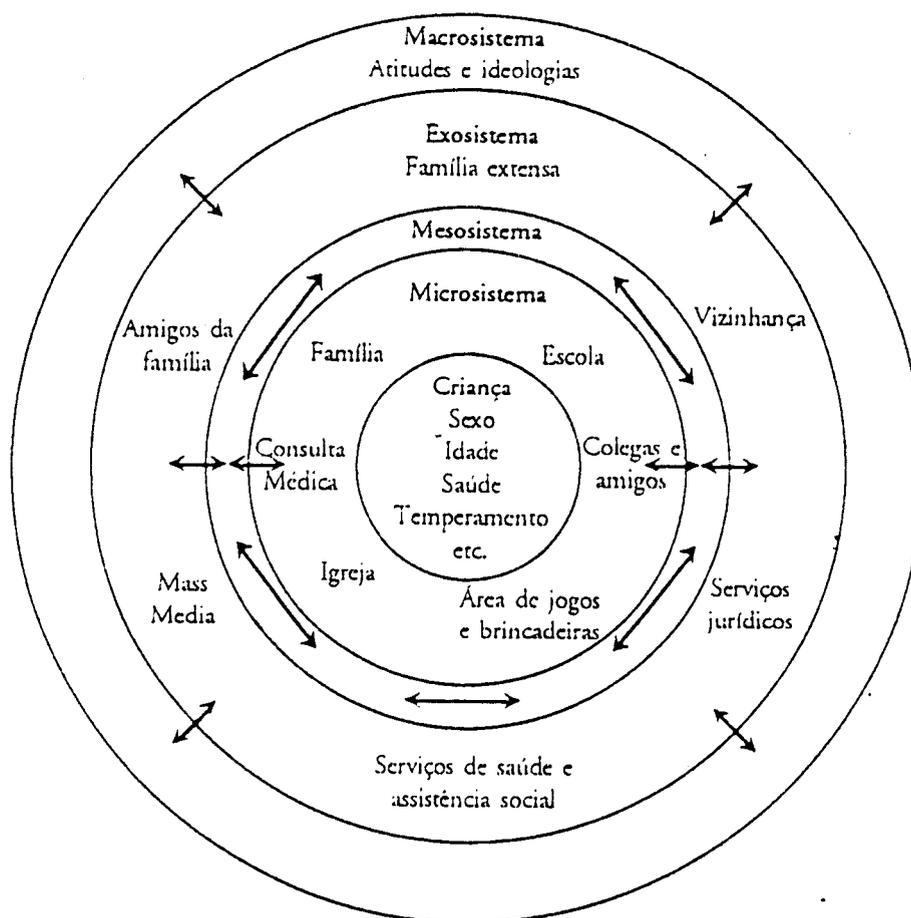
1- PERSPECTIVA ECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

SEGUNDO URIE BRONFENBRENNER

Existe um descontentamento na psicologia do desenvolvimento com as teorias e modelos explicativos, exclusivamente ligados à idade e ligados a determinantes maturacionais, que conduziu à abordagem teórica do desenvolvimento em contexto, considerando o desenvolvimento humano como um produto das transações entre os seres humanos e o seu meio.

Segundo Valsimer, (1987), referenciado por Bairrão, (1992), a complexidade do desenvolvimento humano implica modelos de estudo que tenham em conta as condições e circunstâncias de vida. Essas perspectivas podem chamar-se ecológicas, segundo Bronfenbrenner, (1983, 1986,1994), pois conceptualiza o desenvolvimento do indivíduo como resultado da interacção deste com o seu meio ambiente.

Figura nº1: modelo ecológico de Bronfenbrenner



Fonte: PORTUGAL, Gabriela (1992) - Ecologia e Desenvolvimento Humano em Bronfenbrenner.

Assim, o sujeito em desenvolvimento é colocado no centro, e as suas mais directas interações são realizadas com o microsistema, estando outros contextos mais vastos envolvidos: Mesossistema, exossistema e macrosistema.

A mesma autora define o microsistema como o complexo de actividades, papéis e relações existentes entre o sujeito e o seu ambiente, vivenciados ou experienciados num contexto imediato. Este é concebido como um local onde os indivíduos podem estabelecer interações. O lar, a escola, o infantário, o local de trabalho, são exemplos de contextos onde os indivíduos estabelecem determinadas relações interpessoais e onde desempenham determinadas actividades e papéis (de filho, aluno, pai, professor, empregado,...) durante um certo período de tempo.

Segundo Bronfenbrenner, (1987), transição ecológica acontece sempre que a posição do indivíduo se altera em virtude de uma modificação do meio ou dos papéis e actividades desenvolvidos pelo sujeito, relativamente às transições ecológicas. Estas ocorrem em todas as idades, são um elemento no processo de desenvolvimento, que podem acontecer em qualquer dos quatro níveis da estrutura ecológica.

A maioria das transições ecológicas vão influenciar mais que um contexto, como quando a criança vai pela primeira vez para o infantário, o padrão das actividades familiares altera-se.

A criança, inicialmente, tem apenas consciência dos acontecimentos do seu contexto imediato (microssistema). Só mais tarde, é que a criança descobre as relações entre acontecimentos e pessoas significativas, desenvolvendo o sentido de mesossistema. Esta capacidade, numa perspectiva ecológica, demonstrará o processo de desenvolvimento. Segundo U. Bronfenbrenner este processo de desenvolvimento pode ser concluído por meio da análise das actividades, papéis e relações em que o sujeito actua.

Duma forma geral, poderemos afirmar que U. Bronfenbrenner observa o desenvolvimento simultaneamente em dois domínios: o da acção e o da percepção. A nível da percepção, o sujeito vê o mundo para além da situação imediata, incluindo outros elementos e contextos, inter-relações nesses contextos, natureza e importância de contextos externos. O sujeito não actua directamente nem na organização social, nem nos sistemas de valores, de crenças e de cultura. Ao nível da acção, o sujeito aumenta a capacidade de utilizar estratégias de acordo com a realidade observada e de desenvolver actividades que permitam criar situações mais compatíveis com o desenvolvimento do sujeito.

Para U. Bronfenbrenner, (1994), o desenvolvimento envolve uma mudança no comportamento que não é situacional ou momentâneo. Isso poderá indicar um processo de adaptação do sujeito à situação, e não um verdadeiro processo de desenvolvimento.

Se o sujeito permanecer num determinado contexto, torna-se difícil avaliar se esse contexto tem influências benéficas ou maléficas no seu crescimento. O comportamento observado pode ser apenas adaptativo e não apresentar mudanças importantes a nível do desenvolvimento.

A perspectiva ecológica do desenvolvimento causa complicação ao nível da metodologia de investigação e, sobretudo, confere grande importância à validade ecológica.

Uma investigação é observada como ecologicamente válida se for feita num contexto natural, envolvendo objectos e actividades do dia a dia. Embora não se possa ignorar que as propriedades do contexto em que a investigação tem lugar influenciam os processos ou comportamentos que ocorrem no contexto, afectando, por conseguinte, a interpretação e generalização dos dados da investigação, segundo Bronfenbrenner (1977).

Segundo o autor Soczka, (1989), referenciado por Bairrão, (1994), a validade ecológica refere-se à medida em que o ambiente experimentado pelos sujeitos numa investigação científica tem as propriedades que é suposto ter pelo investigador. Pode, pois, inferir-se que um ambiente estranho altere a conduta do sujeito, e daí que os resultados da observação possam aparecer alterados, não sendo válidos. No entanto, nem sempre é possível observar as pessoas nas suas condições de vida normais e pode até ser importante observá-las em cenários não habituais (ditos de laboratório). Quando isso acontece importa saber qual é o significado daquilo que estamos a observar.

Bronfenbrenner, (1977), citado por Portugal G., (1992), propõe que nas primeiras fases de investigação científica se empregue a experimentação, não com o usual objectivo de testar hipóteses, mas para analisar a natureza da interacção entre o sujeito e o meio ambiente.

Essa reorientação pode adquirir diferentes formas:

- Entrevistando os sujeitos, após a observação, no sentido de descobrir se a sua visão retrospectiva da situação é consistente com a intenção ou objectivos do investigador.

- Introduzindo as mesmas actividades em diferentes contextos (escola, laboratório) para identificar eventuais efeitos do contexto.

Perante estas considerações, a autora oferece-nos um quadro teórico para análise do *“campo psicológico baseado em três elementos do microssistema: actividade, relações e papeis”* (Gabriela Portugal, 1992: 55).

Uma actividade molar é um comportamento contínuo, que é percebido pelo sujeito como tendo um significado ou intenção. Segundo U. Bronfenbrenner todas as actividades molares são formas de comportamento, mas nem todos os comportamentos são formas de actividades molares. Nem todos os comportamentos têm o mesmo valor como manifestações ou como influências no desenvolvimento. Muitos são momentâneos, são os chamados comportamentos moleculares.

Urie Bronfenbrenner refere que algumas actividades molares não são caracterizadas de uma forma consciente: o dormir e o andar às voltas numa sala.

O carácter temporal das actividades molares liga-se ao modo como a estruturação do objecto é percebido - directamente, envolvendo uma única acção (exemplo: subir a uma cadeira para chegar à caixa das bolachas) ou, envolvendo uma sequência de pré-objectivos (exemplo: organizar uma ida ao campo para procurar folhas de plantas para construir quadros de folhas secas para mais tarde vender numa loja, obtendo assim dinheiro para férias...).

Embora as actividades molares possam ser a sós, algumas envolvem interacções com outras pessoas. Em particular, as crianças passam grande parte do seu tempo desenvolvendo actividades conjuntas com adultos ou com outras crianças.

As actividades molares na criança reflectem a evolução e complexidade na percepção do mundo, no contexto imediato, como também a capacidade da criança para conviver e modificar o seu ambiente de acordo com os seus desejos e necessidades.

O estágio de desenvolvimento do sujeito irá reflectir-se na variedade de actividades molares que o indivíduo desenvolve.

Continuando a apresentar o quadro teórico para análise do campo psicológico da criança, surge o segundo elemento do microssistema, as relações inter-individuais. Sempre que duas pessoas participam em actividades conjuntas, constitui-se uma díade.

Urie Bronfenbrenner considera três tipos de díades:

- Díade observacional
- Díade de actividade conjunta
- Díade primária

uma díade observacional ocorre sempre que um sujeito presta atenção à actividade do outro. (Exemplo, a criança que observa a mãe preparando o jantar que, por sua vez, vai dialogando com a criança). Se duas pessoas prestam atenção uma à outra , haverá tendência para ambas se envolverem nas actividades. Deste modo díades observacionais tendem a transformar-se em díades de actividade conjunta.

Uma díade de actividade conjunta, temos como exemplo: pai e filho vêem um livro de histórias, mãe e filho brincam às escondidas, almoçam juntos....

O potencial de desenvolvimento de uma díade de actividade conjunta é do facto de conter maior grau de propriedades como: reciprocidade, equilíbrio de poder e relação afectiva.

Neste sentido, se um membro de uma díade quebra o processo de desenvolvimento, o outro também quebrará. O conceito de reciprocidade tem a ver com o conceito de interação e interdependência.

Deste modo, a reciprocidade ou interação no decurso da actividade conjunta, traz grandes contributos a nível do desenvolvimento. Tal aprendizagem influenciará os seus desenvolvimentos cognitivo e social.

A relação afectiva pode ser positiva ou negativa. Se for positiva favorecerá a ocorrência do processo de desenvolvimento, caso contrário, será nefasto interferindo no processo de desenvolvimento e aprendizagem.

A relação afectiva existente numa díade proporcionará o aparecimento de um terceiro tipo de díade: uma díade primária.

Quando duas pessoas participam numa actividade conjunta, têm tendência a desenvolver sentimentos mais fortes. Assim, díades de actividade conjunta tendem a transforma-se em díades primárias.

Díades observacionais, díades de actividade conjunta e díades primárias podem surgir simultaneamente. Temos como exemplo a mãe e a criança que vêem um livro de história juntas - trata-se de uma actividade conjunta que é realizada no contexto de uma díade primária; mas se o papel da criança for apenas como ouvinte da história que a mãe relata, tratar-se-á de uma díade primária. Deste modo, se os membros da díade se mantiverem no contexto de uma actividade conjunta, a aprendizagem é facilitada através de uma díade observacional.

Os estudos clássicos de Spitz sobre efeitos da privação maternal constituem um ponto importante para a revisão feita por Urie Bronfenbrenner acerca da privação precoce, segundo Bronfenbrenner (1994).

O autor reforça que os efeitos da institucionalização precoce irá prejudicar o desenvolvimento psicológico da criança. Surgindo no entanto discórdia entre alguns autores. Para uns os efeitos observados têm a ver com um empobrecimento da estimulação ambiental no contexto institucional, e para outros, tem a ver com a ausência ou separação da mãe.

Mas Urie Bronfenbrenner refere que um contexto institucional é debilitante para a criança, se esta não tiver uma figura maternal ou substituto, alguém com quem a criança desenvolva uma relação primária.

Continuando a apresentar o quadro teórico para análise psicológica da criança, surge o terceiro elemento do microsistema, o papel que é visto como o comportamento esperado de alguém com um determinado estatuto.

Numa perspectiva ecológica, segundo Bronfenbrenner, (1994), é visto como um conjunto de actividades e relações esperadas de alguém que ocupa uma determinada posição na sociedade e dos outros em relação a essa pessoa.

O conceito de papel integra assim elementos como actividades e relações ao nível das expectativas sociais.

Dado que estas expectativas se definem ao nível da cultura ou subcultura, o papel, que, embora funcione como um elemento do microsistema, tem as suas raízes ao nível do macrosistema.

Bronfenbrenner considera que o crescimento psicológico da criança é promovido através da interacção com pessoas que desempenham vários papéis - primeiro no seio da família (mãe, pai, irmãos, avós,...) e depois para lá da família, (amigos, vizinhos, professores,...).

Ao definir-se mesossistema, como um conjunto de inter-relações entre dois ou mais contextos, em que o indivíduo em desenvolvimento participa activamente, é importante definir que tipo de inter-relações são essas.

A participação multi-contextual é definida por uma rede social em que o sujeito em desenvolvimento participa. Temos como exemplo, a criança que, para além da vida familiar, vai à escola, à nataçãõ....

Mas as mensagens ou informações transmitidas de um contexto para outro, comunicação intercontextual, poderá sê-lo através do telefone, correspondência escrita, notícias....

Se a criança vai pela primeira vez à escola sem ser acompanhada, trata-se de uma transição solitária entre os dois microsistemas. Se a criança vai acompanhada por exemplo, pela mãe, que a apresenta ao professor e às outras crianças, fala-se de uma transição dual.

Uma transição dual permite a formação de um sistema de três pessoas. O terceiro elemento pode servir como fonte de segurança, fornecer um modelo social de interacção, reforçar as iniciativas do sujeito em desenvolvimento.

Bronfenbrenner acrescenta que o potencial de desenvolvimento, permitido pela existência de um terceiro elemento, depende da sua relação com o sujeito, bem como da natureza das díades estabelecidas no novo contexto; se são apenas observacionais (a

mãe actua como visitante), se envolvem actividades conjuntas (a mãe conversa com a professora), ou se evoluem para uma díade primária (mãe e professora tornam-se amigas).

Pensa-se que o envolvimento em diversas actividades, em diferentes contextos, facilita o conhecimento de uma grande variedade de indivíduos, tarefas e situações, o que favorece o desenvolvimento das competências sociais e cognitivas do sujeito.

Bronfenbrenner sugere que a existência de díades transcontextuais ao longo da vida do sujeito irá favorecer a capacidade e motivação para aprender e se desenvolver.

Considera ainda o autor que o potencial de desenvolvimento de um contexto num mesossistema é em função do número de ligações de segurança ou de apoio existentes nos vários contextos, sobretudo se estas ligações são feitas com indivíduos com quem já se desenvolveram díades primárias. Por exemplo, o pai da criança que visita a escola já conhece e participa em actividades conjuntas com membros do novo contexto (o pai da criança e o professor são companheiros na natação).

O desenvolvimento será também facilitado se anteriormente a cada entrada num novo contexto (ir à escola, ir acampar) o sujeito tiver conhecimento e informação sobre a possível transição.

Se estas hipóteses forem válidas, as relações entre escola e o lar deveriam ser mais frequentes, de forma a promover a motivação e capacidade das pessoas que lidam com a criança para agir no sentido do bem estar.

O exossistema é uma extensão do mesossistema que engloba estruturas sociais específicas, formais e informais, onde o sujeito em desenvolvimento não participa directamente, mas em que se influenciam os contextos onde se encontram.

As condições de trabalho são percebidas como importantes forças que afectam a capacidade dos indivíduos para funcionar efectivamente, por exemplo como pais, o que, claramente, influencia o desenvolvimento da criança.

O que se torna necessário é uma sistemática avaliação do “stress” e/ou apoio ambiental experienciados pelas famílias na nossa sociedade, e dos efeitos desta experiência na família, enquanto contexto educativo.

Em consequência, o processo de desenvolvimento individual é visto como ocorrendo no seio de um sistema ecológico dinâmico.

O macrossistema tem a ver com o sistema de valores, crenças, maneiras de ser ou de fazer, estilos de vida, características de uma determinada sociedade, cultura.

O macrosistema é algo em permanente movimento, confere movimento a todos os seus sistemas até ao nível do sujeito.

No que diz respeito à investigação sobre a influência do macrosistema no desenvolvimento humano, tradicionalmente, os investigadores têm recorrido à identificação de variáveis como classe social, grupo étnico, cultural, etc.. A estratégia consiste em seleccionar uma amostra de crianças ou pais e demonstrar como, por exemplo, diferentes educações se correlacionam com diferentes tipos de desenvolvimento.

2- SOCIALIZAÇÃO DA CRIANÇA EM IDADE ESCOLAR, A NÍVEL DE INTERACÇÃO

Muita da investigação actual em desenvolvimento tem procurado continuar os primeiros estudos sobre identidade, feitos por Erickson. Para Erickson, o desenvolvimento afectivo é também social.

Segundo (Gomes Pedro, 1995:8) *“nascemos sociais e desenvolvemo-nos à mercê de um contexto de relações”*.

Segundo o mesmo autor, os auto-conceitos que sucessivamente vamos construindo provêm das interacções que se vão produzindo entre a nossa evolução biológica e as nossas vivências tanto sociais como afectivas.

O desenvolvimento da criança processa-se num meio ecológico / social e um dos aspectos fulcrais do desenvolvimento da criança é de amanhã ser capaz de funcionar de uma forma integrada, como indivíduo na sociedade. A socialização da criança realiza-se através da interacção com grupos sociais que são muito variados e com maior número de elementos. Na idade escolar, os dois meios em que a criança se move são a família e a escola.

Uma das melhores formas de avaliar o comportamento social da criança é através da observação da sua interacção com os colegas e adultos na escola (na classe e no recreio) e na família. Por vezes, verifica-se que o comportamento da criança varia de contexto para contexto. Essas diferenças de comportamento dependem dos diferentes papéis sociais que a criança assume, no conhecimento que foi adquirindo dos próprios meios, em que interage, e das vantagens de se comportar de uma ou de outra maneira.

A criança aprende a comportar-se socialmente de acordo com o que dela é esperado através da internalização das regras sociais transmitidas pelos pais e adultos cuidadores, identificando-se com estes.

Ao longo da idade escolar, a criança vai interagindo noutros ambientes, vai internalizando continuamente os costumes extra-familiares associados a outros grupos sociais.

O autor Hartup (1989) refere que as investigações recentes mostram que as capacidades de socialização dos indivíduos se associam com as suas experiências de relações interpessoais próximas. O mesmo autor refere que a criança estabelece, ao longo do seu desenvolvimento, dois tipos básicos de relações interpessoais: as verticais e as horizontais. As verticais dizem respeito às ligações com outros sujeitos, normalmente adultos (pais ou professores) que têm maiores conhecimentos e maior poder do que as crianças. Estas relações têm também como objectivo proporcionar protecção e segurança. É no contexto dessas relações que as capacidades de socialização se desenvolvem.

Nas relações horizontais os sujeitos envolvidos têm todos o mesmo poder social. No contexto infantil englobam outras crianças (colegas da escola). As trocas sociais ocorridas nessas relações caracterizam-se pela reciprocidade e pela igualdade de poder e são menos exclusivistas do que as relações verticais, fonte de segurança. As relações horizontais permitem à criança elaborar as suas capacidades de socialização com sujeitos que lhe são semelhantes. Segundo o mesmo autor, as relações sociais que a criança estabelece contribuem para o seu desenvolvimento, elas afectam igualmente o sujeito com quem a criança se relaciona.

No contexto familiar o relacionamento com a mãe é fundamental nos primeiros anos de vida, o relacionamento com o pai vai tendo progressivamente mais importância. Na idade escolar as relações com o pai envolvem actividades de jogo e a interacção tende a ser centrada na própria acção. As relações com a mãe mantêm-se mais íntimas e recíprocas embora por vezes sejam também mais conflituosas.

A ocorrência de relações inter-pessoais que dão segurança está associada a padrões de funcionamento cognitivo que implicam uma internalização eficiente de mecanismos reguladores de controlo. Patterson, Rebaryshe e Ramsey (1989) referem que muitos estudos empíricos têm mostrado que nas famílias, em que as relações se caracterizam por uma imposição inconsistente de disciplina, pouco envolvimento com a

criança e fraca supervisão do seu comportamento, favorecem assim a insegurança, ocorrendo mais frequentemente comportamentos anti-sociais.

A amizade entre crianças parece caracterizar-se pela semelhança entre sujeitos, pelos interesses comuns de jogo, e pela cooperação. Como é referido por Hartup, (1989), a amizade possibilita o desenvolvimento de capacidades de socialização, o que faz com que as crianças com poucos amigos tenham também menos oportunidade de desenvolver essas capacidades.

Quer as relações verticais, quer as horizontais contribuem para um bom funcionamento emocional da criança e para o desempenho adequado das capacidades de socialização.

Meconaughey e Ritter (1986) referem que existem com frequência problemas socio-emocionais nas crianças com dificuldades de aprendizagem (sentimentos de insegurança, baixa auto-estima, depressão) e problemas de comportamento que conduzem a condutas menos adaptativas. Os mesmos autores concluíram na sua investigação que os rapazes, (com idades compreendidas entre 6 e os 11 anos) que constituem o grupo experimental, apresentam mais problemas de capacidades de socialização que os rapazes da mesma idade e sem dificuldade de aprendizagem.

A consistência de identidade é feita destas vivências que nascem dos sentidos, que se infiltram e se depositam no ser e no estar.

Quando ela, de facto, é consistente, o resultado é auto-estima, é equilíbrio. Quando não é consistente e, por isso, não fiável, a vulnerabilidade cresce e com ela o stress, o risco, a falência.

3- DINÂMICAS FAMILIARES NA SOCIEDADE ACTUAL

Em geral, consideramos que a família é o núcleo crucial onde ocorre o desenvolvimento, isto é, consideramo-la como um contexto educativo por excelência, sendo-lhe conferida a responsabilidade moral e legal na educação e desenvolvimento dos seus filhos. Consideramos, assim, que a função primária da família reside na educação e na criação das suas crianças.

Gabriela Portugal (1990) refere que educar e criar será fornecer à criança segurança, refúgio, alimento, vestuário, preservar a sua saúde, protegê-la de quaisquer danos físicos ou psicológicos, acalmá-la na dor física ou psicológica... enfim, fornecer-lhe os requisitos fundamentais para cimentar a sua tarefa de construção de uma existência própria, na base de um projecto pessoal, isto é, a família, sendo um contexto educativo, promove o desenvolvimento humano.

Segundo Gomes Pedro, (1995), em cada família existe um infinito de valores transmitidos de geração em geração e, em todo esse testemunho passado e partilhado num envolvimento de afecto e de identidade, sobrevive e desenvolve-se um sentido de poder e de orgulho que reforça o carácter e inspira o comportamento.

A instituição familiar vem instigando, nomeadamente no decurso de 1994, uma particular atenção por parte das mais diversas organizações, nacionais e internacionais. Considerada a “*unidade fundamental da sociedade*”, assim consagrada em declaração e constituição políticas, a família tem estado no centro de discursos e de realizações.

Não será fácil compreender a mudança na família se não se percebem as alterações produzidas na sociedade global. O mundo contemporâneo é cenário de rápidas e profundas transformações que atingem os domínios da economia, da ciência, da tecnologia, das relações sociais, das representações, dos valores e das normas, com uma dimensão cada vez mais global.

As dinâmicas familiares são, de facto, função de transformações mais amplas que ocorrem na sociedade global. Não será destas mudanças estruturais que se ocupa este ponto, por serem observáveis e reconhecíveis por todos. São abordados apenas os fenómenos tidos como mais relevantes para o conhecimento da problemática da família.

A família tradicional - extensa ou nuclear - é, para a grande maioria, a principal experiência de convivência social. Tais modelos continuam a ser dominantes no mundo

ocidental, e nomeadamente em Portugal. O seu predomínio pesa na avaliação positiva da instituição familiar.

A família tornou-se um espaço emocional, onde se desenham estratégias centradas na realização pessoal. Cada vez é menos uma comunidade estável, mas sujeita a oscilações.

A desinstituição em cadeia provoca a decomposição da família, destruindo-a como célula social, deixando as relações interindividuais cada vez mais problemáticas. Apagando-se o próprio espírito de família, reduzem-se as formas comuns das relações familiares.

Segundo António Fernandes, (1994), nos últimos vinte anos operou-se uma mudança nos padrões de conduta familiar, com as seguintes orientações fundamentais:

- *“As taxas de nupcialidade baixaram sensivelmente e o casamento passou a ser menos frequente, e cada vez mais tardio;*

- *O casal fragilizou-se e o divórcio tornou-se banal, subindo em flecha as suas taxas, atingindo sobretudo as classes médias;*

- *A duração média do casamento diminuiu e o divórcio ocorre cada vez mais cedo;*

- *Cresceram significativamente os grupos domésticos monoparentais, nomeadamente, nos grandes centros urbanos;*

- *Embora a maioria dos divorciados ou separados volte a casar, o recasar destes é progressivamente mais raro;*

- *A coabitação juvenil e as uniões de facto têm tido um grande aumento;*

- *As taxas de natalidade atingem valores muito baixos e mantêm-se relativamente estáveis;*

- *As taxas do nascimento fora do casamento são progressivamente mais elevadas em relação ao conjunto das uniões”.*

Ramiro Marques (1993) acrescenta as seguintes orientações:

- *“A família alargada, composta por pais, filhos e avós, fragmentou-se e constitui, hoje em dia, excepção;*

- *Há cada vez mais crianças privadas do convívio diário e continuando com os avós;*

- *Os pais passam cada vez menos tempo com os filhos;*

- A percentagem de filhos nascidos fora do matrimónio, em Portugal, em 1992, foi de 16,1%, ou seja, 7% mais do que em 1980, segundo dados do Instituto Nacional de estatística de Agosto de 1993;

- As mulheres portuguesas têm o seu primeiro filho cada vez mais tarde - em 1992, a média foi aos 25 anos de idade e em 1980 foi aos 23,6 anos de idade;

- A crescente afirmação profissional das mulheres portuguesas pode explicar em parte, o decréscimo da taxa de natalidade, visto que a taxa das mulheres profissionais sem filhos é 26% superior à das que têm filhos, na faixa etária dos 20 aos 39 anos de idade;

- A fragmentação das relações da vizinhança”.

Ao lado da família extensa existem as seguintes modalidades: a família nuclear (sob a forma de família aliança, fusão ou associação), a coabitação juvenil, a família associação de facto e a relação livre sem associação.

O mundo contemporâneo favorece o modelo familiar que dá prioridade à satisfação momentânea dos prazeres da vida. Perdem, em consequência, sentido os compromissos definitivos e a família torna-se estruturalmente instável.

A família entrou em crise, sobretudo para aqueles que já não acreditam no casamento, o matrimónio e a família não são mais os espaços por excelência da afectividade e do amor.

A família de hoje tem vindo a perder o equilíbrio nas relações familiares.

A violência no lar compromete o desenvolvimento equilibrado da família no futuro. As famílias actuais, vivendo no conflito e na violência, criam nos jovens uma atitude contra o casamento.

A família entra em desagregação quando se deixa de sentir e perceber o mistério da vida.

Tendo em conta as tendências anteriormente apontadas, assume devido relevo a abordagem que de seguida será feita no domínio da família que ocorreu no distrito do Porto e parte do distrito de Aveiro, citado por António Fernandes (1994). A ideia da família é dada pelos próprios cônjuges. (Na minha opinião, conveniente seria conhecer ainda o que pensam as crianças sobre a família de origem e sobre o lar que idealizavam para o amanhã...). De acordo com os resultados obtidos a tendência é para se pensar que a família de hoje é menos estável do que a de outrora, 69%. Somente 28% pensam que ela é mais estável. Diversas são as causas atribuídas à crescente desagregação da família. Por ordem decrescente, essas causas, assinaladas pelos próprios inquiridos, são a doença,

a falta de condições económicas, o desemprego, a carência de habitação e a imaturidade humana. Atendendo a este mesmo problema - as causas da desagregação - , mas agora pelo seu lado positivo, verifica-se que os aspectos que mais contribuem para a estabilidade e o bom ambiente familiares são, também por ordem decrescente, indicados pelos próprios inquiridos: o respeito, a compreensão mútua, o diálogo, a verdade e a afectividade.

Alguns estudos revelam, por outro lado, que a valorização da família tende a descer desde que se alarga e intensifica o processo de urbanização. Nos meios urbanos o grupo familiar reveste-se ainda de grande importância, mas tal importância decresce de harmonia com o volume e a densidade de aglomerações.

Brazelton, (1995:69), no trabalho apresentado numa conferência, refere:

- “Não vejo futuro para crianças sem família nem para as famílias sem crianças. Assim, aquilo em que devemos pensar é naquilo que poderemos fazer para suavizar a pressão que é exercida nas famílias e que nos conduziu a este precipício. E penso que esta situação é muito perigosa. No meu país, o governo não é sensível à questão das crianças e das famílias, elas constituem mesmo a última prioridade em vez de constituírem a primeira. Acima delas estão os novos valores, a guerra e a economia. Se repararem, os nossos padrões são: a paranoia, a guerra, o dinheiro e o poder. Não há família nenhuma que queira isto para os seus filhos”.

Na minha opinião, e relativamente às famílias, o aspecto mais grave é a ausência de valores. São esquecidos valores muito importantes e que não são substituídos.

4- IMPORTÂNCIA DA QUALIDADE DO AMBIENTE FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Quase todos os pais percebem pouco de diferenças até terem um segundo filho. Só nesta altura, de facto, começam a acreditar que a evolução das aquisições - motoras, sensoriais, sociais e, sobretudo, afectivas - não parecendo muito diferentes entre si, expressam-se por detalhes que inspiram a descoberta de temperamentos distintos.

“O temperamento é a flor de uma planta que nasce num determinado ecossistema.

Em cada jardim cada planta cresce o que a semente programa, mas também é verdade que ela cresce o que pode, ou seja, o que deixam crescer”, (Gomes Pedro, 1995:7).

Vulgarmente, considera-se que o melhor para a criança é permanecer junto da família, particularmente a mãe.

Tradicionalmente, é a mãe a figura eleite que através dos cuidados repetidos com a criança, efectuados num clima afectivo apropriado, é interiorizada e incorporada pela criança, passando a fazer parte dela a segurança, a estabilidade emocional de que necessita para avançar na vida.

Vários autores são unânimes em afirmar que a interacção precoce mãe / bebé nas primeiras horas após o nascimento, como nos primeiros dias, sendo esse contacto prolongado, em ambos os períodos, ajuda as mães a desenvolver uma relação afectiva com os seus bebés.

O envolvimento paternal aumenta nos casos em que se permite ao pai interagir e estabelecer um contacto cara-a-cara com o bebé durante uma das suas primeiras horas de vida.

Assim, torna-se importante que a família goze de privacidade nas primeiras horas de vida, nas quais se estabelece a ligação entre os seus membros mais velhos e o mais novo.

A ligação que existe à volta do nascimento e do parto acaba numa paixão, mas é preciso que o amor persista e a continuação deste amor represente um processo de vinculação.

O que na minha opinião é importante é o que o bebé diz para o adulto: -“Eu conheço-te e sei como te cativar e sei que estás aí para mim”. E penso que é disto que os pais precisam. Eles precisam de reconhecer isso, precisam de sentir, -“eu fui bem sucedido com o meu bebé e comigo próprio”.

Quando o bebé é perfeitamente normal, ele tenta 15 coisas diferentes para tentar cativar a atenção da mãe.

Segundo Bowlby (1972,1978), citado por Gomes Pedro (1987), que foi o primeiro a considerar que existe uma ligação específica entre o bebé e a sua mãe, primariamente destinada a aumentar a capacidade de sobrevivência do recém-nascido, (o que tem sido constatado sob diversos ângulos na história da evolução humana). Os progressos no estudo do desenvolvimento das primeiras relações sociais humanas têm confirmado a importância primordial da interacção precoce mãe-filho, que deriva do

facto de ser a mãe a primeira pessoa a estabelecer relações positivas com o recém-nascido.

Uma das vantagens dessa interação precoce é a oportunidade da mãe poder ficar sincronizada com a individualidade do seu bebé e, nessa medida, interpretar correctamente os seus sinais sensoriais e estímulos comunicativos.

Neste contexto, a mãe responde às características interactivas e de alerta do seu filho com manifestações de comportamento afectuoso, tais como olhar, sorrir, vocalizar, acariciar e beijar.

Muitos dos comportamentos do recém-nascido, hoje melhor conhecidos a partir de Brazelton, (1981), parecem ser claramente influentes no comportamento materno de carácter afectuoso e, neste contexto, julgamos ser lícito aceitar ser a própria relação precoce mãe-filho uma fonte de comportamentos vinculadores, funcionando o contacto como elemento de reforço, decisivo na génese dessa vinculação.

Desmond e Col. (1963) descrevem um período de reactividade no recém-nascido na sua primeira hora de vida, em que ele demonstra toda a sua competência interactiva e exploratória, simultânea com uma hiperactividade do sistema simpático expressa por taquicardia, frequência respiratória aumentada, e hipertonia.

O comportamento da mãe, para além de todas as influências biológicas, nomeadamente hormonais, depende de imperativos morais de se comportar com ternura e amor face a um ser tão vulnerável e dependente que faz parte da sua família e que tem o seu sangue.

Há uma influência positiva, quer no comportamento interactivo do recém-nascido, quer no comportamento afectuoso da mãe. Quando se é muito pequeno e se sente que se é totalmente amado, então pode-se enfrentar o mundo.

A criança ao nascer traz consigo algumas características iniciais e o que acontece a essas predisposições iniciais tem a ver com o modo como essas características interagem com o ambiente. Uma delas é o temperamento com que a criança nasce. Revela-se na infância e demonstra algum nível de continuidade, embora muita da investigação não tenha conseguido estabelecer uma continuidade entre o comportamento precoce e o comportamento que se revela mais tarde.

O temperamento pode ser definido de uma forma objectiva, pode ser avaliado, segundo a opinião de muitos autores, exercendo alguma influência no ambiente.

Estudos realizados pelo autor Cynthia Garcia-Coll (1995) concluem que as crianças que tendem a estar mais acordadas durante a noite às três semanas têm

tendência para ser mais negativas, mais irritáveis e mais inibidas. E que as crianças com tendência para uma maior imaturidade são mais negativas, irritáveis e inibidas no decorrer do primeiro ano de vida.

Segundo Urie Bronfenbrenner, (1995), o bebé XXI precisa de se desenvolver em termos intelectuais, emocionais, sociais e morais em proporções idênticas. Participação, progressivamente mais complexa, interacção responsável, com um ou mais membros mais velhos da mesma espécie, com os quais a criança desenvolve uma forte ligação mútua e irracional.

O mesmo autor refere que *“a interacção mútua correspondida é outra palavra para um trabalho difícil. É difícil tornar humano um ser humano. Leva tempo, consome energia e esforço. E é o irracional que faz com que não desistam”* (U.Bronfenbrenner,1995:117).

O amor é o primeiro elemento essencial, mas só amor não chega, é necessário que haja actividade. No entanto, a actividade não pode existir só num sentido, ela tem que ser recíproca e não pode ser sempre a mesma, os bebés também se cansam. É necessário evoluir, mas sem forçar.

Numa conferência Urie Bronfenbrenner (1995) definia o desenvolvimento da criança comparando-o com um jogo de ping-pong disputado entre dois jogadores, um mais velho que o outro, entre os quais existe uma adoração mútua e no qual os dois têm a aprender um com o outro. Tudo isto depende de um certo grau de disponibilidade e de envolvimento por parte de um outro adulto.

Bem, não é fácil encontrarmos pessoas que sejam doidas pelos nossos filhos, tal como acontece por exemplo com um pai, que se deixa facilmente seduzir pelos filhos. Mas isto não é fundamental, o fundamental é existir uma terceira pessoa que se preocupe com a criança, pode ser uma avó, colega de trabalho, enfim qualquer um. Para haver desenvolvimento harmonioso são necessárias três pessoas. O processo de interacção mútua só resulta se ocorrer regularmente na vida da criança e se, se realizar em condições que não estejam sujeitas a interrupções e tensões provenientes do meio ambiente. Assim, as actividades conjuntas não se poderão desenvolver nem ser aprofundadas, resultando um fraco desenvolvimento da criança ou até a sua estagnação, não podendo atingir todo o seu potencial no desenvolvimento que é o que se pretende.

Segundo o mesmo autor, deve-se estimular a receptividade da criança para outros aspectos físicos e sociais no imediato e com o tempo para os aspectos simbólicos que o rodeiam, que o convidam à exploração, à manipulação, à elaboração e à imaginação.

Ambientes propícios para o crescimento, não podemos esquecer que alguns ambientes podem inibir, podem matar, se forem muito rígidos, se se tornarem demasiado repetitivos.

Segundo Urie Bronfenbrenner, (1995), o funcionamento afectivo do processo de crescimento na família, bem como outros elementos componentes do ambiente da criança (o lar, a escola e o local de trabalho dos pais) requerem padrões efectivos de troca de informação, e comunicação em dois sentidos, acomodação mútua e confiança recíproca entre a criança e as pessoas que dela cuidam. O local de trabalho dos pais hoje em dia, é uma das principais causas do stress na vida familiar e das suas crianças que reside no conflito existente entre as necessidades da família e as exigências do trabalho, ou ainda, o que se torna mais destrutivo, nas exigências e frustrações do desemprego....

Hoje em dia, com o controlo da fecundidade, toda a criança é uma criança desejada. Esta foi a mudança essencial; mesmo antes de nascer ou de ser concebida, a criança já existe como desejo no imaginário dos pais.

Na descrição psicológica da família tradicional, o autor, Istvan Horvath (1995) afirma que o pai nas interacções com os seus filhos brinca mais do que a mãe e, quando brinca, prefere actividades físicas e actividades que chamem a atenção, enquanto que a mãe se dedica mais às tarefas que envolvem os cuidados a prestar à criança e quando brinca com a criança a sua acção é mais verbal e didáctica.

O pai é mais encorajador e representa as normas do mundo exterior e os valores da sociedade.

Seguindo a mesma linha de pensamento, os autores Michael e Lamb, (1992), para efeitos de análise num estudo, distinguiram três componentes do envolvimento parental. A primeira considerada foi o tempo passado em interacção efectiva com a criança (a alimentá-la, a ajudá-la nos trabalhos de casa ou a jogar à bola no jardim). A segunda, constituída por actividades que envolvem graus menos intensos de interacção, actividades essas que pressupõem os pais estarem acessíveis para a criança mais do que em interacção directa. São exemplos, estar na cozinha a cozinhar enquanto a criança brinca na divisão vizinha ou mesmo aos pés do adulto. E o último tipo de envolvimento é o mais difícil de definir, mas talvez o mais importante de todos. Será a responsabilidade pelo bem estar e cuidados da criança. Responsabilidade implica saber quando a criança precisa de ir ao pediatra, marcar a consulta e assegurar que a criança chegue lá. Responsabilidade implica também tomar medidas quanto aos cuidados da criança assegurando-se que tem roupa para vestir ou que fica acompanhada quando está doente.

Nesse estudo, o autor conclui que as mães continuam a assumir a responsabilidade pelos cuidados do dia-a-dia dos filhos e a dedicar-lhes mais tempo. A discrepância entre mães e pais é particularmente saliente no que diz respeito à responsabilidade. As mães são identificadas com os cuidados e os pais com o brincar. Os resultados, encontrados no estudo deste autor, também referem que o calor, proximidade e envolvimento do pai são mais importantes; os pais com estas características tendem a ter filhos competentes e motivados para o sucesso.

Sem dúvida, podemos afirmar que o estabelecimento de uma relação afectiva positiva com alguém é algo que é referido como indispensável para que as crianças se desenvolvam intelectual, emocional, motivacional, social, moral, fisicamente,....

Uma das ideias chave do pensamento de Bronfenbrenner é que o desenvolvimento psicológico da criança é promovido através do seu envolvimento contínuo, em actividades progressivamente mais complexas, com alguém com quem a criança desenvolva uma forte e persistente ligação afectiva. Essa relação pode ser estabelecida com a mãe, ou substituto maternal permanente e enriquecida com as relações com o pai e irmãos.

O amor para que se desenvolva e seja entendido como tal deve traduzir-se em actividades, acções e atitudes.

Tudo isto serão condições fundamentais que se encontram na base do desenvolvimento harmonioso, simplesmente normal da personalidade da criança.

A pessoa que primordialmente se ocupa da criança desde o nascimento até aos três meses de vida deve ser a mãe. Só depois desta idade a criança deve ser admitida no seio de uma instituição. Na esmagadora maioria dos casos, as crianças com menos de três anos, estão em casa com a mãe, em casa de familiares ou em instituições.

Visto a população activa feminina ter sofrido um rápido crescimento, hoje em dia encontra-se um maior número de crianças que frequentam contextos de socialização extra-maternos antes dos três anos de idade.

Não se pode educar ninguém sem se proporcionar cuidados verdadeiros e protecção durante os primeiros anos de infância. Por outro lado, não se pode proporcionar estes cuidados verdadeiros e protecção durante os primeiros anos de infância ou durante outros anos sem se educar.

Existem diferenças individuais no potencial da estimulação do crescimento em diferentes ambientes em casa, assim como existem diferenças nas crianças e como existem diferenças no sistema de educação. Precisamos é de mais investigação

caracterizada por aquilo a que Bronfenbrenner chamou “*validade ecológica*”, observação feita pelo autor há 20 anos atrás. Era bom que mais pessoas o tivessem então ouvido.

O autor Bettye Caldwell (1995) faz uma recomendação à melhoria da qualidade do sistema de educação no sentido de melhorar a qualidade e o nível dos profissionais deste serviço, em maior número e com melhor formação.

O mesmo autor aconselha aos pais de hoje em dia a adotarem a ideia de utilizar os serviços extra familiares de modo a suplementar aqueles que proporcionam aos seus filhos.

Acredita-se que desenvolvendo a intervenção das famílias na educação da infância se torne possível aumentar a sua auto-confiança e a sua auto-estima. Os pais compreenderão melhor as necessidades das crianças e os educadores aperceber-se-ão de uma forma mais clara do seu papel, reconhecendo o valor das aprendizagens realizadas em casa pelas crianças, através das conversas, do contar histórias, da televisão ou do brincar.

A importância e o valor de brincar têm vindo a ser demonstrado através de variadas investigações. Segundo Isabel Cruz, (1994), o brincar aumenta a auto-estima e desenvolve as capacidades da criança para resolução de novos problemas.

Além do papel educativo do brincar existem outras situações de aprendizagem da criança em casa, nomeadamente a televisão, devendo os pais escolher, em conjunto com os seus filhos, os programas adequados. Keeshan (1983) partilha da mesma opinião, refere que a escolha de um programa particular para a criança não é da responsabilidade do transmissor, mas a decisão deve ser dos pais que conhecem melhor a criança e sabem o que é apropriado para ela. É de salientar a importância dos pais verem T.V. em conjunto com a criança, pois as crianças só adquirem a compreensão dos sentimentos e atitudes dos adultos, interagindo com eles. Como refere Honig, (1983), a televisão é um companheiro não silencioso, mas um professor da criança de hoje. Mas a criança aprenderá melhor se partilhar com os pais os programas educativos, uma vez que aqueles podem explicar palavras e ideias de difícil compreensão, introduzir novos conceitos e ainda conversar com as crianças acerca do que aconteceu, do que poderia ter acontecido ou do que irá acontecer.

Segundo Tizard e Hughes, (1984), citados por Isabel Cruz, (1994), as crianças que vêem televisão em conjunto com as suas mães desenvolvem níveis de aprendizagem semelhantes aos desenvolvidos com o ouvir das histórias.

Os adultos devem dar às crianças oportunidades para que estas relacionem as suas próprias experiências com as das personagens dos livros. Ensinar literatura às crianças desenvolve a capacidade de compreender e apreciar de uma forma inteligente, com espontaneidade, prazer e alegria, melhorando a qualidade de vida das crianças e dos adultos.

Segundo Schickedanz, (1978), as crianças identificam-se com os pais e imitam o seu comportamento porque se querem tornar como eles. Assim, se as crianças vêem os seus pais lerem, também o tentarão fazer. Ainda, o ambiente acolhedor que os pais criarem para os seus filhos quando lhe estiverem a ler contribuirá para um aumento da auto-confiança das crianças e para o desenvolvimento de sentimentos positivos no que se refere à leitura. As crianças necessitam de ter acesso livre aos livros que os adultos lhes lêem; os adultos devem possuir registos dos interesses das crianças pelos livros, através do contar histórias que desenvolverá a imaginação das crianças e o seu vocabulário.

No estudo realizado por Isabel Cruz, (1994), um dos resultados obtidos em relação às capacidades que as crianças tinham menos desenvolvidas, havia uma estreita relação com a falta de livros em casa e os hábitos de leitura dos pais.

A função dos pais é dinâmica, matizada de êxitos e fracassos, e as práticas educativas transformam-se no decurso das experiências vividas com a criança. Cada vez mais se toma em consideração a influência desta última sobre o adulto, que ela transforma através das suas exigências, com a sua presença, pela sua identidade. Logo a criança já não é considerada como um receptor passivo, mas como um agente activo, tão susceptível de modificar o seu ambiente quanto de ser modificado por ele. O ambiente da criança é, antes de mais, os pais.

A família modela a criança segundo as suas práticas educativas e os seus esquemas culturais. A família, por conseguinte, determina o desenvolvimento da criança, e a boa qualidade deste desenvolvimento, ratificada pela escola, traduz-se em resultados escolares.

Segundo Jean-Pierre e outros autores, (1994), a imagem que os pais têm da escola exerce grande influência sobre aquela que a criança terá sobre o seu futuro. Se esta imagem for positiva, a criança vai sentir-se em segurança num meio já conhecido.

Os pais estão dispostos a participar activamente no trabalho escolar do filho. A escolaridade é um valor fundamental e a passagem necessária para promoção social. No geral, as famílias favorecidas oferecem melhores possibilidades de garantir à criança um desenvolvimento harmonioso e uma inserção fácil nos meios exteriores, como a escola.

Jean-Pierre (1994) refere que as primeiras experiências da criança neste domínio talvez afectem o seu desenvolvimento posterior, ou a imagem que terá de si mesma mais tarde. Certos comportamentos maternos são favoráveis, como a sensibilidade, a aceitação, a cooperação com a criança, a capacidade para exprimir as suas emoções. Como consequência positiva, a criança é mais aberta socialmente, mais independente, capaz de uma atenção sustentada. É mais segura nas suas experiências.

A aprendizagem efectuada na mais tenra idade tem uma importância extrema. Se as experiências exercidas no decurso dos três primeiros anos for de elevada qualidade de educação, o sujeito poderá desenvolver todo o seu potencial.

Uma das primeiras aprendizagens sociais é a linguagem, que facilitará, se a mãe tiver um bom funcionamento social, e que irá influenciar e favorecer a adaptação escolar da criança posteriormente.

Segundo o mesmo autor, existe um efeito favorável do ambiente democrático sobre o desenvolvimento intelectual da criança. Ambiente democrático, entende-se um tipo de educação nem demasiada restritiva, nem excessivamente protectora, entendendo-se por uma atitude aberta e tolerante. A criança que consegue melhores resultados é aquela que é ajudada na exploração, orientada na realização de uma tarefa, incentivada a verificar os resultados dos seus actos, a avaliar as consequências dos que praticará no futuro. São felicitados pelos seus êxitos, são-lhes fornecidas pistas e informações pertinentes, são-lhes feitas perguntas. Os comportamentos dos pais estão em relação directa com a forma como a criança se conduz em sociedade, com as outras crianças ou em situações extra-familiares. A longo prazo, esta influência é menos nítida. Jean-Pierre (1994) considera que as características psicológicas dos pais, marcam profundamente a vida em família. A qualidade das trocas afectivas depende disso e determina a natureza das experiências vividas pela criança. As realidades familiares (comportamentos, traços de personalidade, potencial intelectual dos pais, ambiente social) explicam mais de 84% das diferenças na adaptação escolar das crianças de sete anos.

O mesmo autor refere que as crianças que nascem e vivem num meio favorecido culturalmente, têm um factor de desabrochamento. As crianças beneficiam de uma herança incalculável, visto que nasceram na cultura de referência.

O condicionamento do meio social é um factor que ninguém contestará. No entanto, uma atitude que estabeleça uma relação estatística entre adaptação escolar e meio de origem é insuficiente. Entre estas duas variáveis existem variáveis intermédias, como estilo educativo e as representações dos pais que convém levar em consideração.

Todo o indivíduo deve satisfazer uma série de necessidades para viver de maneira satisfatória. Necessidades no domínio afectivo, cognitivo e social.

As necessidades no domínio afectivo inscrevem-se na filiação, há necessidade de ligação, de ser aceites e reconhecidos pelo nosso meio.

No domínio cognitivo, o êxito significa a possibilidade de agir sobre o meio. A criança deve ser estimulada, incitada à experimentação, encorajada nas suas iniciativas. Finalmente, no domínio social deve-se conduzir à autonomia da criança, ou seja, as estruturas devem ser suficientemente flexíveis para suscitarem simultaneamente o sentimento de pertença ao grupo de origem e o da respectiva identidade pessoal. Estas estruturas permitem a comunicação e a valorização do sujeito.

Deve-se ter em conta o conjunto destas necessidades e suprir os défices onde eles existem, o que faz parte do projecto de educação familiar e parental.

Segundo Ramiro Marques, (1994), a escola é uma extensão da família e o envolvimento dos pais na educação é mais que o envolvimento dos pais nas actividades da escola. Participação dos pais na tomada de decisões, acentuando o envolvimento dos pais nas actividades de aprendizagem em casa e aplicando um sistema informal de comunicações entre professores e pais com utilização preferencial do telefone, contactos diários e notas informativas.

A colaboração entre família e escola pode contribuir directamente para fortalecer as famílias, de forma a serem mais capazes de se envolverem na escola e na aprendizagem dos filhos; torna as escolas mais atentas às necessidades e expectativas das famílias.

Segundo o mesmo autor, a abordagem dos pais como educadores inclui actividades de aprendizagem doméstica, auxílio aos filhos nos trabalhos de casa, reforço da motivação do aluno, reforço dos hábitos e atitudes positivas e salutareas.

Existindo este ambiente na família permitirá às crianças perceberem que há continuidade entre a casa e a escola.

5- RISCOS QUE A CRIANÇA PODE CORRER EM SITUAÇÕES DE AUSÊNCIA DE ESTIMULAÇÃO OU DE POBREZA MARCANTES

A família, entendida como grupo sócio-afectivo, passa então a ser encarada como instituição prioritariamente responsável por favorecer, inibir ou alterar o crescimento e o desenvolvimento das crianças.

Nas famílias em que as relações se caracterizam por uma imposição inconsistente de disciplina, pouco envolvimento com a criança e fraca supervisão do seu comportamento, favorecendo assim a insegurança, ocorrem mais frequentemente comportamentos anti-sociais e mais tarde mesmo delinquência.

É hoje aceite que as experiências de carência afectiva nos primeiros tempos de vida podem ter efeitos graves e duradouros no desenvolvimento. É então cada vez mais importante perceber o porquê e o como é que as crianças são afectadas pela carência de cuidados maternos.

A carência de cuidados maternos é considerada como uma insuficiência quantitativa de interacção entre a mãe e o bebé.

Podemos chamar distorção à insuficiência relacional qualitativa, quando surge falta de adequação de resposta da mãe às necessidades do seu bebé.

Ocorre situação de separação quando existe descontinuidade na relação. Poderá desencadear um quadro de angústia, devido à ruptura dos laços estabelecidos e a criança poderá apresentar menos aptidão para estabelecer nova relação com outra figura maternal.

Quanto às situações que podem surgir, carências afectivas precoces, podemos mencioná-las:

- Quando o bebé que vive numa instituição, separado da sua mãe natural, e não encontra aí o substituto maternal, recebe uma maternagem insuficiente.

- O bebé que vive com a mãe ou substituto maternal permanente, mas não recebe estimulação suficiente.

- O bebé que apresenta uma inaptidão para a interacção. Incapacidade de estabelecer com a figura materna uma interacção suficiente que poderá ser de existência de rupturas anteriores repetidas.

A separação da mãe vai ter repercussões várias para o bebé segundo a sua idade. Até aos seis meses, quando não existe um laço estabelecido, a perda da mãe representa

apenas uma privação de estímulos. A partir desta idade, o bebé estabeleceu já laços de vinculação. A perda da mãe consiste numa ruptura de um laço afectivo.

A necessidade de uma ligação afectiva é importante na estruturação da personalidade da criança, como o alimento na sua sobrevivência física. Bowlby diz-nos que o desenvolvimento das trocas afectivas precede todas as outras funções específicas. As situações de carência afectam não só o desenvolvimento cognitivo, mas todo o conjunto do desenvolvimento.

Encontramos posições diferentes consoante os quadros teóricos em que se inscrevem os autores:

- A teoria da aprendizagem defende que o desenvolvimento é em função da estimulação do meio, o que não é aprendido cedo pode sê-lo mais tarde, desde que sejam fornecidas as condições apropriadas.

- A teoria psicanalítica diz que as experiências precoces desencadeiam processos dinâmicos e tendem a manter-se mesmo com modificações do ambiente. Criam-se reacções de defesa contra a frustração experimentada que tendem a manter-se e a isolar a criança do novo meio que poderia oferecer possibilidades de interacção.

- A noção de período sensível, (que vem da Etologia) que existe ao longo do desenvolvimento, fases durante as quais os processos se organizam normalmente se as condições são satisfatórias. Em caso negativo, existe perturbação do desenvolvimento e a estimulação posterior é ineficaz.

De acordo com Ainsworth, estas três posições não são compatíveis. É provável que certos danos possam ser reparados quando cessa a carência, enquanto outros resistem devido às reacções de defesa ou aos hábitos profundamente enraizados, outros persistem, porque a fase sensível do desenvolvimento já passou.

Dos trabalhos realizados por Bowlby sobre cuidados maternos e a saúde mental, podemos distinguir algumas conclusões.

Os efeitos da privação total são um risco para todas as crianças com menos de sete anos. Citado por Manuel Silva (1990:465), Bowlby refere: *“o bebé que sofre privação pode deixar de sorrir para o rosto humano, ou apesar de bem nutrido pode não engordar, pode dormir mal e não mostrar iniciativa”*.

Quanto mais longa for a privação, mais acentuada é a queda no desenvolvimento da criança. E acrescenta: *“Mesmo quando a criança permanece na instituição os efeitos prejudiciais podem ser diminuídos através de cuidados maternos extra, prestados por um substituto”*.

Estabeleceram-se assim algumas fases que caracterizam o desenvolvimento da capacidade da criança para estabelecer uma relação:

- A fase na qual o bebé estabelece uma relação com uma pessoa que identifica - a mãe - ocorre por volta dos cinco / seis meses.

- A fase na qual ele necessita da presença constante da mãe; vai até ao terceiro aniversário.

- A fase seguinte, em que a criança começa a ser capaz de manter a relação com a mãe mesmo quando ela está ausente.

O leque dos efeitos de uma carência afectiva é vasto, desde as manifestações somáticas, os distúrbios alimentares ou do sono, ao atraso no desenvolvimento psicológico, psicomotor ou da linguagem. Do mesmo modo, a organização da personalidade pode ser afectada e empobrecida.

Certos estudos correlacionais podem ser efectuados, sendo encontrados frequentemente elevados níveis de correlação entre a existência de uma carência afectiva precoce, uma privação materna durante a primeira infância e os estados depressivos, comportamentos anti-sociais ou perturbações da personalidade que surgem no decurso da adolescência.

Lilian Katz, considerada a maior autoridade académica em matéria pré-escolar, esteve em Portugal em 1993 e falou ao “Público”. Disse: - *“que as mães devem ficar em casa durante o primeiro ano de vida das crianças”, e que o “importante é estimular a curiosidade infantil”* (Lilian Katz, 1993:32).

De qualquer forma sabe-se que a formação provém, em larga medida, das pessoas com quem nos relacionamos. As crianças que não atingem um mínimo de capacidades de socialização até aos seis anos de idade correm um risco significativo para o resto das suas vidas, sendo que a maior categoria de riscos possíveis se encontra no foro da saúde mental. Uma criança com 10,11,12 anos, sem os problemas de integração social resolvidos, precisa já de ajuda de um técnico de saúde mental.

A mesma autora refere que temos razões para acreditar que uma criança que tem problemas sociais é mais susceptível de abandonar a escola precocemente, mais capaz de se envolver em situações de delinquência em criança ou mesmo em adulto, mais susceptível de ter problemas laborais, matrimoniais e mesmo como pai / mãe.

Portanto se uma criança tem capacidades socialmente pobres - seja porque é mais tímida, mais agressiva ou mais egocêntrica - não se aproxima das outras crianças, que a rejeitam, afasta-se em seguida do mundo, fecha-se em si própria, e perde

oportunidades de por à prova as suas capacidades sociais, criando-se aqui um ciclo que se alimenta a si próprio.

Uma vez chegando ao lado negativo, o ciclo vai piorando cada vez mais, torna-se mais difícil de quebrar. Se isso acontecer entre os quatro e os seis anos, é uma questão de semanas, se não.... É preciso não esquecer que o comportamento negativo se aprende muito bem. A tendência das crianças rejeitadas pelos seus pares é encontrarem-se umas com as outras e aproximarem-se uma das outras, através do que as liga, o ódio pelo mundo. *“É como ter uma bomba relógio”* (Lilian Katz, 1993:32). Uma intervenção precoce tem consequências enormes.

Segundo Helena Marujo, (1992), as crianças desde o início da sua vida que estão perante factores e situações de risco em alguns casos podem não ser afectadas, mas noutros podem levá-las a viver transitória ou permanentemente deficiências físicas, mentais, inadequações comportamentais ou sociais, ou podem mesmo levá-las à morte.

Portugal, G. (1992) refere que muitas investigações demonstraram que as forças desorganizadoras surgem não no interior da família, mas nas circunstâncias em que a família se encontra e no tipo de vida que lhe é imposto por essas circunstâncias.

Segundo Bairrão, (1994), a avaliação da criança e da família deverá ser realizada por uma equipa pluridisciplinar e num espaço de tempo compatível com a gravidade da situação. Sublinha-se que nenhuma avaliação deve basear-se numa fonte clínica de informação, dado que o comportamento é em grande parte determinado pelos contextos onde esta se encontra, e tais contextos mudam em termos de rotina; então a avaliação deverá ter em conta esses diferentes contextos; os valores e a cultura a que a família e a criança pertencem deverão ser respeitados e tidos em conta na avaliação; toda a avaliação deverá ser perspectiva em termos de intervenção.

O autor Brown e Brown (1993) enuncia duas categorias principais de “risco”. A primeira categoria é denominada risco biológico e a segunda risco ambiental. No risco biológico incluem-se, geralmente, crianças com antecedentes pessoais e famílias “suspeitas” e que podem indicar futuros défices. Neste modelo, baixo peso ao nascer, alterações ou doenças do recém-nascido, problemas de hipóxia, etc... iriam inevitavelmente conduzir a défices de desenvolvimento, sobretudo a nível cognitivo. O autor verificou também que a actualização e estruturação de défices tem predominantemente a ver com o meio socio-económico adverso e a falta de estimulação da criança. A segunda categoria de risco, denominada de risco ambiental, é aquela em que incluem as crianças em cuja história pessoal e familiar vamos encontrar ambientes

familiares alterados ou problemas sociais graves que podem estruturar défices sobretudo de natureza psicológica. Deste modo, alterações nas socializações (famílias negligentes ou abusivas ou mesmo ausência precoce de família ou de cuidados, pobreza e outras situações de exclusão social) podem ter efeitos desastrosos na criança.

Quaisquer factores de risco nas famílias estão associados ao status sócio-económico, e estes factores quando desfavoráveis favorecem o aparecimento do atraso mental, segundo M. Graça Andrade (1981).

Estes factores de risco, que se revelam sobretudo nas famílias pobres, podem ser encontrados em quaisquer famílias.

Um estudo realizado nos Estados Unidos pelo autor Arnold Sameroff (1995) identificou 10 factores de risco e, para cada um deles, considerou uma condição de alto risco e outro de baixo risco.

O primeiro factor de risco é a saúde mental dos pais. Se o pai tem um problema psiquiátrico e já consultou um psiquiatra ou uma instituição mental por uma ou mais vezes, considera tratar-se de uma família de alto risco.

Fazendo testes de ansiedade aos pais, o autor considera de alto risco as famílias que se colocaram no grupo das 25% mais ansiosas.

As perspectivas dos pais são a sua compreensão quanto ao crescimento e desenvolvimento das crianças. As famílias que se enquadram nas 25% com menor compreensão do desenvolvimento são consideradas uma condição de alto risco.

A interacção consistiu numa observação de uma situação interactiva entre a mãe e a criança no decorrer do primeiro ano de vida. Os 25% das famílias com as piores interacções, ou seja, em que a mãe sorria menos ou falava menos com o bebé, são consideradas uma condição de alto risco.

A educação dos pais, se estes não tinham frequentado o liceu, é também considerada uma condição de alto risco.

Se a ocupação dos pais era semi-profissional, considerou que não haveria dinheiro suficiente em casa e achou, por isso, que esta era também uma condição de alto risco.

No país onde se realizou o estudo existe um grupo minoritário de côr e que constitui habitualmente uma condição de risco.

Quanto ao apoio da família, se não existe um pai em casa, se a mãe é divorciada ou separada ou se a mãe é solteira, pensou que também esta seria uma situação de alto risco.

Quanto aos acontecimentos familiares, se existem episódios angustiantes na história familiar (mortes, doenças ou perda de emprego) considerou que 25% destas famílias com um maior número destes episódios constituiriam uma situação de risco.

Finalmente se a família é grande, se há três ou mais filhos, considerou que os pais dividiam os recursos da família, o que constituía uma condição de alto risco.

A maioria dos nossos modelos de desenvolvimento dizem que aquilo que provoca o futuro desenvolvimento da criança é uma combinação da criança mais o ambiente.

Assim, segundo o mesmo autor, as mesmas condições que estas famílias revelavam aos quatro anos de idade e que originavam um fraco desenvolvimento das crianças, continuam a ser observadas aos treze anos de idade.

Helena Marujo (1992) refere que populações em risco serão grupos com vulnerabilidade e propensões particulares em que os processos de crescimento, desenvolvimento e adaptação podem ser afectados.

Num estudo realizado por Salomé Santos (1994) a um grupo de pais de crianças com problemática emocional (englobando aqui problemas socio-emocionais e de comportamento), a autora refere que vários estudos associam a presença de factores de risco no meio familiar com a ocorrência de perturbação na criança, constatando-se, por exemplo, que algumas características pessoais dos pais, como perturbação psicológica, podem repercutir-se negativamente no comportamento e ajustamento da criança. Isto poderá eventualmente dever-se a alterações quer ao nível relacional, quer nas próprias práticas educativas.

Observa-se também que as variáveis de relação familiar estão mais estreitamente associadas com perturbações quando existem problemas sociais.

O efeito potencialmente negativo de certos acontecimentos externos à família, como por exemplo, o desemprego, que tem consequências prejudiciais na relação pais/filhos, segundo Bronfenbrenner e Crouter (1983).

Outros acontecimentos ao nível do casal, que podem ter repercussões nocivas no ajustamento da criança são a separação, divórcio ou mesmo novo casamento de um dos pais, morte duma figura parental e relação conflituosa no casal, citado por Katz e Gottman (1993).

O impacto do stress associado a estes ou a outros acontecimentos é possível que promova alterações no funcionamento parental, desencadeando respostas desajustadas na criança. No entanto, existem factores, ditos mediadores, sejam eles de cariz situacional (por exemplo, apoio social e características do acontecimento) ou pessoal

(por exemplo, características de personalidade e competências de “coping”), que poderão influenciar o modo como o sujeito responde à situação de stress; referenciado por Simons, Lorentz, Wu, Conger (1993).

Segundo Salomé Santos, (1994), as próprias características da criança (por exemplo, temperamento, nível de actividade, hiperactividade, distúrbios de comportamento, aparência física, deficiência física) podem influenciar o funcionamento parental.

A autora Elizabeth Sousa (1993) refere que os pais maltratantes têm características próprias, como inseguros quanto ao seu valor, incapazes de compreender o desenvolvimento dos seus filhos, o que os leva a ser demasiado exigentes com eles.

Smith (1984), citado por Elizabeth Sousa (1993), sugere mesmo que eles sejam psicologicamente rígidos, impulsivos, com fraco registo afectivo. Estes pais já foram, eles próprios maltratados de forma activa ou negligenciados.

O stress e a frustração vivenciados em consequência da pertença a um meio social desfavorecido e a estrutura e organização familiares marcadas pelo desemprego e isolamento social são as causas do fenómeno.

Segundo a mesma autora, os maus tratos de crianças por parte dos pais, resultam das características de ambos, do tipo de interações existentes no seio familiar e de factores de stress do meio ambiente; estes pais privilegiam os aspectos negativos da relação com os filhos.

Elizabeth Sousa (1993) sugere que a discórdia e violência no seio do casal pode ter um efeito mais generalizado no comportamento e saúde mental da criança do que as práticas educativas.

Segundo Schwarzbeck (1980), citado por Elizabeth Sousa (1993), determinadas crianças tornam-se alvo de maus tratos devido às suas características. Crianças com deficiências físicas ou mentais, irritabilidade elevada, hiperactividade, desafiando a autoridade parental e crianças cujo nascimento não foi desejado.

Vários autores referem um vasto leque de problemas socio-emocionais associados às componentes principais da perturbação da atenção com hiperactividade; como por exemplo, o défice de competências sociais, a menor obediência a ordens e colaboração em pedidos que lhe são feitos, a sensibilidade pouco comum a recompensas e a procura de atenção, para além de serem crianças muito faladoras, facilmente alvo de frustração e com dificuldades ao nível das relações com os pares e com os pais.

Segundo Dulce Vale e Emília Costa, (1994), é possível identificar na maioria dos problemas de comportamento ou situações caracterizadas por uma agressividade na relação com os outros, a incapacidade do indivíduo para lidar com essa situação, ou a inadequação das competências utilizadas.

O défice de competências pode ser enquadrado ao nível mais global da assertividade, enquanto capacidade de exprimir pontos de vista e sentimentos, ao mesmo tempo que aceitar o ponto de vista do outro, sendo o indivíduo capaz de reclamar os seus direitos, sem esquecer os seus deveres, e num respeito pelos direitos e individualidades do outro.

A um nível mais restrito, encontram-se as competências de comunicação e de resolução de problemas, o auto-controlo, a empatia ou outras.

De qualquer modo, as competências sociais de relacionamento podem ser deficientes sem isso exprimir uma perturbação maior ou mesmo sem remeter para qualquer tendência agressiva.

Gabriela Portugal (1992:118) cita: *“embora a família e a escola sejam consideradas como núcleos cruciais onde ocorre o desenvolvimento, as oportunidades para o realizar muitas vezes não existem. E, então, temos nas nossas crianças: o desinteresse, a apatia, a indiferença, a irresponsabilidade, a incapacidade para prosseguir actividades que requeiram empenho, aplicação, persistência..., o desajustamento e desenvolvimento de actos anti-sociais. E é em famílias mais desfavorecidas pela pobreza, doença discriminação, desemprego, presença de uma única figura parental, níveis de escolaridade baixos, várias crianças partilhando um espaço pequeno,... os sintomas encontram-se não só na esfera emocional, motivacional e social mas também na esfera cognitiva”*.

Segundo Don Davies, (1994), no nosso país, no ano lectivo 1991/1992, pelo menos 1 em 5 crianças revelam necessidades especiais de educação. Porque não nos interrogamos antes sobre o que se passa com estas crianças e com as suas famílias?

SINTESE DO CAPÍTULO

A partir da perspectiva ecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner, abordámos neste capítulo a Família, comumente considerada como principal contexto educativo ou promotor do desenvolvimento humano, aos vários níveis estruturais que compõem o ambiente ecológico que são: o microsistema, o mesossistema, o exossistema e o macrossistema.

Salientámos a importância da experiência social da criança, as relações interpessoais horizontais e verticais por ela desenvolvidas e a relevância das vivências emocionais no contexto familiar.

Foi apresentada uma breve reflexão sobre a família que é uma instituição social sujeita, nas sociedades contemporâneas, a uma dinâmica de continuidade e de mudança.

O papel crucial da família no desenvolvimento da criança, considerando que a chave desse desenvolvimento reside nas relações que se estabelecem entre os processos operantes no seio da família e os estabelecidos com outros contextos mais vastos.

Em seguida, abordámos a importância da qualidade das actividades, das acções e das atitudes que a família estabelece com a criança que são imprescindíveis para a segurança do crescimento e desenvolvimento da criança. Condições consideradas fundamentais para que ocorra um saudável e harmonioso desenvolvimento desta.

Como diz Ainsworth, só quando soubermos como é que a interacção mãe / bebé facilita o desenvolvimento de certos processos, é que poderemos compreender porque é que a insuficiência relacional inibe o desenvolvimento da criança.

E, por último, focámos a importância e peso dos contextos familiares que em tanto determinam e influenciam os riscos que a criança pode correr, como por exemplo, o envolvimento em situações de ausência de estimulação ou de pobreza marcantes.

CAPÍTULO II

CARACTERIZAÇÃO DO CONCELHO DE PORTALEGRE

INTRODUÇÃO

Portalegre é a região, em que a desertificação é mais sentida, em que o desenvolvimento tarda em chegar de modo a inverter esta tendência.

O distrito de Portalegre sofreu um decréscimo populacional de 1991 a 1995 de 6 mil habitantes, com a taxa nacional mais baixa de crescimento médio anual de -1,57 e com o peso de população idosa, de 65 e mais anos, que atinge 22,9%, quando comparado com 14,4% a nível nacional.

O concelho de Portalegre, caracterizado por ser uma região deprimida, em vias de desertificação, com uma das maiores taxas de analfabetismo e com pouca mão de obra qualificada, não é, contudo, um concelho pobre e condenado ao atraso secular, pois tem recursos e potencialidades que, devidamente aproveitados, poderão garantir o desenvolvimento e o bem estar das populações.

Neste capítulo, faremos em primeiro lugar, uma caracterização física do concelho, essencialmente, no que se refere à localização e daremos uma panorâmica sócio-económica do concelho. No segundo ponto, abordaremos a caracterização sociodemográfica, onde procederemos a uma descrição dos aspectos globais da população, começando por uma caracterização administrativa, do volume, da densidade populacional e dos ritmos de crescimento da população no final do século passado e nos vários períodos deste século. Seguidamente, analisaremos a estrutura etária da população e, finalmente, focaremos a dinâmica natural da população. No terceiro e último ponto, identificaremos as famílias do referido concelho.

1- CARACTERIZAÇÃO GERAL

Portalegre, cidade, capital de distrito, sede de concelho, comarca e diocese, situada a norte do Alentejo, tem uma área de 446,242 Km².

A sede do concelho encontra-se a 39° 12' de latitude e 13° 25' de longitude, numa elevação de 480 metros e é cercada por uma dilatada serra - a serra de S. Mamede.

O respectivo concelho está limitado, a Norte, pelos concelhos de Marvão e Castelo de Vide, a Leste, por Espanha, a Sul, pelos concelhos de Monforte e Arronches e a Oeste, pelo concelho do Crato.

Portalegre tenta sair da letargia em que caiu nos últimos anos, depois de ter perdido o título de concelho mais industrializado do Alentejo, em favor de Sines. A vocação industrial data de 1772, quando Marquês de Pombal aqui instalou a Fábrica Real de Panos. O sector dos lanifícios desenvolveu-se no século XIX, tal como a indústria da cortiça com a Fábrica Robinson, ainda hoje a laborar. Do sector têxtil restam a Hoechst Fibras, (a antiga Finicisa), que produz fibra sintética, e a afamada Fábrica de Tapetes de Portalegre. O parque industrial contém duas empresas multinacionais, uma do sector dos componentes auto, e outra do sector têxtil.

O sector agrícola não tem sabido aproveitar alguns microclimas, nem a abundância de água nos vales da serra de S. Mamede. São excepções a produção de vinho (de grande qualidade) e a pecuária. O apuro das raças de gado caprino e ovino tem permitido a melhoria da produção queijeira, e a produção de enchidos começa agora a tentar expandir-se.

No campo turístico, Portalegre continua a não saber promover-se. Não existem nem plano local, para colocar à disposição dos visitantes, nem quaisquer informações sobre a cidade e os seus locais mais importantes.

O pequeno comércio está envelhecido e a abertura de um excesso de supermercados não ajudou em nada a sua reconversão. Em matéria de ensino, Portalegre dispõe agora de escolas Superiores de Educação, de Tecnologia, de Gestão e de Enfermagem, bem como de um Conservatório Regional de Música.

A região encontra-se numa situação crítica, quando possui níveis de bem estar significativamente mais baixos que o nível geral nacional.

A quantificação dos níveis de bem estar da região, poderá ser feita através da análise da evolução de três indicadores fundamentais: a desigualdade de rendimentos, a desigualdade no desemprego e o balanço dos fluxos migratórios.

Em Portalegre, o desemprego não só não foi travado como explodiu nomeadamente nos dois últimos anos, atingindo hoje 16,5% da população activa, segundo o VI congresso sobre o Alentejo (1993).

Retornou a praga dos salários em atraso, acelerou-se o encerramento das empresas e serviços, mantêm-se e, em muitos casos, pioraram os serviços prestados às populações em áreas tão importantes como o ensino, a saúde e a segurança social.

No que diz respeito aos rendimentos, os Alentejanos são os portugueses que possuem o nível de vida mais baixo do país, cifrando-se o seu rendimento médio familiar 23,7% abaixo da média nacional, segundo o VI congresso sobre o Alentejo (1993).

Segundo Rui Mil-Homens, (1994), a população do distrito de Portalegre apresenta o índice de rendimento de 13,57 e um índice de poder de compra de 13,72. Comparando os mesmos índices com os do distrito de Lisboa, que apresenta um índice de rendimento de 337,31 e um índice de poder de compra de 313,56 (permilagens), podemos acrescentar o seguinte:

Existe uma grande discrepância, no que se refere à desigualdade de rendimentos: o rendimento médio das famílias no Alentejo é claramente inferior ao rendimento médio no país. Há uma grande desigualdade no desemprego, é visível que a incapacidade de estabilizar o mundo rural alentejano tem sido causa de desemprego crónico e de conflitos sociais latentes.

Em relação ao balanço dos fluxos migratórios, podemos constatar que, para além do crescimento natural negativo, o Alentejo tem registado perdas migratórias internas significativas. Desde a década de cinquenta que o êxodo da região criou na periferia de Lisboa e Setúbal verdadeiras vilas e aldeias Alentejanas.

Os concelhos com alguma dinâmica continuam isolados entre si, apesar dos projectos existentes - caso do IC13 - pois assistiu-se à desactivação do caminho de ferro e o distrito mantêm-se totalmente isolado do resto do país, no que respeita a telecomunicações.

2 - CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA

A situação demográfica do concelho de Portalegre, conhece actualmente alguns problemas decorrentes do envelhecimento e da regressão quantitativa da sua população, fundamentalmente provocados pelo movimento migratório, que no decurso dos últimos 40 anos, se tem vindo a manifestar com intensidade, embora variável.

Esta situação, que originariamente se faz sentir com mais auidade nas zonas rurais, em particular nas freguesias social e economicamente mais deprimidas, alastrando-se rapidamente, é hoje uma realidade em quase todo o concelho.

Dado o problema populacional, torna-se indispensável conhecer, com algum detalhe, a trajectória da evolução demográfica do concelho.

Para sistematizar os problemas atrás referidos, propomo-nos analisar a evolução demográfica do concelho, os factores que a determinam e os seus efeitos na estrutura da população e na distribuição espacial.

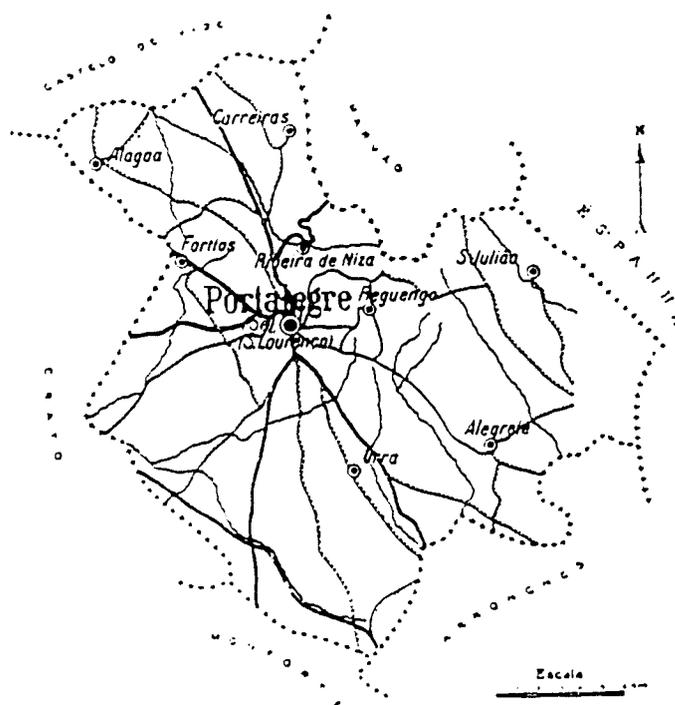
2.1 - Aspectos globais da população do concelho de Portalegre

Vamos considerar os aspectos globais da população do concelho de Portalegre, em que focaremos os volumes e ritmos de crescimento desde 1864 até 1995, em seguida teremos em conta a distribuição espacial da população, quer em termos de densidade populacional, quer a nível da estrutura etária das principais classes etárias e, por último, debruçar-nos-emos sobre a dinâmica natural e migratória da população do referido concelho.

2.1.1 - Introdução: caracterização administrativa

O concelho de Portalegre, com uma área de 446,242 Km², é constituído por 10 freguesias, podendo-se classificar as freguesias em rurais e urbanas, como podemos observar na figura nº2.

Figura nº2: Concelho de Portalegre dividido por freguesias.



Fonte: enciclopédia Luso Brasileira, vol 22.

As freguesias urbanas:

- S. Lourenço
- Sé.

As freguesias rurais:

- Alagoa
- Alegrete
- Carreiras
- Fortios
- Reguengo
- Ribeira de Nisa
- S. Julião

- Urra.

2.1.2 - Volume e ritmo de crescimento da população do concelho de Portalegre.

As nossas fontes de informação serão as “Estatísticas Demográficas”, estatísticas da ARS de Saúde de Portalegre e os IV e VI congressos sobre o Alentejo de 1991 e 1993 respectivamente.

Uma leitura do quadro nº1, quadro nº2 e quadro nº3, segundo a evolução da população do concelho de Portalegre no período compreendido entre 1864 e 1995, pode ser apreciada através das variações negativas ou positivas, registadas nos períodos intercensitários, compreendidos entre aquelas duas datas, constituindo 5 períodos distintos entre si, como se pode verificar:

Quadro nº1: Evolução da população do concelho de Portalegre de 1864 a 1900

Freguesias	1864	1878	1890	1900
Alagoa	351	364	393	435
Alegrete	1467	1629	1752	2032
Carreiras	730	756	867	910
Fortios	561	673
Reguengo	760	844	905	1058
Ribeira de Nisa	991	1101	1257	1287
S. Julião	1190	1131	1134	1090
S. Lourenço	3424	3648	4791	5518
Sé	3185	3494	5809	6381
Urra	974	1129
Total	13633	14769	16908	18711

Fonte : elaboração própria com base nos recenseamentos de 1864, 1878, 1890 e 1900.

1º período: 1864 a 1900

O concelho de Portalegre pouco diferia, na passagem do século XIX para o século XX, da grande maioria dos concelhos do distrito, com a excepção de incluir uma cidade - pequena cidade - igualmente capital de distrito.

Neste período de 36 anos, como está representado no quadro nº1, há crescimento da população a uma taxa média anual de +1,035%. Utilizámos o processo aritmético $a = (P_n - P_0) / (P_0 \cdot n)$, (Nazareth, 1988b: 165).

Se dividirmos este período em subperíodos, poderemos verificar que há crescimento da população a uma taxa média anual de:

- +0,6% de 1864 a 1878;
- +1,207% de 1878 a 1890;
- +1,06% de 1890 a 1900.

Subentende-se por estes dados que não teria havido durante este período, movimentos migratórios centrípetos nem centrífugos.

Pode-se dizer que a população, ao longo deste período, foi essencialmente uma população fechada.

O concelho em 1890 possuía uma população de 16908 habitantes que subiu em 1900 para 18711. A cidade propriamente dita registou uma expansão considerável a partir de 1878.

Em relação às freguesias, as rurais tiveram uma taxa de crescimento inferior à média do concelho e até negativa, e as urbanas tiveram uma taxa de crescimento superior à média (-0,084% ao ano contra +2,22% respectivamente). É de referir que os dados que dispomos do censo de 1900 apresentam duas freguesias rurais com valor nulo, Fortios e Urra.

Quadro nº2: Evolução da população do concelho de Portalegre de 1911 a 1970.

Freguesias	1911	1920	1930	1940	1950	1960	1970
Alagoa	524	566	638	727	850	900	835
Alegrete	2429	2560	2897	3238	3510	3355	2955
Carreiras	1027	1084	1173	1129	1216	1159	990
Fortios	1361	1550	1651	1655	2260	2195
Reguengo	1060	1148	1273	1254	1271	1171	845
Ribeira Nisa	1471	1531	1624	1728	1665	1625	1560
S. Julião	1262	1281	1412	1880	1729	1513	1235
S. Lourenço	6322	4530	5040	5481	6180	6978	6015
Sé	5338	5328	6064	5941	6973	6396	6480
Urra	1925	1939	2251	2786	3025	3047	2690
Total	21358	21328	23922	25815	28074	28404	25800

Fonte: elaboração própria com base nos recenseamentos de 1911, 1920, 1930, 1940, 1950, 1960, 1970.

2º período: 1900 a 1950

Se observarmos nos quadros nºs 1 e 2, entre 1900 e 1950, o sentido da evolução demográfica do concelho e o do progressivo reforço do seu efectivo populacional, com uma variação positiva para o conjunto do período da ordem do +1,0% e, se dividirmos este período em subperíodos, poderemos verificar que há crescimento da população a uma taxa média de:

- +1,28% de 1900 a 1911;
- -0,016% de 1911 a 1920;
- +1,216% de 1920 a 1930;
- +0,79% de 1930 a 1940;
- +0,875% de 1940 a 1950.

Concluimos, através destes dados, que não teria havido durante este período, movimentos migratórios.

Através dos dados, poderemos ainda analisar que o concelho de Portalegre até meados do século XX manteve um crescimento demográfico moderado e equilibrado.

Contudo há a assinalar que no período entre 1911 e 1920, não se verificou aumento da população, havendo mesmo uma diminuição acentuada nas freguesias urbanas (S. Lourenço e Sé). Acontecimentos marcantes precipitaram as condições de estagnação da população em termos volumétricos: a 1ª Guerra Mundial e o surto epidémico, também denominado de “pneumónica”, responsável pelo aumento da mortalidade e consequente quebra da natalidade.

No período de 1900 a 1911, há uma quebra populacional acentuada numa freguesia urbana (Sé), no período de 1911 a 1920, surge um decréscimo populacional em ambas as freguesias urbanas (Sé e S. Lourenço) e no período seguinte de 1930 a 1940 há novamente uma quebra populacional, mas apenas numa freguesia urbana, a Sé; estes decréscimos da população poderão estar relacionados “*com a crise que a partir de 1891 afectou a indústria e o comércio locais*”, (António Ventura, 1995: 26).

Há ainda a observar que no período de 1940 a 1950, em relação às freguesias, as rurais tiveram uma taxa de crescimento inferior à média do concelho e, as freguesias urbanas, uma taxa de crescimento muito acima da média (+0,367% ao ano contra +1,52%). Assiste-se, pois, ao êxodo dos trabalhadores das freguesias rurais para a sede do concelho (freguesias urbanas), o que exemplifica a existência de zona de atracção no interior do próprio concelho.

3º período: 1950 a 1970

Neste vinténio a população do concelho tem um crescimento real negativo com uma taxa média anual de -0,405%. Concretamente, a população decresce de um volume de 28074 para um volume de 25800 habitantes. Sabendo que o crescimento natural deste período atingiu um saldo fisiológico médio anual de +0,41, valor este que corresponderia a uma população de 30374, e assim, o concelho perdeu cerca de 15,06% dos seus habitantes, ou seja, próximo de 4574 pessoas.

Este período é caracterizado por um grande êxodo da população em todo o concelho para outras regiões do país, ou para o estrangeiro.

As freguesias rurais atingem um valor de crescimento negativo, inferior à média do concelho, uma taxa de -0,542% ao ano. As freguesias urbanas também apresentam um valor de crescimento médio negativo a uma taxa de -0,25%.

Este decréscimo de população atinge o seu volume máximo na década de 60/70, um crescimento real negativo com uma taxa média anual de -0,917%.

Quadro nº3: Evolução da população do concelho de Portalegre de 1981 a 1995.

Freguesias	1981	1991	1995
Alagoa	737	733	
Alegrete	2592	2096	
Carreiras	792	711	
Fortios	1943	1835	
Reguengo	901	840	
Ribeira de Nisa	1427	1012	
S.Julião	812	562	
S. Lourenço	6701	5801	
Sé	9123	10295	
Urra	2285	2226	
Total	27313	26111	25070

Fonte: elaboração própria com base no recenseamento de 1981, 1991 e 1995.

4º período: 1970 a 1981

Analisando os quadros nº2 e nº3, de Dezembro de 1970 a Março de 1981 a população acusa, neste período, um crescimento real com uma taxa média anual de +0,572%. Concretamente, a população cresce de um volume de 25800 para um volume de 27313. Sabendo que o crescimento natural deste período atingiu um saldo fisiológico médio anual de +0.42, concluímos, por isso, que, embora de uma forma pouco representativa, a população ultrapassou o volume da população esperada.

Naquela época, vêm residir para o concelho de Portalegre pessoas vindas de outros concelhos do país, das ex-colónias e do estrangeiro.

Sendo assim, as freguesias urbanas apresentam uma taxa de crescimento médio anual de +2,60%, muito acima da média do concelho. A taxa de crescimento médio anual das freguesias rurais atingiu o valor de -1,34%.

Assiste-se, pois, ao êxodo da população das freguesias rurais para a sede do concelho (freguesias urbanas), em especial para a freguesia da Sé.

5º período: 1981 a 1995

De Março de 1981 a Dezembro de 1995 o volume da população passou de 27313 para 25070. A taxa de crescimento médio anual da população foi de -0,557%. E se dividirmos este período em dois subperíodos poderemos verificar:

- de Março de 1981 a Abril de 1991, a taxa de crescimento médio anual da população foi de -0,436%;
- de Abril de 1991 a Dezembro de 1995, a taxa de crescimento médio anual da população foi de -0,839%.

A situação tem-se vindo a agravar, prevendo-se que os efectivos populacionais continuem a diminuir de acordo com as projecções efectuadas para o ano 2000.

Sabendo que o crescimento natural, neste período, atingiu um saldo fisiológico médio anual de -0,56%, infere-se, por estes dados, que não teria havido, entre Março de 1981 e Abril de 1991, movimentos migratórios. No entanto, no período de Abril de 1991 a Dezembro de 1995, a população do concelho foi mais repulsiva.

Conclusão do período compreendido entre 1864 e 1995:

O aumento da população verificado no concelho, durante o período referido, vai ao encontro da observação realizada por Nazareth, (1988a: 60): *“todo o espaço português evolui no sentido do crescimento, com taxas superiores à unidade. Não deixa de ser interessante observar que as taxas de crescimento total são, em geral, superiores às taxas de crescimento natural, o que significa que, neste período, as entradas foram superiores às saídas”*.

A partir de 1950 começa a esboçar-se uma nova tendência, isto é, irão registar-se sucessivos decréscimos do efectivo populacional. Estes decréscimos atingem o seu volume máximo na década de 60/70. No entanto, no decénio de 50/60 o concelho de Portalegre regista um aumento do seu efectivo populacional, embora seja muito pouco significativo: (0,3%).

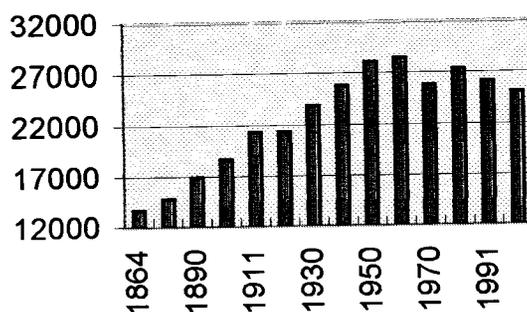
Estes dados da dinâmica da população, confirmam os de Nazareth, (1988a: 61) isto é, *“há uma progressiva perda de ritmo de crescimento das regiões do interior”*.

De 1970 a 1981, esboça-se uma inversão de tendência no concelho de Portalegre, nos quais se verificam aumentos do efectivo populacional relativamente ao decénio anterior, de 0,572%. Confirmam os de Nazareth, (1988a: 75): *“o retorno, numa primeira fase predominantemente africano, evitou que, na década de 1970-81 se observasse a mesma repartição da década de 1960-70”*.

A partir de 1981 até 1995, há uma diminuição do crescimento natural anual médio no concelho de Portalegre. Efectivamente, vai ao encontro da análise observada por Nazareth, (1988a: 185) *“no período de 1980-2000, prevê continuidade da diminuição do crescimento natural anual médio. Tal facto é fundamentalmente, devido ao declínio generalizado da fecundidade no espaço português”*.

Toda esta síntese, poder-se-á verificar através do gráfico nº1.

Gráfico nº1: Evolução da população do concelho de Portalegre de 1864 a 1995.



2.1.3- Distribuição espacial da população

Vamos descrever a distribuição espacial da população do concelho de Portalegre, primeiro em termos de densidade populacional, em seguida, segundo a estrutura etária das principais classes etárias e, finalmente, focaremos a dinâmica natural e migratória da população do respectivo concelho.

2.1.3.1-Densidade populacional do concelho de Portalegre

A perda de população no concelho de Portalegre, faz-se sentir na densidade populacional. Esta era de 61hab/km² em 1981 e, em 1991 passa para 59hab/km², e em 1995 decresce ainda mais, passando a 56 hab/km².

Relativamente à densidade populacional, o panorama do concelho segue naturalmente a tendência do próprio distrito. Encontrando-se este ainda numa situação mais grave, em 1995, o distrito regista apenas 21,7 hab/km².

Assim, para uma área de 23,512km² a cidade de Portalegre, que em 1981 tinha uma densidade de 673hab/km², viu essa densidade subir ligeiramente, em 1991, para 685 hab/km². Em relação às freguesias rurais, o panorama inverte-se; em 1981 a densidade populacional das referidas freguesias era de 27hab/km² e, em 1991 essa densidade passou para 24 hab/km².

Concluimos que, neste período, assiste-se ao êxodo da população das freguesias rurais para as freguesias urbanas.

Em síntese, é o peso da densidade populacional das freguesias urbanas que contribui para que a densidade populacional do concelho seja superior à do distrito.

No entanto, é importante verificar que a densidade populacional da freguesia da Urra, que em 1981 tinha uma densidade populacional de 18hab/km² para uma área de 129,555km², viu essa densidade em 1991 baixar para 17hab/km², valores inferiores aos registados na densidade populacional do distrito.

Já a freguesia de Ribeira de Nisa com a menor área do concelho, de 16,026 km², apresenta em 1981 uma densidade populacional de 89hab/km² e, em 1991 desce para 63hab/km².

É também importante assinalar que a freguesia de Alegrete com a área de 87,377 km², no ano de 1981 apresentava uma densidade populacional de 30hab/km² e, em 1991 desce para 24 hab/km².

Através dos dados apresentados, verificamos que em todas as freguesias rurais a população tende a decrescer. Todos estes valores retratam o cenário do Alentejo que possui hoje uma densidade populacional de 21hab/km², enquanto a média Nacional é de 105hab/km².

2.1.3.2-Estrutura etária da população do Concelho de Portalegre

Segundo os critérios estabelecidos, costuma considerar-se que uma população é jovem quando a proporção de indivíduos com idades inferiores a 20 anos, corresponde no mínimo a 35% da população total, da mesma forma que a percentagem de indivíduos com 60 e mais anos não deve exceder os 12%.

Observa-se no quadro nº4 as percentagens dos três grandes grupos etários ao longo dos anos de 1960, 1970, 1981 e 1991:

Quadro nº4: Distribuição dos grupos etários da população do concelho de Portalegre em 1960, 1970, 1981, 1991.

Grupos etários	1960	1970	1981	1991
1-Grupo dos 0 aos 19 anos	31,9%	31,0%	28,4%	25,2%
2-Grupo dos 20 aos 59 anos	54,1%	52,6%	52,1%	51,4%
3-Grupo => a 60 anos	14,0%	16,4%	19,5%	23,4%

Fonte: elaboração própria com base nos recenseamentos e estatísticas demográficas.

Da análise dos valores registados no concelho em 1960, 1970, 1981 e 1991, concluímos que:

- Em 1960 a população do concelho era moderadamente jovem, com cerca de 31,9% de indivíduos com menos de 20 anos e 14% com 60 e mais anos.

- Em 1970 a população do concelho era moderadamente jovem, com cerca de 31% de indivíduos com menos de 20 anos e 16,4% com 60 e mais anos, no entanto, decresce cerca de 0,9% o grupo de habitantes com menos de 20 anos, e aumenta o grupo com 60 e mais anos, cerca de 2,4%.

- Em 1981 a proporção do grupo com menos de 20 anos desce para 28,4% e aquele, constituído pelos indivíduos com 60 e mais anos sobe para 19,5%, sendo já evidentes os sintomas de envelhecimento do concelho.

- Em 1991, acentua-se ainda mais o peso do grupo etário dos 60 e mais anos 23,4%, enquanto que os valores para o grupo de menos de 20 anos apresentam um novo decréscimo, situando-se nos 25,2%.

Continuando com a análise do quadro nº4, verificamos o aumento significativo da população com mais de 60 anos, que no espaço de 30 anos aumenta 9,4%, aproximando-se dos 24% da população do concelho.

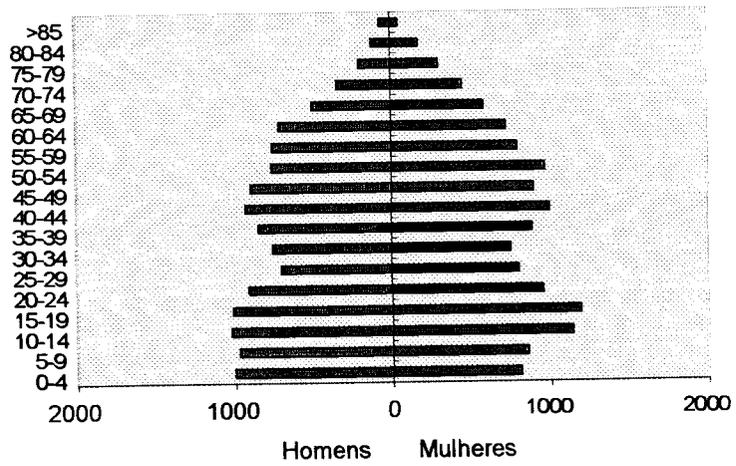
A importância relativa dos jovens continua a baixar e representa, no presente, 25,2% da população total, contra 31,9% em 1960. Prossegue, simultaneamente, o aumento contínuo da proporção de indivíduos com 60 e mais anos na população total (23,4% em 1991, contra 14,0% em 1960). É o acentuar do fenómeno do envelhecimento demográfico, que se faz exclusivamente em detrimento da população jovem.

As modificações ocorridas na estrutura etária fixaram novos equilíbrios entre os diferentes grupos etários, bem expressos nos indicadores normalmente apresentados para medir o envelhecimento ou a juventude da população. Enquanto que em 1970, para cada 100 jovens com menos de 20 anos existiam 52,9 pessoas com 60 e mais anos, em 1991, para cada 100 jovens com menos de 20 anos, existiam 92,9 pessoas com 60 e mais anos. Estima-se, então, que esta relação se venha a elevar nos próximos anos.

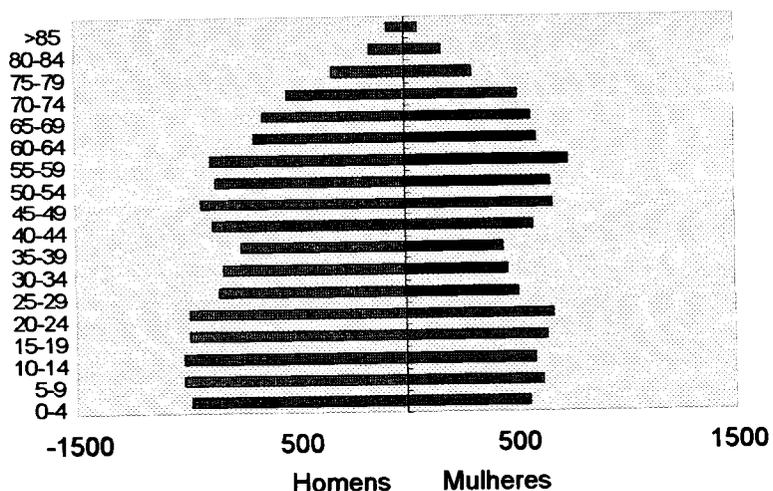
Sabe-se, através da análise estatística nacional realizada em 1992, que o distrito de Portalegre detém a maior proporção de idosos, de 65 e mais anos (22,5%), valor este com tendência a crescer, tendo atingido em 1993 o valor de 22,9%.

Para documentar graficamente a evolução da estrutura etária da população e tornar mais expressiva as anteriores conclusões, recorreremos à construção de pirâmides etárias que se encontram representadas nos quadros nº5, nº6 e nº7.

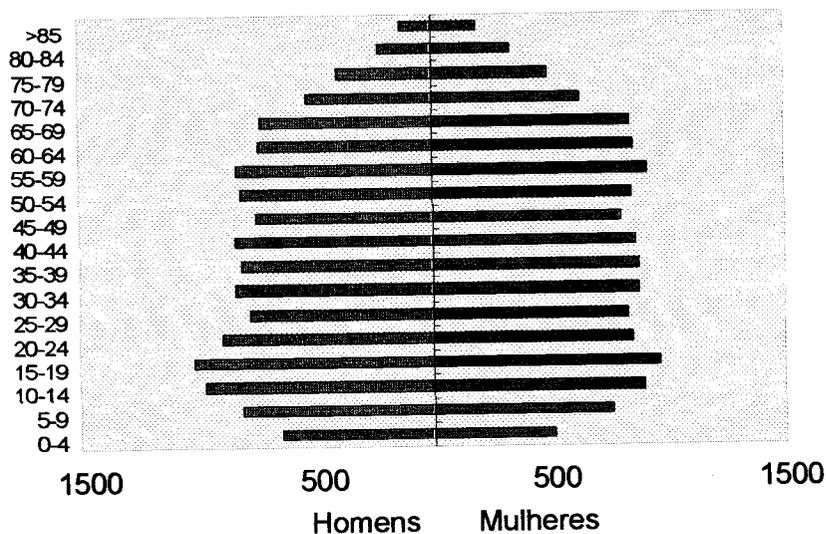
Quadro nº5: Pirâmide de estrutura etária da população do concelho de Portalegre do ano de 1970.



Quadro nº6: Pirâmide de estrutura etária da população do concelho de Portalegre do ano de 1981.



Quadro nº7: Pirâmide de estrutura etária da população do concelho de Portalegre do ano de 1991.



A comparação entre as várias pirâmides de 1970, 1981 e 1991, mostra a evolução ocorrida:

- Progressivo envelhecimento da população, que se traduz pela diminuição da percentagem de jovens e aumento da percentagem de idosos, e é denunciado pelo estreitamento na base e alargamento no topo das pirâmides etárias em 1970, 1981 e 1991.

- Fluxo migratório intenso denunciado pela retracção dos escalões etários compreendidos entre os 20 e os 40 anos e, em particular, pelos desequilíbrios entre os sexos nas mesmas classes horizontais, que se verificam nas pirâmides em 1970, 1981 e 1991.

O grupo mais pequeno desse estrangulamento era em 1970 o dos 25-29 e em 1981, o dos 35-39 anos.

Se compararmos as pirâmides de idade, ao longo do tempo, verificamos que a base desta vai sendo cada vez mais diminuta, indicadora de fraca natalidade.

O concelho de Portalegre, situado a norte do Alentejo, é a região homogénea do país, em que tanto o saldo natural como o saldo migratório persistem negativos e em lento agravamento.

2.1.3.3- Dinâmica natural da população do concelho de Portalegre

Verifiquemos o quadro nº8 sobre a dinâmica natural da população do concelho de Portalegre desde 1950, tomando como base as fontes de informação, “Estatísticas Demográficas” e os relatórios da A.R. Saúde e Centro de Saúde de Portalegre.

Quadro nº8: Quadro comparativo da dinâmica natural da população do concelho de Portalegre de 1950 a 1995.

	1950	1960	1970	1981	1991	1995
Natalidade	18,1	20,1	17,6	14,1	8,2	8,7
Mortalidade	9,2	10,5	11,5	11,6	13,5	14,2
Saldo fisiológico	8,9	9,6	6,1	2,5	-5,3	-5,5

Fonte: elaboração própria com base nos recenseamentos e estatísticas demográficas.

Como verificámos atrás, o estrangulamento observado na população procriadora é responsável pela diminuição da taxa de natalidade no concelho de Portalegre ao longo dos anos.

Surge um aumento da taxa de mortalidade, desde 1950 até 1995, sendo esta mais intensa a partir de 1981. Terá a ver com o envelhecimento acumulado de uma população que atingiu o ponto médio de esperança de vida à nascença, no período a partir de 1981 até 1995.

A nível da taxa de natalidade, há um aumento significativo entre 1950 e 1960. A partir de 1960 há um decréscimo, apresentando um agravamento máximo, essencialmente, no período compreendido entre 1970 e 1991.

É óbvio que, a partir do momento em que o número de mortes é superior ao número de nascimentos, o crescimento natural processa-se de forma regressiva, situação que manter-se-á se o crescimento da população idosa persistir. Este atingiu cerca de 24% do volume da população do concelho.

Em 1950, o Alentejo representava cerca de 10% da população do continente, em 1991, não chega a representar 6%. Assim, ao contrário da tendência para o aumento da população que se verificou até 1950, o Alentejo tem perdido população desde essa data até aos dias de hoje, prevendo-se que os efectivos populacionais continuem a diminuir de acordo com as projecções efectuadas para o ano 2000.

3- IDENTIFICAÇÃO DAS FAMÍLIAS DO CONCELHO DE PORTALEGRE

Identificando as famílias do concelho de Portalegre no ano de 1991, com base numa análise demográfica da informação disponível no recenseamento de 1991, construímos alguns indicadores sobre a composição e estrutura das famílias, e sobre o seu processo de formação.

3.1- alterações recentes no processo de formação da família e na sua composição

A família tem vindo a ser entendida historicamente, como o sustentáculo do desenvolvimento do indivíduo e, na perspectiva da sociedade, como unidade de produção, consumo e reprodução social.

Recentemente, as funções da família experimentaram algumas transformações mantendo-se, no entanto, basicamente o seu papel na sociedade.

Na verdade, podemos observar, através dos dados disponíveis do último recenseamento da população (1991) que, no concelho de Portalegre, numa análise das famílias clássicas - segundo a dimensão (número de pessoas), apresentados no quadro nº9, 1409 famílias são constituídas por um único indivíduo (15,40% do total de famílias) e 2565 são formadas por casais sem filhos (28,90% do total). Das famílias constituídas por casais com filhos (4312 - 48,60% de todas as famílias) 998 têm apenas um filho, 863 dois, 126 três e 15 têm quatro ou mais filhos. O que significa que 11,20% das famílias formadas por casais com filhos, têm um filho único; 9,70%, dois filhos; 1,40%, três filhos e, apenas 0,20%, têm quatro ou mais filhos.

Quadro nº9: Famílias clássicas segundo a dimensão e o número de filhos.

Famílias clássicas	Total	%
Casais sem filhos	2565	28,90
Casais com filhos	4312	48,60
Casais com 1 filho	998	11,20
Casais com 2 filhos	863	9,70
Casais com 3 filhos	126	1,40
Casais com 4 e mais filhos	15	0,20
Total da família	8879	100,00

Fonte: elaboração própria com base no recenseamento de 1991.

Por outro lado, considerando o total de pessoas vivendo em família, independentemente de serem ou não pais e filhos, ou mesmo aparentados, as famílias apresentam a seguinte composição, como podemos observar através do quadro nº10.

Quadro nº10: Famílias clássicas segundo a dimensão.

Famílias clássicas	Total	%
Com 1 pessoa	1409	15,40
Com 2 pessoas	2792	30,40
Com 3 pessoas	2198	24,00
Com 4 pessoas	2002	21,80
Com 5 pessoas	520	5,70
Com 6 pessoas	169	1,80
Com 7 ou mais pessoas	79	0,90
Total	9169	100,00

Fonte: elaboração própria com base no recenseamento de 1991.

A análise do quadro nº10 leva-nos a concluir que a grande maioria das famílias, 91,60%, são constituídas por 4 ou menos indivíduos. A família de grande dimensão tem, assim, uma expressão muito reduzida.

Se observarmos o quadro nº11 quanto à composição do agregado familiar, verificamos que, enquanto que em 1970 o número médio de pessoas por família atingiu um valor de 3,2/família, em 1991 o número de pessoas por família foi de 2,8 pessoas, valor ligeiramente acima, calculado da dimensão média da família no distrito de Portalegre, que se situa em 2,7 pessoas por família. Tanto o concelho como o distrito contêm índices inferiores à média nacional que é de 3,1 pessoas por família.

Quadro nº11: Concelho de Portalegre - População, Família.

Concelho	1970		1991	
	População residente	Família	População residente	Família
Portalegre	25800	8010	26111	9169

Fonte: elaboração própria com base no recenseamento de 1970 e 1991.

Por outro lado, passa a ganhar relevância o peso das famílias monoparentais constituídas por pai com filhos (73), ou por mãe com filhos (424) como podemos observar no quadro nº12.

Quadro nº12: Famílias clássicas, segundo o tipo de família.

Tipo de família	Total	%
Casal sem filhos	2565	34,50
Casal com filhos	4312	58,00
Pai com filhos	73	1,00
Mãe com filhos	424	5,70
Avós com netos	38	0,51
Avô com netos	2	0,03
Avó com netos	19	0,26
Total	7433	100,00

Fonte: elaboração própria com base no recenseamento de 1991.

Se considerarmos o peso destas famílias no total das famílias nucleares constituídas por pai com filhos, chegamos à conclusão de que 1,00% são formadas por pai com filhos e 5,70% por mãe com filhos. Um dado importante de se verificar na população do concelho de Portalegre é a existência de famílias nucleares formadas por avós com netos 0,51%, avô

com netos 0,03% (pouco significado) e avó com netos 0,26%. Encontramos neste concelho muitas crianças que estão ao cuidado dos avós.

Face ao envelhecimento da população do concelho de Portalegre, facto que se tem vindo a agravar nos últimos anos, levantou-se-nos a seguinte questão: como é que a composição da família do concelho de Portalegre responderá a este envelhecimento? Para tal, passámos a analisar, por um lado, o peso do número de pessoas com 65 e mais anos, segundo o tamanho da família (quadro nº13) e, por outro, o peso do número de pessoas com menos de 15 anos, em função da família (quadro nº15).

Quadro nº13: Distribuição de idosos com 65 e mais anos pelas famílias clássicas.

Dimensão da família	Subtotais	“0”idosos	1 idoso	2 idosos	3 ou > idosos
1 pessoa	1409	513	896		
2 ou + pessoas	7760	5537	1004	1188	31
Total	9169	6050	1900	1188	31
%	100,00	66,00	20,70	13,00	0,30

Fonte: elaboração própria com base no recenseamento de 1991.

Ao observarmos o quadro nº13, verificamos que existem 896 pessoas com 65 e mais anos a viverem sozinhas, o que significa que 63,60% das famílias, onde encontramos apenas uma pessoa, esta tem 65 e mais anos. Podemos observar que 6050 famílias, ou seja, 66% das famílias totais, não incluem nenhum indivíduo com 65 e mais anos, enquanto que em 3119 famílias, ou seja, 34% das famílias do concelho de Portalegre, vivem pessoas com 65 e mais anos. Nas famílias que contêm idosos, 20,70% possuem um idoso, 13% dois idosos, e apenas 0,30 três ou mais idosos.

Analisando o quadro nº14, verificámos que 896 pessoas, de 65 e mais anos, que vivem sós no concelho de Portalegre, representam 3,4% do total da população, sendo 228 homens, o que corresponde a 0,87% e 668 mulheres, o que equivale a 2,56% da população total do concelho.

Quadro nº14: Pessoas com 65 e mais anos a viverem sós no total da população

Concelho	Total da população 65 e mais anos	Total da população do concelho	% de idosos sós na população total
Portalegre	896	26111	3,4

Fonte: elaboração própria com base do recenseamento de 1991.

No que respeita à presença nas famílias de jovens com menos de 15 anos, como podemos verificar no quadro nº15, existem 6108 famílias que não contêm jovens, o que corresponde a 66,6% da população do concelho.

Quadro nº15: Famílias clássicas, segundo a dimensão pelo número de pessoas com menos de 15 anos.

Famílias com	Total	%
“0” jovens	6108	66,60
1 jovem	1807	19,70
2 jovens	1055	11,50
3 e mais jovens	199	2,20
Total	9169	100,00

Fonte: elaboração própria com base no recenseamento de 1991.

Continuando a analisar o quadro nº15, verificámos que existem 19,7% de famílias com 1 jovem, 11,5% de famílias com 2 jovens, e apenas 2,2% de famílias com 3 e mais jovens.

Comparando os quadros nºs13 e 15, concluímos que existem mais famílias constituídas por idosos do que por jovens.

Verifica-se um aumento da idade média das famílias, devido às seguintes causas:

- aumento proporcional dos idosos;

- novos modelos de família (famílias constituídas por pai com filhos, mãe com filhos, avó com netos, avô com netos) para citar os exemplos mais significativos, resultantes de um segundo casamento do marido, da mulher ou de ambos, (por motivo de viuvez, separação ou divórcio anteriores), com filhos de casamentos anteriores e do actual, vivendo em comum.

Estes dados tornam simultaneamente problemática e fascinante esta análise.

Como dissemos anteriormente, os modelos de família alteraram-se, não só porque, no passado tinham pouco significado, adquiriram uma nova dimensão, mas também porque, ao mesmo tempo que o modelo tradicional persistiu, novas formas de família e relações familiares se desenvolveram.

SÍNTESE DO CAPÍTULO

A cidade de Portalegre, situada a norte do Alentejo é capital de distrito, sede de concelho e de diocese. Encontra-se situada numa pitoresca posição dos contrafortes da serra de S. Mamede, a uma altitude de 480 metros.

A sua situação demográfica conhece, actualmente, alguns problemas, decorrentes do envelhecimento e da regressão quantitativa da sua população, provocados também pelos movimentos migratórios. Esta situação é mais crítica nas zonas rurais.

O norte Alentejano, zona desfavorecida, é uma região onde os aspectos quantificáveis do desenvolvimento não atingem os níveis mínimos considerados aceitáveis - - populações envelhecidas e empobrecidas, baixas densidades populacionais, solos pobres, afastados dos principais eixos de travessia e actividades económicas pouco competitivas.

O ritmo de crescimento da população está em perda progressiva, com uma taxa de crescimento médio anual negativa, com um grupo etário de mais de 60 anos que representa cerca de 23,4% da população, com um índice de dependência, quase o dobro da média do país e com um número médio de 2,8 pessoas por família. Se, finalmente, nos debruçarmos sobre a distribuição espacial da população, verificamos que cerca de 61,6% da mesma, reside na cidade.

Podemos verificar um aumento da idade média das famílias, dado o aumento proporcional dos idosos - modelos de família, constituídos por pai com filhos, mãe com filhos, avó com netos e avô com netos. Novas formas de família se formaram e novas relações familiares se desenvolveram.

A desertificação humana é um dado adquirido que nos deve merecer algumas preocupações, já que qualquer projecto ou proposta de desenvolvimento estão postos em causa sem esta peça fundamental: o Homem.

CAPÍTULO III

IMPORTÂNCIA DA COMPONENTE AMBIENTAL NA SOCIALIZAÇÃO DA CRIANÇA: O CASO PARTICULAR DO CONCELHO DE PORTALEGRE

INTRODUÇÃO

Este capítulo encontra-se dividido em quatro pontos.

No primeiro ponto, procederemos a uma abordagem teórica sobre espaço e sua organização. Seguidamente caracterizaremos os locais em estudo, relevaremos nessa caracterização, a sua história, a localização, o espaço físico e os recursos humanos.

No segundo ponto, abordaremos a metodologia utilizada no trabalho: desde o plano de pesquisa, os sujeitos do estudo, as variáveis a estudar, passando pelos instrumentos de pesquisa, com a sua descrição detalhada, o método utilizado na recolha de dados e o pré-teste até ao tratamento de dados.

No terceiro ponto, apresentaremos e analisaremos os resultados. Em primeiro lugar, a caracterização do ambiente familiar, em simultâneo nas duas amostras da população em estudo e, posteriormente o desenvolvimento de capacidades de socialização dessa população. E por último, analisaremos as hipóteses formuladas.

1- CARACTERIZAÇÃO DO LUGAR

Neste ponto vamos debruçarmo-nos, essencialmente, numa forma geral, sobre o espaço e a sua organização.

O espaço irá influenciar as condutas humanas, visto numa perspectiva ecológica.

Em seguida, descreveremos sucintamente os locais em estudo, relevaremos nessa caracterização a sua história, localização, espaço físico e recursos humanos.

1.1- Espaço e sua organização

A temática do espaço tem sido, ao longo da história, objecto de discussão em diversos campos. Desde a filosofia pré-socrática até às mais recentes teorizações, o espaço tem sido alvo de posições diversificadas, tendo tido um impacto, nos últimos séculos, as posições assumidas a partir de Kant e aquelas em torno das geometrias não euclidianas.

O espaço é um mediador das condutas humanas e irá influenciar esta de uma forma rígida ou flexível.

É um facto que o espaço desempenha papéis diferentes consoante as culturas daqueles que neles vivem e que os constroem.

Vários autores, como Fischer, referem que o ambiente circunscreve territórios, favorecendo e inibindo interacções.

Na organização e utilização do espaço, terá que se ter em conta, as características do indivíduo, e o papel do meio ambiente.

O espaço deixa de ser um simples local, mas sim um espaço vivido, constitutivo da situação e da relação.

Para Sallan a organização do espaço deve favorecer a criação de hábitos, criar um clima adequado ao desenvolvimento pessoal e satisfazer as necessidades espontâneas de acção e movimento.

1.2- Caracterização dos lugares em estudo

As crianças escolhidas para o estudo, estão inseridas em dois grupos:

- As crianças que vivem com a família;
- As crianças que vivem numa instituição.

Para o grupo de crianças que vive com a família, o contexto que nós seleccionamos para local de estudo foi o estabelecimento de ensino que elas frequentam, o colégio Diocesano de Santo António de Portalegre.

O grupo de crianças que vivem numa instituição estão distribuídas por duas casas: Internato feminino de Nossa Senhora da Conceição e Internato masculino de Santo António. E os contextos que nós seleccionámos para local de estudo destas

crianças, foram os vários estabelecimentos de ensino que elas frequentam, nomeadamente:

- Escola Primária da Serra;
- Escola Primária da Corredoura;
- Escola Básica 2,3 - José Régio;
- Escola Básica 1 - Cristovão Falcão;
- Escola Secundária Mouzinho da Silveira;
- Escola Secundária de S. Lourenço.

Iniciaremos a caracterização do contexto do primeiro grupo de crianças, as que vivem com a família.

O COLÉGIO DIOCESANO DE SANTO ANTÓNIO, é uma instituição de carácter privado, devidamente legalizado com paralelismo pedagógico, que se destina à educação dos jovens, considerando como princípio fundamental da sua acção educativa a formação científica e humana dentro dos princípios da religião católica.

No ano de 1953 foi pedido autorização para abrir no concelho de Portalegre, distrito de Portalegre, um estabelecimento de ensino particular denominado “Colégio de Santo António” por três professores José Joaquim Garção Nunes, Plínio Casemiro Serrote e Francisco Calado Godinho Barrocas. Foi concedida a respectiva autorização para receber 180 alunos, sendo 28 alunos internos distribuídos por 1º, 2º ciclos e secção de ciências do 3º ciclo. Os alunos eram do sexo masculino.

Ficou registado no livro E. Alvará nº1322 pelo Ministério da Educação Nacional e Inspeção Superior do Ensino Particular em 24 de Setembro de 1953.

Por despacho ministerial de 1 de Setembro de 1959, foi autorizada a mudança de designação deste estabelecimento para Colégio Diocesano de Santo António e a transferência de propriedade para a Diocese de Portalegre e Castelo Branco.

Ao longo de trinta e oito anos de existência este estabelecimento de ensino teve várias direcções, contudo o espírito da sua criação permanece, o de fomentar nos jovens os valores da educação cristã.

O colégio fica situado na parte nova da cidade na encosta da serra de S. Mamede e vislumbra-se dele a serra da Penha, vendo-se emergir no casario as Torres da Sé e as ameias do castelo.

A abertura da escola data de 1959 e é composta por 2 blocos com vários andares ligados por 2 galerias - o corpo do meio é composto pela cozinha, refeitório e capela.

O bloco, que se situa de frente para a Avenida Pio XII, tem 2 andares. No andar de baixo funcionam os serviços administrativos, a Direcção, a sala de professores, a biblioteca, as salas de convívio e as casas de banho. No andar superior, distribuem-se as salas do 2º, 3º ciclos e secundário. O 1º ciclo funciona num anexo, sendo composto por quatro salas, casa de banho e um pátio coberto. Na parte superior, situa-se o ginásio e respectivos balneários.

Na galeria inferior funciona o bar e uma sala de convívio. Em frente existe um campo de jogos, destinado a práticas desportivas.

É uma escola pequena onde todos se conhecem e tem um ambiente familiar.

O número de alunos que frequentam é de 190 distribuídos pelos 1º, 2º, 3º ciclos e secundário. Alguns destes alunos beneficiam de subsídios estatais. Pelo facto da escola ter características muito peculiares também a população escolar é muito heterogénea tendo alunos de vários pontos do país. E como o colégio pertence à Diocese de Portalegre e Castelo Branco é aqui que os alunos, que se encontram no Seminário de Portalegre, recebem a sua formação e são integrados nas respectivas turmas.

O 1º ciclo é assegurado por duas professoras, ficando cada uma com dois anos.

O 2º, 3º ciclos e secundário são assegurados pelos professores que leccionam a tempo inteiro num total de doze e professores que se encontram em regime de acumulação, num total de dezassete. Leccionam ainda neste estabelecimento de ensino cinco sacerdotes na área de humanidades.

Embora o conselho Escolar tenha feito todas as diligências no sentido de criação de uma associação de pais, os mesmos ainda não se organizaram em Associação. No entanto, o contacto com os Encarregados de Educação é muito estreito.

O grupo de crianças que frequentam este estabelecimento de ensino, foram seleccionadas para o estudo num total de trinta e cinco. Duas de 7 anos, quatro de 8 anos, sete de 9 anos, uma de 10 anos, nove de 11 anos, cinco de 12 anos, quatro de 13 anos e três de 14 anos. Frequentam o 2º, 3º, 4º, 5º, 6º, 7º e 8º anos de escolaridade respectivamente.

- **A turma do 2ºano**, está inserida numa sala que contem dois anos (1º e 2º anos), num total de vinte e dois alunos. Dez do 1ºano e doze do 2ºano. A turma é composta por oito crianças do sexo feminino e catorze do sexo masculino, com idades que oscilam entre os 6 e 7 anos.

A nível de estratificação social, distribuem-se por classe média alta e média.

O grupo é homogéneo, encontrando-se alunos com bom aproveitamento e bom comportamento.

A maioria dos alunos reside na cidade de Portalegre.

- **A turma do 3º e 4º anos** é formada por um total de dezasseis alunos, sendo dez do 3ºano e seis do 4ºano. A turma é composta por sete crianças do sexo feminino e nove do sexo masculino, com idades que oscilam entre os oito e dez anos.

A nível de estratificação social, os alunos distribuem-se por classe média alta e média.

O grupo do 3ºano é bastante homogéneo, tanto a nível de aprendizagem como a nível de comportamento.

O grupo do 4ºano é muito heterogéneo, não em termos de comportamento, mas em termos de aprendizagem.

Todos os alunos residem na cidade de Portalegre.

- **A turma do 5ºano**, é constituída por doze alunos, sendo cinco do sexo feminino e sete do sexo masculino, com idades que oscilam entre os nove e onze anos.

A nível de estratificação social, os alunos distribuem-se por classe média alta e média.

Neste grupo, uns alunos residem na cidade de Portalegre e outros nas regiões limítrofes.

O grupo é homogéneo, com bom aproveitamento e bom comportamento.

- **A turma do 6ºano** é constituída por quinze alunos, sendo oito do sexo feminino e sete do sexo masculino, com idades que oscilam entre os onze e treze anos.

A nível de estratificação social, os alunos distribuem-se por classe média alta e média.

O grupo de alunos é homogéneo, apresentando bom aproveitamento e bom comportamento.

Neste grupo de alunos, uns residem na cidade de Portalegre e outros nas regiões limítrofes.

- **A turma do 7ºano**, é constituída por quinze alunos, sendo sete do sexo feminino e oito do sexo masculino, com idades que oscilam entre os doze e catorze anos.

A nível de estratificação social, os alunos distribuem-se por classe média alta e média.

O grupo de alunos é heterogéneo, apresentando alguns dificuldades de aprendizagem.

Os alunos residem na cidade de Portalegre e nos concelhos limítrofes (Marvão, Monforte e Alpalhão).

- **A turma do 8º ano**, é constituída por onze alunos, sendo cinco do sexo feminino e seis do sexo masculino, com idades que oscilam entre os treze e quinze anos.

A nível de estratificação social, distribuem-se por classe média alta e média.

O grupo de alunos é homogéneo, apresentando bom aproveitamento e bom comportamento.

Os alunos residem na cidade de Portalegre e nos concelhos limítrofes (Marvão, Monforte e Alpalhão).

No que respeita ao segundo grupo de crianças, as que vivem na instituição, estão distribuídas por duas casas: Internato Feminino de Nossa Senhora da Conceição e Internato Masculino de Santo António.

O INTERNATO FEMININO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, fundado em 29 de Setembro de 1863, teve os estatutos aprovados em 22 de Dezembro do mesmo ano.

A sua primeira designação foi de “Asilo para a Infância Desvalida do Distrito de Portalegre” e era dirigido pela colectividade Associação Protectora do Asilo para a Infância Desvalida de Portalegre. Porque o seu fim era de carácter de infantário, os estatutos foram remodelados em 1873, criando-se uma nova instituição em 8 de Dezembro do referido ano, passando, a partir desta data a denominar-se “Asilo de Nossa Senhora da Conceição”, e destinado, exclusivamente, para meninas.

Por volta das décadas de 70/80 foi abolido a designação de Asilo, passando a denominar-se Internato.

As suas instalações passaram por diversos edificios da cidade, mas finalmente, mercê da aquisição feita pela antiga Junta Geral, em hasta pública em 6 de Maio de 1888, se instalou definitivamente, onde se encontra hoje, na Avenida George Robinson, zona central da cidade, próximo do jardim da Corredoura. O edificio foi ampliado nos anos 1928/1929.

O número de crianças/jovens que se encontram na instituição é de 30, com idades compreendidas entre os sete e os vinte e quatro anos.

Os alunos, segundo a sua idade e grau de escolaridade, encontram-se distribuídos em vários estabelecimentos de ensino que existem na cidade de Portalegre.

As crianças que se encontram no 1º ciclo, frequentam a Escola da Corredoura, que se situa a uma distância de 100 metros.

As crianças que se encontram no 2º e 3º ciclo, frequentam a Escola de S. Lourenço, a Escola Cristovão Falcão e a Escola Mouzinho da Silveira, que se situam a uma distância de 50, 500, e 700 metros respectivamente.

Encontram-se alguns jovens a frequentar a CERCI e outros o Centro de Formação profissional.

A instituição é assegurada por uma psicóloga que é a directora, uma professora primária que funciona como encarregado de educação e que dá apoio no que respeita a trabalhos escolares, uma educadora infantil, uma cozinheira, uma costureira, dois auxiliares, uma administrativa e uma encarregada.

A instituição está ligada aos programas de juventude (JVS) Jovem Voluntário de Solidariedade que decorrem durante um período de seis meses e aos (OTL) Ocupação dos Tempos Livres que decorrem durante o período de Julho a Setembro.

O INTERNATO MASCULINO DE SANTO ANTÓNIO, fundado em 1935, com o nome de “Asilo de Infância Desvalida”, teve as suas primeiras instalações no edifício onde se encontra actualmente a clínica de Santo António.

Iniciado com trinta e cinco crianças, e instituído com as mais rudimentares bases, não tinha nem sequer a orientá-lo, pessoal devidamente qualificado, que pudesse dispensar aos internados a educação, instrução e disciplina de que careciam.

Em 1937 António Rodrigues Soares foi impulsor de grande iniciativa, quem organizou proficientemente toda a estrutura de tão nobre casa e a fez singrar, proporcionando aos internados, sob a sua protecção, como director que era, a grande preparação para a vida. Tomou então como exemplo as oficinas de S. José, Porto, onde requesitou um prefeito e diversos mestres. Criou oficinas de marcenaria, alfaiataria e sapataria. Facultou ainda, a quantos o desejassem, o caminho dos estudos. Esta foi a grande base do Internato de Santo António que tem capacidade para oitenta alunos.

O edifício onde se encontra instalado, na Rua de S. Lourencinho, beneficiou de importantes melhoramentos devidamente adequados para o fim. Tem salas de convívio, biblioteca, quartos cheios de luz e ar.

Vestindo cada um, consoante o seu gosto, os rapazes internados, embora vivendo a disciplina, criam uma personalidade individual, como se estivessem na vida familiar.

O número de crianças/jovens que se encontram hoje na instituição é cerca de quarenta, com idades compreendidas entre os sete e os vinte e quatro anos.

Os alunos, segundo a sua idade e grau de escolaridade encontram-se distribuídos em vários estabelecimentos de ensino que existem na cidade de Portalegre.

As crianças que se encontram no 1º ciclo, frequentam a Escola da Serra, que se situa a uma distância de quinhentos metros.

As crianças que se encontram no 2º e 3º ciclo, frequentam a Escola José Régio, que se situa a uma distância de mil metros.

Encontram-se algumas crianças/jovens a frequentar a CERCI e o Centro de Formação Profissional.

Os recursos humanos são os mesmos que existem no Internato Feminino de Nossa Senhora da Conceição.

Hoje em dia, o Internato de Santo António e de Nossa Senhora da Conceição estão integrados na Misericórdia de Campo Maior. São equipamentos sociais que têm por finalidade o acolhimento a título transitório de crianças e jovens, no sentido de lhes proporcionar estruturas de vida tão aproximadas quanto possível às do núcleo familiar, com vista ao seu desenvolvimento físico, intelectual e moral e à sua inserção na sociedade.

São objectivos destas instituições:

- Proporcionar às crianças e jovens a satisfação de todas as suas necessidades básicas em condições de vida tão aproximadas quanto possível às da estrutura familiar;
- Promover a sua integração na família e na comunidade;
- Proporcionar os meios que contribuam para a sua valorização pessoal, social e profissional.

Para cada criança ou jovem acolhido é encontrado um projecto de vida partilhado pela criança ou jovem e sua família.

As instituições funcionam em articulação com as famílias das crianças e dos jovens, que são mantidas informadas da sua evolução, proporcionando, sempre que possível e útil, encontros regulares com os seus familiares dentro e fora da instituição.

No caso em que os laços familiares existentes sejam ténues, mesmo em situações de ruptura, é estimulado o fortalecimento ou restabelecimento das relações familiares como condição para o equilíbrio afectivo e emocional das crianças e jovens.

Os utentes das instituições têm acesso a todos os recursos da comunidade e a participarem nas iniciativas que na mesma forem promovidas.

As crianças e jovens para serem admitidas nas Instituições de Santo António e de Nossa Senhora da Conceição devem obedecer às seguintes condições:

- Haver conflito com o meio familiar ou social de que decorram riscos de marginalização.

- Necessidade de apoio nos casos de prosseguimento de ensino, formação pré-profissional e profissional ou obtenção de emprego que implique a desinserção da criança ou do jovem do seu ambiente normal;

- Ter entre os seis e os doze anos, excepcionalmente podem ser admitidas crianças de grupos etários próximos;

- Serem crianças pertencentes à área geográfica do distrito;

- Poderão ser admitidas crianças portadoras de deficiência mental ligeira ou outra deficiência desde que haja capacidade de resposta, quer a nível de espaço físico, de pessoal, quer ainda a nível de estruturas da comunidade que facilitem a sua integração.

O pedido de admissão far-se-á mediante pedido dirigido à entidade gestora dos Internatos de Santo António e de Nossa Senhora da Conceição.

Os contextos que nós seleccionamos para locais de estudo, nas crianças que vivem na instituição, foram os vários estabelecimentos de ensino que elas frequentam, sendo nomeadamente:

1- A ESCOLA SECUNDÁRIA MOUZINHO DA SILVEIRA (antigo Liceu Nacional de Portalegre) - O ensino liceal teve o seu início em Portalegre a 16 de Novembro de 1836, acontecimento que pode e deve considerar-se de grande relevo para a cidade, tendo-lhe, em todos os tempos dado um movimento apreciável, fazendo atrair a classe estudantil de todos os pontos do distrito.

A escola localiza-se no limite norte da cidade de Portalegre. Instalada actualmente num edifício de estrutura moderna, composta por seis blocos.

A escola é assegurada por noventa professores, um psicólogo, dez administrativos, vinte auxiliares de acção educativa, uma ecónoma e três cozinheiros.

O corpo discente compõe-se de novecentos e sessenta alunos, distribuídos do 7º ao 12º ano. Constituem uma população escolar heterogénea, quer a nível sócio-económico, quer a nível do local de residência. A maioria dos alunos do 7º, 8º e 9º anos provêm das freguesias urbanas e das freguesias rurais (Urrea, Alegrete, Fortios, Alagoa, Carreiras e Ribeira de Nisa) e os alunos do 10º, 11º e 12º ano provêm das freguesias urbanas, das freguesias rurais e dos concelhos limítrofes (Castelo de Vide, Crato e Arronches).

As turmas do 7º ao 9º ano de escolaridade são constituídas por quinze a vinte e três alunos e as turmas do 10º ao 12º ano são compostas por vinte e cinco a trinta alunos.

Consideramos que esta escola é muito dinâmica e aberta à inovação, pois participa em projectos e actividades, como por exemplo: funciona como polo do projecto FOGO/FORGEST, foi dinamizado e implementado um centro de recursos, publica um jornal escolar o “ISTO”, contém uma orientadora escolar e está-se a formar uma associação de pais.

As crianças que vivem na instituição e que frequentam esta escola, foram estudadas duas crianças, que fazem parte das seguintes turmas: 7ºA e 8ºB.

- **A turma do 7ºA**, é composta por vinte alunos, cujas idades oscilam entre os doze e catorze anos.

Cerca de metade da turma reside nas freguesias urbanas e a outra metade nas freguesias rurais.

A nível da estratificação social, a maioria dos alunos pertence à classe média e uma pequena parte à classe média baixa.

O aproveitamento global da turma é médio e do ponto de vista de comportamento, não faltam nem apresentam problemas.

- **A turma do 8ºB**, é composta por vinte e três alunos, cujas idades oscilam entre os treze e quinze anos.

A nível de estratificação social, os alunos distribuem-se pela classe média e média baixa.

A turma é heterogénea em termos de aproveitamento, cerca de nove alunos necessitam de apoio pedagógico.

2- ESCOLA SECUNDÁRIA DE S. LOURENÇO, (antiga Escola Industrial e Comercial de Portalegre) - O edifício deste estabelecimento de ensino e as suas instalações, muito dignificam Portalegre, na sua qualidade de capital de distrito. Ergue-se na Avenida George Robinson, onde o seu porte amplo e de linhas modernas muito favorece esta artéria da cidade.

Esta escola fundada em 1884, com designação “Escola de Desenho Industrial”, com a iniciativa de Augusto Fonseca Coutinho em 1891 passa a designar-se “Escola Industrial Fradesso da Silveira até 1948, e, as suas primeiras instalações tiveram lugar num edifício da rua de Elvas.

Naturalmente, porque a sua frequência assim o exigia, mudou para o edifício onde hoje está instalada provisoriamente a Escola Superior de Gestão.

A partir de 1948, passa a designar-se por “Escola de Artes e ofícios”, “Escola Industrial e Comercial de Portalegre” até 1979.

Para acompanhar o progressivo desenvolvimento no ensino, a Escola Industrial e Comercial de Portalegre viria em 27 de Abril de 1958 a merecer o edifício que actualmente ocupa.

A partir de 1979, passa a designar-se Escola Secundária de S. Lourenço, nome que ainda hoje mantém.

O edifício é composto por quatro pisos e anexos.

O corpo docente da escola é constituído por cento e dezasseis professores. Além destes a escola é assegurada pelos seguintes funcionários: três do SASE, uma ecónoma, dez dos serviços administrativos, vinte e sete auxiliares de acção educativa, cinco cozinheiros, três guardas nocturnos e um funcionário para a manutenção.

O corpo discente compõe-se de mil trezentos e cinquenta e quatro alunos, distribuídos no horário diurno por oitocentos e setenta e seis alunos e no horário nocturno por quatrocentos e setenta e oito alunos.

Os alunos que frequentam a escola provêm de todas as freguesias rurais e urbanas do concelho e de outros concelhos limítrofes.

Das crianças que vivem na instituição e que frequentam esta escola, foi apenas estudada uma, que frequenta a turma 7ºA.

- **A turma do 7ºA** é constituída por vinte e cinco alunos, dez do sexo feminino e quinze do sexo masculino, oscilando entre os doze e catorze anos de idade.

A nível de estratificação social, os alunos distribuem-se pela classe média e média baixa.

É uma turma bastante heterogénea, em termos de aproveitamento. E em relação ao comportamento são participativos, trabalhadores e revelam interesse pelas actividades escolares.

3- ESCOLA BÁSICA 1 - CRISTOVÃO FALCÃO, fundada no ano lectivo 1969/70, encontra-se a funcionar num edifício que, embora não tenha sido construído expressamente para esse fim, não deixa de possuir instalações consideradas dignas.

O imóvel, está erguido na Estrada Nacional 246, Avenida do Bonfim. É composto por quatro pisos e um pavilhão para actividades desportivas em anexo.

O corpo docente da escola é constituído por sessenta professores profissionalizados e efectivos, por dois professores para apoio de educação especial e trinta e sete professores de nomeação definitiva.

O corpo discente compõe-se de seiscentos e oitenta e três alunos distribuídos do 5º ao 9º ano de escolaridade. Com idades compreendidas dos dez aos dezassete anos. Constituem uma população escolar heterogénea, quer a nível sócio-económico, quer ao nível do local de residência, a maioria reside na cidade de Portalegre e alguns nas freguesias rurais, tais como: Carreiras, Fortios, Urra e Alagoa.

O corpo de pessoal não docente da escola é constituído por trinta e três funcionários, sendo estes um psicólogo educacional, catorze auxiliares de acção educativa, oito administrativos, dois vigilantes, seis cozinheiros/auxiliares e dois económicas.

Está a ser constituída a associação de estudantes e possui associação de pais.

Das crianças que vivem na instituição e que frequentam esta escola, foram estudadas cinco: duas de onze anos, duas de doze e uma de catorze; estas fazem parte respectivamente, das seguintes turmas: 5ºD, 5ºF, 6ºE e 6ºG.

- **A turma do 5ºD** é composta por catorze crianças do sexo feminino e quinze do sexo masculino, cujas idades oscilam entre os dez e doze anos.

Os alunos são oriundos, na sua maioria, da freguesia dos Fortios e da cidade de Portalegre.

A nível de estratificação social, os alunos distribuem-se pela classe média e classe média baixa.

É uma turma com bom aproveitamento e bom comportamento.

- **A turma do 5ºF**, inicialmente composta por vinte alunos, por conter alunos do regime educativo especial e devido a três casos de abandono escolar, sofreu de momento uma redução.

A média de idades dos alunos é de treze anos.

A grande maioria dos alunos reside na cidade de Portalegre, havendo sete alunos oriundos das freguesias das Carreiras e da Ribeira de Nisa.

A nível de estratificação social, os alunos distribuem-se pela classe média baixa e baixa.

O aproveitamento global da turma é pouco satisfatório, encontrando-se cinco alunos a repetir o 5º ano.

- **A turma do 6ºE**, é composta por vinte e nove alunos, dezasseis do sexo feminino e treze do sexo masculino, a idade que predomina é onze anos, encontrando-se alguns com doze, treze e catorze.

A maioria dos alunos reside na cidade de Portalegre, havendo alguns oriundos das freguesias rurais: Alagoa, Fortios e Carreiras.

A nível de estratificação social, os alunos distribuem-se pela classe média e classe média baixa.

O aproveitamento global da turma não é muito satisfatório, encontrando-se três alunos a repetir o 6º ano e dez alunos em apoio do ensino especial.

- **A turma do 6ºG** é composta por vinte e um alunos, dez do sexo feminino e onze do sexo masculino, com idades compreendidas entre os onze e os catorze anos.

A grande maioria dos alunos são oriundos da cidade de Portalegre.

A nível de estratificação social, os alunos distribuem-se pela classe média baixa.

O aproveitamento da turma é considerado razoável, contendo quatro alunos com apoio do ensino especial.

4- A ESCOLA BÁSICA 2, 3 - JOSÉ RÉGIO, construída mediante acordo de colaboração da Direcção Regional de Educação do Alentejo e Câmara Municipal de Portalegre, inaugurada em 16/12/94.

A escola localiza-se no limite sul da cidade de Portalegre. O seu espaço físico é composto por dois blocos, com três pisos cada um e um pavilhão para actividades desportivas.

A escola dispõe de sessenta professores, uma professora do ensino especial, um psicólogo, dois cozinheiros, dez administrativos e dezassete auxiliares de acção educativa.

O corpo discente compõe-se de seiscentos e noventa alunos, distribuídos do 5º ao 9º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os nove e os dezasseis anos.

Constituem uma população escolar heterogénea, quer a nível sócio-económico, quer ao nível do local de residência. A maioria dos alunos são oriundos da freguesia urbana (Sé) em Portalegre e das freguesias rurais (Alegrete, Reguengo e Urrea).

No decurso do ano lectivo de 1996/97, a escola apresentou dez a quinze casos de alunos em abandono escolar.

Das crianças que vivem na instituição e que frequentam esta escola, foram estudadas seis: uma de onze anos, duas de doze, duas de treze e uma de catorze e frequentam, respectivamente as seguintes turmas: 5ºA, 5ºE, 5ºF e 7ºF.

- **A turma do 5ºA** é constituída por vinte alunos, oito do sexo feminino e doze do sexo masculino, dos onze aos quinze anos.

A nível de estratificação social, os alunos distribuem-se pela classe média baixa e baixa.

É uma turma com aproveitamento heterogéneo, encontrando-se cinco alunos repetentes e alguns com apoio do ensino especial.

- **A turma do 5ºE** é constituída por vinte alunos, nove do sexo feminino e onze do sexo masculino, com idades compreendidas entre os onze e os quinze anos.

A nível de estratificação social, os alunos distribuem-se pela classe média baixa e baixa.

É uma turma com aproveitamento heterogéneo, encontrando-se quatro alunos a repetir o 5º ano e alguns com apoio do ensino especial.

- **A turma do 5ºF** é constituída por vinte e seis alunos, catorze do sexo feminino e doze do sexo masculino, dos dez aos treze anos.

A nível de estratificação social, os alunos distribuem-se pela classe média baixa.

É uma turma com aproveitamento heterogéneo, encontrando-se seis alunos a repetir o 5º ano e os mesmos com apoio pedagógico.

A maioria dos alunos reside na freguesia urbana da Sé.

- **A turma do 7ºF** é constituída por vinte e cinco alunos, oito do sexo feminino e dezassete do sexo masculino, com idades compreendidas entre os doze e os dezasseis anos.

A nível de estratificação social, os alunos distribuem-se pela classe baixa.

É uma turma com aproveitamento heterogéneo, encontrando-se cinco alunos em abandono escolar e um aluno com apoio do ensino especial.

A maioria dos alunos são oriundos da freguesia urbana Sé e da freguesia rural Urra.

5- A ESCOLA DA CORREDOURA localiza-se no centro da cidade de Portalegre, junto ao jardim da Corredoura.

A sua construção faz parte das escolas do tipo do plano dos centenários. Possui seis salas de aula.

É frequentada por cento e noventa e três alunos, que se distribuem pelas seguintes turmas: três turmas do 1º ano, duas do 2º ano, três do 3º ano, uma turma com alunos do 3º e 4º ano e duas do 4º ano.

Funciona com dois turnos: um das 8:15 horas às 13:15 horas e outro das 13:15 horas às 18:15 horas.

Os alunos que frequentam a escola provêm das freguesias urbanas (Sé e S. Lourenço).

O corpo docente da escola é constituído por dezasseis professores: sendo um director, dois de apoio pedagógico, dois do ensino especial e onze que trabalham com turma distribuída.

A escola tem apoio dum psicólogo e da equipa multidisciplinar do centro de saúde de Portalegre.

Das crianças, que vivem na instituição e que frequentam esta escola, foram estudadas nove crianças: uma de sete anos, duas de oito, quatro de nove, uma de dez e uma de doze anos, que frequentam as seguintes turmas: 1º, 2º, 3º e 4º ano.

- **A turma do 1º ano** é composta por catorze alunos, seis do sexo feminino e oito do sexo masculino. Com idades que variam entre os seis e sete anos.

A nível de estratificação social, os alunos distribuem-se por classe média.

É um grupo homogéneo, apresentam aproveitamento e comportamento bons. Frequentam a escola todos pela primeira vez.

- **A turma do 2º ano** é constituída por vinte e dois alunos, doze do sexo feminino e dez do sexo masculino. Com idades de sete e oito anos.

A nível de estratificação social, os alunos distribuem-se pela classe média alta, média e média baixa.

É um grupo heterogéneo a nível de aprendizagem, encontrando-se alguns alunos com apoio da professora da equipa do ensino especial.

- **A turma do 3º ano** é composta por vinte e um alunos, com idades que variam entre os oito e nove anos, com excepção de um aluno que tem doze.

É um grupo muito heterogéneo, tanto a nível de estratificação social como a nível de aprendizagem. Os alunos distribuem-se pela classe média alta, média e média baixa e alguns encontram-se com apoio da professora da equipa de ensino especial.

- **A turma do 4º ano** é constituída por vinte e um alunos, nove do sexo feminino e doze do sexo masculino. Com idades que variam entre os nove e os dez anos.

A nível de estratificação social, os alunos distribuem-se pela classe média e média baixa.

É um grupo homogéneo, a nível de aprendizagem e de comportamento.

6- A ESCOLA DA SERRA, localiza-se a este da cidade de Portalegre, no acesso à serra de S. Mamede.

A sua construção faz parte das escolas do tipo do plano dos centenários. Possui quatro salas de aula.

É frequentada por noventa e três alunos, que se distribuem pelas seguintes turmas: uma do 1º ano, uma do 2º ano, uma com alunos do 2º e 3º ano e outra com alunos do 3º e 4º anos.

O grupo de alunos são oriundos da freguesia da Sé.

O corpo docente da escola é constituído por sete professoras: uma do ensino especial, duas de apoio pedagógico e quatro que trabalham com turma distribuída.

A escola tem apoio de um psicólogo e de uma equipa multidisciplinar do centro de saúde de Portalegre.

Das crianças, que vivem na instituição e que frequentam esta escola, foram estudadas doze: uma de sete anos, duas de oito, três de nove e seis de onze anos de idade.

- **A turma do 1º ano** é constituída por dezanove alunos, dez do sexo feminino e nove do sexo masculino. Com idades entre os seis e sete anos.

A nível de estratificação social, os alunos distribuem-se pela classe média e média baixa.

A turma é homogénea, necessitando apenas um aluno de apoio da professora do ensino especial.

- **A turma do 2º ano** é constituída por vinte e três alunos, oito do sexo feminino e quinze do sexo masculino. Com idades compreendidas entre os sete e os onze anos.

A nível da estratificação social, os alunos distribuem-se pela classe média, média baixa e baixa.

A turma é heterogénea, tanto a nível de comportamento como a nível de aprendizagem. Contém alunos com apoio da professora do ensino especial.

- **A turma do 2º e 3º anos**, é constituída por vinte e seis alunos, frequentam dezassete o 3º ano de escolaridade e oito o 2º ano de escolaridade.

A nível da estratificação social, os alunos distribuem-se pela classe média baixa e baixa.

A turma é muito heterogénea, tanto a nível de comportamento como a nível de aprendizagem. Encontram-se vários alunos a repetir o ano e com apoio da professora do ensino especial.

- **A turma do 3º e 4º anos**, é constituída por vinte e cinco alunos, quinze do sexo feminino e dez do sexo masculino. Com idades que oscilam entre os nove e os onze anos. Frequentam vinte e três alunos o 4º ano de escolaridade e dois alunos o 3º ano de escolaridade.

A nível de estratificação social, os alunos distribuem-se pela classe média e média baixa.

O grupo é homogéneo, os alunos apresentam bom comportamento e boa aprendizagem.

2 - METODOLOGIA

Serão explicitadas as opções metodológicas que julgamos adequadas à elaboração do nosso trabalho.

2.1 - O plano de pesquisa

Uma vez posta a ênfase na interacção da criança com o seu meio, em que o desenvolvimento de socialização ocorre em contextos específicos e determinados, podemos enquadrar o presente trabalho numa perspectiva que engloba variáveis da criança e variáveis do meio onde esta está inserida.

Assim, a abordagem que fazemos pode inserir-se numa perspectiva ecológica do desenvolvimento humano, vejamos:

De acordo com Bronfenbrenner, (1977), citado por Bairrão (1992), pode denominar-se a este estudo uma abordagem ecológica ao desenvolvimento humano, na medida em que ele foca as relações dinâmicas entre o organismo e os meios que o cercam, estando a pessoa e o meio implicados em actividades e tensões recíprocas.

Não podemos, no entanto, considerar este trabalho como se de um estudo ecológico se tratasse e muito menos pretendemos que possua validade ecológica. Para tal seria necessário que o estudo em causa obedecesse a três condições fundamentais, enunciadas por Bronfenbrenner (1976), são elas:

- Pesquisa efectuada em situações de vida real, o que acontece no presente estudo.

- Análise, por um lado, das relações entre as características da criança e o seu ambiente habitual (lar, escola, grupo de idade, vizinhança, comunidade, etc.) e, por outro, a análise das relações e das ligações existentes entre aqueles ambientes. No nosso caso apenas analisamos um tipo de ambiente, logo não podemos estabelecer relações entre vários.

- A estratégia da escolha aplicada ao estudo das relações “indivíduo-ambiente” e ambiente-ambiente”- ou a experiência ecológica - é definida como um contraste sistemático entre dois ou mais sistemas ambientais; no nosso estudo analisamos apenas um tipo de ambiente para cada indivíduo, não sendo possível contrastar ambientes em relação aos indivíduos. Os contrastes que podemos efectuar verificam-se apenas ao nível de “ambiente-ambiente” ou, como lhe chamamos, “contextos-contextos” e dizem respeito às famílias das crianças estudadas. Podemos, contudo, estabelecer relações entre este tipo de ambiente e os indivíduos (crianças) do qual fazem parte.

Estando conscientes dos aspectos apresentados e também de que o nosso objectivo era o de estabelecer relações entre o desenvolvimento de capacidades de socialização das crianças e as características do ambiente de um determinado contexto - família - (crianças inseridas nele, e outras de que fazem parte), procedemos então ao delineamento de uma pesquisa que nos desse informações sobre as características do ambiente (família) e sobre o desenvolvimento de capacidades de socialização dessas crianças.

Assim, relativamente à determinação das características do ambiente familiar, utilizaremos um formulário, elaborado segundo a pesquisa bibliográfica efectuada, que nos fornece o tipo de interacção criança/pais, stressores familiares existentes e situação sócio-económica da família.

Relativamente à determinação do desenvolvimento de capacidades de socialização das crianças que vivem com a família e as que vivem numa instituição, optaremos pela aplicação duma escala de socialização. Selecionaremos este instrumento, por ser fácil de aplicação, e, segundo os seus autores, está bem validado tendo sido criado exactamente para crianças da fase etária com a qual trabalhamos.

Optaremos ainda por controlar a idade das crianças, fixando-a entre sete e catorze anos.

Em relação à socialização das crianças será avaliada nos contextos formais de educação (nas escolas), que são contextos de socialização. É neles que a criança aprende a estabelecer relações adequadas com os outros elementos da sociedade em que se insere e, mais objectivamente no nosso estudo, com os seus pares e adultos que do contexto fazem parte.

O nosso estudo é de carácter descritivo, transversal, analítico e exploratório, na medida em que o fenómeno a estudar está muito pouco divulgado no nosso país.

É feita uma análise interna dos dados com objectivo de testar o poder determinante das variáveis (interação criança / pais, stressores familiares e nível sócio-económico) sobre a variável socialização. E, por fim, uma análise comparativa dos resultados de ambas as amostras em estudo.

Ao nível do estudo do desenvolvimento humano, este trabalho não poderá ser considerado como possuindo validade ecológica; no entanto apresentará características que o aproximam de uma perspectiva ecológica do desenvolvimento humano.

2.2 - Os sujeitos do estudo

A população do nosso estudo é constituída por dois grupos de crianças, com idades compreendidas entre os sete e os catorze anos inclusive. Sendo um grupo formado por trinta e cinco (35) crianças que vivem numa instituição, no Internato Feminino de Nossa Senhora da Conceição e no Internato Masculino de Santo António, e trinta e cinco (35) crianças que vivem com a família.

O autor Caballo V. (1987) refere que é impossível definir competência social uma vez que ela dependente do contexto. E também é necessário ser enquadrada segundo o sexo e a idade.

Então, como critério do estudo, optámos pelo seguinte: que ambas as amostras fossem idênticas no que respeita a sexo e idade, para que estas variáveis não fossem influenciar a socialização da criança em estudo.

Na análise e tratamento dos dados, será denominada por grupo X, a amostra das crianças que vivem com a família, e por grupo Y, a amostra das crianças que vivem numa instituição.

Quadro nº16: Distribuição das crianças do grupo X e do grupo Y, segundo o sexo e a idade.

	Feminino	Masculino
7 anos	0	2
8 anos	2	2
9 anos	3	4
10 anos	1	0
11 anos	2	7
12 anos	3	2
13 anos	2	2
14 anos	1	2
Total	14	21

Através do quadro nº16, verificamos que o grupo X e o grupo Y são constituídos por catorze (14) crianças do sexo feminino e vinte e uma (21) crianças do sexo masculino.

2.3 - As variáveis a estudar

Atendendo ao número importante de variáveis que podem influenciar os resultados do nosso estudo, foram seleccionadas, após revisão bibliográfica, as seguintes variáveis relevantes, como sendo aquelas que mais se relacionam e influenciam o desenvolvimento de capacidades de socialização da criança:

Indicadores para medir a socialização:

- Sub-escalas com aspectos facilitadores:

- . Liderança;
- . Joviabilidade;
- . Sensibilidade social;
- . Respeito-autocontrolo.

- Sub-escalas com aspectos perturbadores / inibidores:

- . Agressividade-teimosia;

- . Apatia-retraimento;
- . Ansiedade-timidez.
- Sub-escala criterial de socialização.
- Variável interação criança/pais, percebida pela criança ao longo de toda a infância. (Variável discreta, assumindo valores inteiros, com variação possível entre zero (0) e trinta e dois (32), obtida através de trinta e dois (32) itens de um formulário, e depois medida através duma escala de Likert).
- Variável stressores familiares, percebida pela criança ao longo de toda a infância. (Variável discreta, assumindo valores inteiros, com variação possível de zero (0) a doze (12), obtida através de doze (12) itens de um formulário, e depois medida através duma escala de Likert).
- Variável nível sócio-económico da família, (variável discreta assumindo valores inteiros, com variação possível de um (1) a vinte e cinco (25), obtida através do graffar adaptado).

Seleccionámos outras variáveis para caracterizar o ambiente familiar, que foram:

- . escolaridade dos pais;
- . quanto ao número de casamentos da mãe;
- . estado civil dos pais;
- . instituição frequentada pela criança após os três anos de idade;
- . lugar que a criança ocupa no agregado familiar;
- . sucesso escolar da criança;
- . envolvimento de pessoas no desenvolvimento da criança;
- . elementos que fazem parte do agregado familiar da criança;
- . periodicidade com que a criança tem visita de familiares e/ou amigos.

2.4 - Os instrumentos de pesquisa

Para recolha de informação utilizámos neste estudo dois instrumentos de pesquisa:

- Um formulário às famílias: para determinação das características do ambiente familiar.
- Uma escala de socialização às crianças: para avaliar o desenvolvimento de capacidades de socialização destas.

2.4.1 - Descrição dos instrumentos de pesquisa

A escala de socialização: tem como antecedentes toda uma vasta revisão bibliográfica sobre escalas e instrumentos de pesquisa, para detectar vários aspectos da conduta social nas crianças em idade escolar.

O mais importante para dimensionalizar a socialização infantil, é a chamada “teoria bifactorial”, expressa por Kohn (1977), quando indica que as condutas sociais perturbadoras se agrupam basicamente em duas dimensões: problemas de conduta e problemas de personalidade.

Kohn encontra dois pontos problemáticos: a agressividade anti-social (problemas de conduta) e o retraimento ou inibição (problemas de personalidade): ainda que, com maiores ambições, outros sistemas (Achenbach e Edelbrock (1979); Quay e Werry (1979)), partilhem esta formulação.

O tipo de avaliador usado na quantificação tem sido variado: pais, professores, colegas e auto-avaliação das crianças. Contudo, sobressaem aqueles que são realizados por professores e em ambientes escolares.

A BAS tem como antecedentes outros estudos: A Escala de Adaptação e Hábitos Sociais (AHS-1) e a Escala de Transtornos e Conduta (ETC-1); em 1981, realizou-se um estudo pormenorizado das escalas, por Silva, Martorell e Pelechano, e nele se podem ver as relações com a actual escala - (BAS).

A BAS é um conjunto de sub-escalas de quantificação (rating scales), para avaliar a socialização de crianças e adolescentes (dos seis aos quinze anos), em ambientes escolares e extra-escolares, podendo ser complementada por professores (BAS-1) ou por pais (BAS-2).

São formadas por oito sub-escalas.

- Quatro de aspectos positivos - facilitadores:

Li - Liderança.

Jv - Joviabilidade.

Ss - Sensibilidade social.

Ra - Respeito-autocontrolo.

- Três de aspectos negativos - perturbadoras/ inibidoras:

At - Agressividade-teimosia.

Ar - Apatia-retraimento.

An - Ansiedade-timidez.

Obtem-se uma apreciação global da socialização com uma sub-escala:

Cs - criterial de socialização.

As sub-escalas de aspectos facilitadores:

1- Liderança (Li), composta por dezassete (17) elementos, detecta aspectos de liderança de conotação positiva. Uma pontuação alta indica popularidade, iniciativa, confiança em si próprio e espírito de ajuda.

2- Joviabilidade (Jv), composta por doze (12) elementos, mede a extroversão com as suas conotações concretas de sociabilidade e boa disposição. As relações sociais têm que ser fáceis e alegres na vida para se obter uma boa integração.

3- Sensibilidade social (Ss), com catorze (14) elementos, avalia o grau de consideração e preocupação da própria pessoa face aos outros, principalmente face àqueles que têm problemas, que são rejeitados e postos de lado.

4- Respeito e autocontrolo (Ra), com dezoito (18) elementos, reúne o conjunto de regras e normas sociais que facilitam a convivência e o respeito. Estes valorizam o sentido de responsabilidade e autocrítica e, em geral, o assumir de um papel de maturidade nas relações interpessoais.

As sub-escalas de aspectos perturbadores / inibidores:

5- Agressividade - teimosia (At), com dezassete (17) elementos, detecta vários aspectos de conduta negativa, perturbadora e por vezes anti-social. O seu núcleo está na resistência às normas, na indisciplina e na agressividade verbal ou física.

6- Apatia - retraimento (Ar), com dezanove (19) elementos, aprecia o retraimento social, a introversão e em casos extremos, o isolamento. Há outras situações relacionadas com estes: a lentidão, a falta de energia e de iniciativa, e em situações extremas, a depressão na sua vertente asténica.

7- Ansiedade - timidez (An), com doze (12) elementos, mede vários aspectos relacionados com a ansiedade (medo, nervosismo) e relacionados com a timidez (vergonha, acanhamento) nas relações sociais.

Sub-escala criterial - socialização (Cs), com quinze (15) elementos, oferece uma visão global do grau de adaptação social do sujeito segundo o juízo dos professores ou pais.

Como aplicar:

No caso de BAS-1, o instrumento é realizado pelos professores que estão condicionados a responder a todas as questões que se formulam, pois trata-se de comportamentos acessíveis à sua observação quotidiana do aluno.

É necessário que os professores e alunos tenham convivido um tempo suficiente. Recomenda-se a aplicação do BAS-1 nunca antes de seis a oito semanas após o início do ano lectivo.

O questionário é constituído por duas partes: a primeira parte contém sessenta e cinco questões e a segunda contém cinquenta e três questões.

Normas de correcção e pontuação:

As pontuações directas das oito sub-escalas de BAS-1 podem obter-se com a ajuda de quatro chaves de correcção comuns para ambas as versões. Estas chaves são as seguintes:

- 1ª, sub-escalas Li e At;
- 2ª, sub-escalas Jv e Ar;
- 3ª, sub-escalas Ss e Cs;
- 4ª, sub-escalas Ra e An.

Em cada sub-escala, far-se-á a pontuação directa, através da soma dos pontos atribuídos aos seus elementos. Cada um destes se pontua segundo as respostas atribuídas:

A=0, B=1, C=2 e D=3.

As chaves colocam-se sobre a folha de respostas, de modo que coincidam os quadrados existentes na mesma com os da chave.

Uma vez terminada a correcção, anotam-se as pontuações directamente na margem direita da folha de respostas, poder-se-á proceder à sua interpretação, transformando a pontuação em percentis, e elaborando o perfil da criança.

A conversão directa das pontuações em percentis e a elaboração do perfil individual da criança far-se-ão do seguinte modo:

Na maioria das sub-escalas obtêm-se as pontuações directas mediante a aplicação das chaves e as respostas do sujeito. No caso de Cs, utiliza-se a fórmula, e as pontuações serão anotadas nas casas da margem direita da 1ª folha de respostas.

Na 2ª folha de respostas, proceder-se-á à transformação directa da pontuação (PD) em percentis (PC), e elaborar-se-á o perfil da criança.

Tendo em conta a versão aplicada (BAS-1), o nível de escolaridade e o sexo do sujeito, e consultando as tabelas para determinar o percentil alcançado em cada uma das escalas de BAS, poder-se-á fazer a transformação.

Nas tabelas, as pontuações directas das sub-escalas encontram-se nas colunas centrais e os percentis correspondentes nas colunas extremas da direita e da esquerda, sempre na horizontal, e assim se obtém a pontuação directa do sujeito.

Estas pontuações dos percentis serão anotadas nas casas ao lado esquerdo das pontuações das sub-escalas anteriormente referidas.

Para elaborar o perfil de cada criança, recorrer-se-á aos percentis de cada sub-escala, que se encontram no quadro da esquerda, assinalando com um ponto sobre o número correspondente nesse quadro e, em seguida, unir-se-ão os pontos resultantes, obtendo-se, assim, um gráfico.

O perfil das quatro sub-escalas facilitadoras da socialização tem percentis ordenados da esquerda para a direita, enquanto que as sub-escalas perturbadoras têm os percentis ordenados de modo inverso (da direita para a esquerda). Diz-se que um perfil apresenta boa socialização, quando se situa na metade direita do gráfico e obteve pontuações altas em sub-escalas facilitadoras e pontuações baixas nas sub-escalas perturbadoras.

A sub-escala Criterial-Socialização (Cs) estará também orientada neste sentido: a parte direita assinala um bom nível de adaptação social. No gráfico, esta sub-escala está separada das outras sete (sub-escalas básicas).

Dentro do gráfico as sub-escalas básicas contêm uma linha divisória para delimitar os agrupamentos gerais da socialização (Li+Jv+Ss), problemas de personalidade (At-Ra) e problemas de conduta (Ar+An).

O formulário às famílias: este irá ser seleccionado como instrumento de pesquisa às famílias das crianças em estudo. Segundo Gil (1991), o mesmo permite colher grande quantidade de informação num período de tempo mais reduzido, dando possibilidade ao inquirido de analisar as perguntas e perceber correctamente o seu significado.

O planeamento de recolha de dados em qualquer trabalho científico está sempre dependente do seu quadro de referência e dos seus recursos humanos, materiais e temporais, com o intuito de os rentabilizar a todos.

O formulário deste trabalho tem em conta os objectivos do estudo e as variáveis do mesmo, o qual é essencialmente constituído por:

Várias questões fechadas, sendo algumas dirigidas aos pais e outras dirigidas à criança, são referentes às variáveis destinadas a caracterizar o ambiente familiar da população em estudo.

O formulário tem itens que aparecem como enunciado de um facto, ora sob a forma afirmativa, ora sob a forma interrogativa, obrigando à resposta “sim” ou “não”.

Encontram-se outros itens, em que a resposta é apresentada com factos discriminados, havendo uma resposta que nega todas as outras. Noutros surge ao inquirido a possibilidade de escrever “outra resposta”, isto para evitar uma recusa e para haver uma maior validade.

A variável “interacção criança / pais” é composta por vários itens, tais como: o desejo e planeamento da gravidez, o contacto precoce dos pais com a criança após o nascimento, a interacção dos pais com a criança ao nível da comunicação, no brincar, no cuidar, no contar histórias e no passear.

Esta variável é constituída por vinte e duas (22) questões com um score máximo esperado de trinta e dois (32) e um score mínimo esperado de zero (0).

Questões do formulário que fazem parte desta variável: q1, q5, q9, q10, q11, q12, q13, q14, q15, q16, q21, q22, q24, q25, q26, q27, q28, q29, q31, q32, q33 e q34.

Doze (12) questões, cada uma contém duas respostas: uma “favorável”, que tem o valor de um (1), outra “desfavorável”, que tem o valor de zero (0), que são: q9, q10, q11, q14, q15, q21, q27, q28, q31, q32, q33 e q34.

Dez (10) questões, cada uma contém quatro respostas: duas “favoráveis”, que têm o valor de dois (2), duas “desfavoráveis”, que têm o valor de zero (0) e duas com “desfavorável e favorável” que têm o valor de um (1). Que são: q1, q5, q12, q13, q16, q22, q24, q25, q26 e q29.

A variável “stressores familiares” é composta por três (3) questões, cada uma constituída por vários itens, relacionadas com situações promovedoras de stress na criança como: hospitalização, separação, doença, morte, desemprego, divórcio, álcool, droga e maus tratos.

Esta variável é constituída por três (3) questões, com um score máximo esperado de doze (12) e um score mínimo esperado de zero (0).

A questão nº18 apenas corresponde a duas respostas: uma “favorável”, que tem o valor de um (1), outra “desfavorável” que tem o valor de zero (0).

A questão nº19 é contituída por quatro itens, cada item corresponde a duas respostas, uma “favorável” que tem o valor de um (1), outra “desfavorável” que tem o

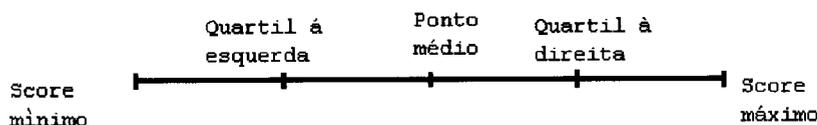
valor de zero (0). A questão poderá obter o valor máximo de quatro (4) e o valor mínimo de zero (0).

A questão nº40 é constituída por sete itens, cada item corresponde a duas respostas, uma “favorável” que tem o valor de um (1) e outra “desfavorável” que tem o valor de zero (0). A questão poderá obter o valor máximo de sete (7) e o valor mínimo de um (1).

Para analisar estas duas variáveis (interacção criança/pais e stressores familiares), elaborar-se-ão subescalas com base na escala de Likert e de acordo com o número de itens, com os scores mínimos e scores máximos esperados.

Para medir estas variáveis, teremos em conta os seguintes critérios:

- O “score” máximo esperado para cada variável é igual ao score máximo esperado para cada item (1) multiplicando pelo número de itens associados;
- O “score” mínimo esperado para cada variável é igual ao score mínimo esperado para cada item (0) multiplicando pelo número de itens associados.
- O ponto médio é entre o “score” máximo e mínimo.
- O quartil à direita e à esquerda do ponto médio. Exemplo:



De acordo com este esquema considerar-se-à:

- Entre o “score” mínimo e o quartil à esquerda - contribuição mínima.
- Entre o quartil à esquerda e o ponto médio - contribuição baixa.
- Entre o ponto médio e o quartil à direita - contribuição alta.
- Entre o quartil à direita e o “score” máximo - contribuição máxima.

O ponto médio separa o nível de contribuição alta e contribuição baixa.

A variável “nível sócio-económico da família” é avaliada através da questão nº41, baseada no teste de graffar adaptado, preconizado pelo Centro Internacional da Infância.

O método baseia-se no estudo não apenas de uma característica social, mas num conjunto de cinco critérios a saber:

- 1- A profissão;

- 2- Nível de instrução;
- 3- Fontes de rendimento familiar;
- 4- Conforto de alojamento;
- 5- Aspecto de bairro onde habita.

Numa primeira fase há que atribuir a cada família observada uma pontuação para cada um dos cinco critérios enumerados, e numa segunda fase servir-se-á da soma de estas pontuações para definir o escalão que a família ocupa na sociedade.

Cada critério será classificado em cinco categorias. A primeira tomará a pontuação de um (1), o nível mais alto, e a última, a ponderação de cinco (5), o nível mais baixo.

Aplicando este coeficiente de ponderação em cada critério, obteremos a seguinte classificação:

Classe I - Famílias cuja soma de pontos vai de cinco (5) a nove (9).

Classe II - Famílias cuja soma de pontos vai de dez (10) a treze (13).

Classe III - Famílias cuja soma de pontos vai de catorze (14) a dezassete (17).

Classe IV - Famílias cuja soma de pontos vai de dezoito (18) a vinte e um (21).

Classe V - Famílias cuja soma de pontos vai de vinte e dois (22) a vinte e cinco (25).

Através desta classificação poderemos obter o estrato social:

Classe I - Alto.

Classe II - Médio alto.

Classe III - Médio.

Classe IV - Médio baixo.

Classe V - Baixo.

As outras variáveis, destinadas também a caracterizar o ambiente familiar da população em estudo, são avaliadas ao longo do formulário nas seguintes questões:

Escolaridade dos pais - q2.

Quanto ao número de casamentos da mãe - q3.

Estado civil dos pais - q4.

Instituição que frequentou a criança após os três anos de idade - q17.

Sucesso escolar da criança - q30.

Envolvimento de pessoas no desenvolvimento da criança - q35.

Elementos que fazem parte do agregado familiar da criança - q36.

Periodicidade com que a criança tem visitas de familiares e/ou amigos - q39.

2.4.2 - Método de recolha de dados

Uma vez descritos e caracterizados os instrumentos de pesquisa, procederemos à explicação da forma como recolhemos os dados.

Numa abordagem dos aspectos gerais dessa recolha, em primeiro lugar explicitaremos as estratégias seguidas referentes à recolha de dados relativamente às crianças a nível de socialização, e, em segundo lugar, descreveremos a recolha de dados relativamente aos contextos familiares.

Uma vez delimitado o campo de estudo colocava-se-nos o problema de obtermos autorização para efectuar o nosso trabalho de campo às crianças do grupo X, no Colégio Diocesano de Santo António e às crianças do grupo Y, no Internato Feminino de Nossa Senhora da Conceição e no Internato Masculino de Santo António.

Assim, no mês de Janeiro de 1997, enviámos através da Universidade de Évora, os pedidos de autorização aos respectivos locais, para se processar o estudo.

Em relação ao grupo X, foi dirigido ao director do Colégio Diocesano de Santo António, em relação ao grupo Y, foi dirigido ao Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Campo Maior.

Após o consentimento do grupo Y, foi pedida ao Internato Masculino de Santo António e ao Internato Feminino de Nossa Senhora da Conceição, uma declaração a confirmar o tipo de estudo que estávamos a desenvolver, como a solicitar a colaboração das referidas escolas que as crianças visadas pelo estudo frequentavam. Isto, no sentido de as enviar aos concelhos directivos, aos directores dos vários estabelecimentos de ensino onde o estudo se processaria e aos vários professores envolvidos .

Iniciámos então o trabalho, propriamente dito, no mês de Abril de 1997.

Foram estabelecidos os primeiros contactos com os directores de turma e os respectivos professores das crianças em estudo.

Quanto à recolha de dados relativamente às crianças a nível de socialização, distribuímos aos professores implicados no estudo um número suficiente de exemplares da escala de socialização e uma lista das crianças que pertenceriam ao estudo.

Pedimos a cada professor que preenchesse uma escala de socialização por criança, mas antes disso explicitámos as informações inerentes à introdução que inserimos em cada uma, e sugerimos que aplicassem previamente a uma criança.

Esta foi preenchida na altura e analisada por nós conjuntamente com o professor da referida turma, no sentido de existir um treino e logo uma maior uniformidade de cotações, bem como a utilização de todos os valores possíveis (0 a 3) da escala de cotação.

Após duas semanas mais tarde recolhemos todas as escalas de socialização preenchidas e correspondentes a trinta e cinco (35) do grupo X e trinta e cinco (35) do grupo Y pelas referidas turmas em estudo.

Nenhum professor recusou responder à escala de socialização e a maioria, embora não solicitado nesse sentido, afirmou ter gostado.

A recolha de dados relativamente aos contextos familiares, foi utilizado o formulário, sendo este dirigido ao pai e/ou à mãe.

A sua aplicação foi durante o mês de Abril de 1997.

Foi efectuado em locais sossegados que promovessem privacidade, nomeadamente em casa dos familiares. O inquerido foi informado previamente da finalidade da sua realização e de que este era anónimo e confidencial.

A duração de aplicação de cada formulário foi de 10 a 30 minutos, e foi efectuado na hora combinada com cada inquirido.

Em relação ao grupo Y, estes formulários foram preenchidos também com ajuda do processo psicológico e social de cada criança.

Nenhuma família recusou responder ao formulário.

2.4.3 - Pré-teste

A escala de socialização foi testada noutra trabalho de investigação, com uma amostra de 2171 crianças, 56,70% de rapazes e 43,30% de raparigas, distribuídas do 1º ao 8º ano de escolaridade. Os sujeitos foram avaliados por 160 professores, uma média de 13 a 14 crianças por professor, em várias regiões espanholas: 1645 (67,48%) valencianos (da província de Valência) e 706 (32,52%) andaluzes (da província de Jaén); em Jaén as 16 escolas eram estatais e as 46 escolas em Valência eram estatais e privadas.

O grupo de idade variou dos seis (6) aos quinze (15) anos (com média aproximada de dez (10) anos).

A zona de proveniência era na maioria rural.

O nível socio-económico era em geral médio baixo.

Esta população em estudo apresenta características semelhantes à do nosso estudo em Portugal - propriamente no concelho de Portalegre.

Este estudo apresentou os valores de consistência interna e de fiabilidade que se encontram no quadro nº17.

Quadro nº17: Avaliação psicométrica da escala de socialização.

Sub-escalas	Li	Jv	Ss	Ra	At	Ar	An	Cs
Consistência interna	94	88	90	93	94	99	87	88
Fiabilidade	68	55	51	63	67	63	52	80

Fonte: MORENO F. Silva y PALLÁS M. C. Martorell (1989) - batería de socializacion

Ao analisar o quadro nº17, verificamos que o estudo apresenta valores de consistência interna e de fiabilidade bastante satisfatórios.

O instrumento original foi traduzido de espanhol para português e, depois, foi de novo traduzido para espanhol, de modo a comparar as duas versões em espanhol (a original e a resultante da tradução portuguesa), que se revelaram semelhantes, indicando que a versão portuguesa foi bem traduzida. A versão traduzida da escala de socialização foi utilizada junto de três (3) professores, de modo a verificar a relevância e significado dos itens para crianças portuguesas, assim como a clareza das instruções e a adequação do seu aspecto gráfico. De modo geral, os professores perceberam o instrumento, tendo sugerido melhorias para o aspecto gráfico e explicações exemplificativas para alguns itens. Os professores sugeriram também alguns sinónimos para certos itens, que foram acrescentados, de modo a clarificar o seu sentido.

Este pequeno estudo permitiu melhorar a qualidade da escala de socialização ao nível da sua apresentação gráfica e da clarificação dos seus itens, antecipando dificuldades, que foram resolvidas antes de se passar à administração colectiva. Quer a comparação de traduções (espanhol-português-espanhol), quer o estudo da reflexão

falada, constituem formas de diminuir viés relacionados com a tradução inadequada de itens, aumentando a validade das comparações entre as duas culturas.

Posteriormente, fizemos nova aplicação, com a revisão já realizada, durante o horário escolar normal.

O formulário às famílias foi testado a quatro (4) famílias, duas (2) do grupo X e duas (2) do grupo Y, que não faziam parte da amostra em estudo.

O formulário contém várias variáveis, e estas são constituídas por vários itens. Foi verificado se eles apresentavam uma coerência suficiente para combinarem diferentes itens numa só variável, para dar verosimilhança suficiente à sua validade. Compreendeu toda uma fase de verificação de coerência, que justificou esse procedimento.

Mediu-se a atitude, ordenando todas as famílias estudadas nesta fase do pré-teste, que apresentaram todas mais ou menos a mesma tendência.

Os valores atribuídos a cada item, segundo a resposta favorável ou desfavorável, foram apresentados graficamente.

O modelo supôs então que a probabilidade de resposta favorável a um item cresceu de forma monótona em função da atitude subjacente das famílias. Perante o conjunto de itens que supomos dizerem todos respeito à mesma atitude, foi então necessário verificar se as respostas recolhidas estão em conformidade com o modelo. Isso constituiu o critério de coerência necessário para admitir que os diferentes itens podem intervir na mesma variável.

Este modelo justificou igualmente uma composição aditiva das respostas. De facto, vemos que uma pessoa muito favorável tem uma forte probabilidade de dar um grande número de respostas favoráveis. Inversamente, uma pessoa que tenha dado várias respostas desfavoráveis, tem uma grande probabilidade de ter uma atitude desfavorável. Assim, concluímos que constituíam boas variáveis.

Após a sua análise, não foi sentida necessidade de reformulação de qualquer item.

Os pais ou substitutos colaboraram no preenchimento do formulário, não tendo demonstrado dificuldades nem dúvidas relativamente aos itens que lhe eram colocados.

A aplicação do pré-teste, do formulário às famílias e da escala de socialização às crianças decorreu na 1ª semana de Abril de 1997.

2.5 - Tratamento de dados

O tratamento estatístico, aplicado no estudo, foi realizado através de computador e manualmente.

A análise das variáveis foi realizada através do tratamento descritivo: medidas de tendência central e percentagens.

Foram elaborados quadros e gráficos, sendo os dados determinados manualmente e por computador.

Para a caracterização da população de acordo com o tipo de variável em estudo e com o que foi pertinente realçar, foram determinadas: a média, a moda e a mediana.

Para analisar as variáveis (interacção criança/pais e stressores familiares), elaboraram-se sub-escalas com base na escala de Likert e de acordo com o número de itens agrupados, com os scores mínimos e scores máximos esperados. Para realçar alguns dados e respostas, elaboraram-se gráficos através do computador. O tratamento da escala tipo Likert permitiu medir estas variáveis.

Todos os dados foram trabalhados no computador através do programa SPSS (Statistical Package for Social Sciences).

Considerando a possibilidade de estudar simultaneamente o poder preditivo das variáveis (interacção criança/pais, stressores familiares e nível sócio-económico) em relação à variável socialização, optou-se por um modelo de análise de regressão múltipla.

Foi feita a análise de variância, para identificar quais as variáveis que mais contribuem para a significância do modelo.

Usou-se o coeficiente de correlação de Pearson, como medida de associação entre as várias variáveis, implicadas nas hipóteses formuladas.

Como técnica não paramétrica, foi utilizado o Qui-quadrado de homogeneidade, para:

- comparar a variável “socialização” do grupo X com a do grupo Y;
- comparar a variável “agregado familiar” nas três amostras:

1- grupo X (crianças que vivem com a família) com o grupo Y (crianças que vivem numa instituição).

2- população do concelho de Portalegre com o grupo X.

3- população do concelho de Portalegre com o grupo Y.

3 - APRESENTAÇÃO, DISCUSSÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

Serão apresentadas, discutidas e analisadas, em primeiro lugar, todas as variáveis, que caracterizam o ambiente familiar e, em segundo lugar, a variável socialização das crianças estudadas.

3.1 - Caracterização do ambiente familiar da população em estudo

A caracterização será feita pela análise estatística das variáveis, destinadas a caracterizar o ambiente familiar da população em estudo.

De acordo com os dados obtidos irão ser analisadas as variáveis em simultâneo nas duas amostras.

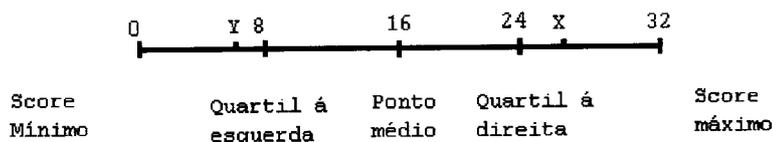
Iniciar-se-à a análise dos dados nos dois grupos pela variável interacção criança/pais.

3.1.1 - Interacção criança / pais

A variável de “Interacção criança / pais” é composta por vários itens, relacionados com o desejo e planeamento da gravidez, o contacto precoce dos pais com a criança após o nascimento, a interacção dos pais com a criança ao nível da comunicação, do brincar, do cuidar, do contar histórias, do passear, mantendo ao longo da infância uma continuidade adaptativa na relação.

Esta variável é avaliada através de trinta e dois (32) itens com um score máximo esperado de “32” e um score mínimo esperado de “0”.

Os valores dos scores médios obtidos nos dois grupos foram de 26,23 no grupo X e de 6,23 no grupo Y. Pelo que se encontra, entre o quartil à direita e o score máximo, o grupo X, apresentando esta variável um valor de contribuição máxima, e, entre o score mínimo e o quartil à esquerda, o grupo Y, apresentando esta variável um valor de contribuição mínima.

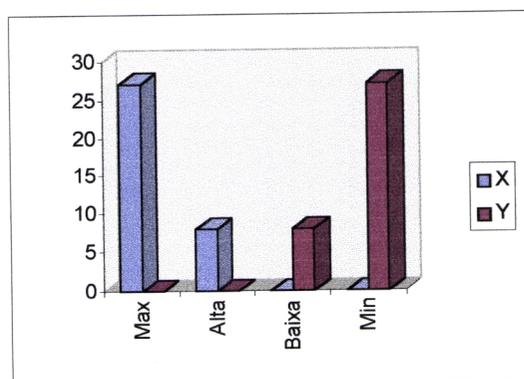


Da leitura e análise do quadro nº18 e o gráfico nº2, observa-se que apresenta contribuição máxima um total de 27 famílias no grupo X, correspondendo a 77,1% da amostra e no grupo Y, nenhuma família apresenta esta contribuição. Foi apresentada contribuição alta por 8 famílias no grupo X, equivalente a 22,9% e no grupo Y, nenhuma família apresenta esta contribuição. Quanto à contribuição baixa esta foi apresentada por 8 famílias no grupo Y, o que corresponde a 22,9% e no grupo X, nenhuma família apresenta esta contribuição. Foi apresentada contribuição mínima por 27 famílias no grupo Y, equivalente a 77,1% e no grupo X obteve frequência nula.

Quadro nº18: Distribuição das famílias nos grupos X e Y, segundo o grau de contribuição apresentada pela variável “Interacção criança / pais”.

	X		Y	
	nº	%	nº	%
Contribuição máxima	27	77,1%	0	0%
Contribuição alta	8	22,9%	0	0%
Contribuição baixa	0	0%	8	22,9%
Contribuição mínima	0	0%	27	77,1%
Total	35	100%	35	100%

Gráfico nº2: Distribuição das famílias nos grupos X e Y, segundo o grau de contribuição apresentada pela variável “Interacção criança / pais”.



Devido à grande discrepância de valores do somatório dos itens no grupo X e Y, houve necessidade de recorrer à análise de regressão dos vários itens da variável interacção criança / pais, respectivamente, no grupo X e no grupo Y.

Quadro nº19: Resultados da análise de regressão múltipla para testar o poder preditivo ou determinante dos itens que fazem parte da variável interacção criança/pais no grupo X.

	Beta	R2
A criança senta-se ainda ao colo dos pais para lhe contar histórias e ver televisão	0,219	0,505
Nos três 1ºs meses recebeu cuidados (alimentação, higiene, conforto e segurança) do pai	0,435	0,703
Várias férias por ano com os pais	0,186	0,804
Gravidez planeada	0,198	0,861
O ano passado viajou com os pais	0,138	0,904
Mãe e/ou pai contava histórias à criança	0,120	0,928

Os resultados do quadro nº19 foram obtidos através da análise de regressão múltipla, pelo método Forward.

Dá-nos o valor da contribuição relativa de cada item, para a predição da variável interacção criança / pais no grupo X.

Após a análise verificámos que o item com maior contribuição relativa para a predição da variável interacção criança / pais foi: “a criança nos primeiros três meses recebeu cuidados (alimentação, higiene, conforto e segurança) do pai”. Isto vai ao encontro dum estudo, realizado pelo autor Richael e Lamb (1992), que distinguiu vários componentes do envolvimento parental. Realçando em primeiro lugar o tempo passado em interacção efectiva com a criança (alimentação, higiene, trabalhos de casa...), os resultados encontrados no estudo deste autor, referem que o calor, a proximidade e o envolvimento do pai eram mais importantes; os pais com estas características tendiam a ter filhos competentes e motivados para o sucesso.

No seguimento da análise, um outro item com grande contribuição para a predição da variável interacção criança / pais foi: “gravidez planeada”. Hoje em dia, com o controlo da fecundidade, toda a criança é uma criança desejada. Esta foi a mudança social; mesmo antes de nascer ou de ser concebida, a criança já existe como desejo no imaginário dos pais. Dela espera-se já não uma anónima promessa de sobrevivência, mas sim, um ser singular detentor de qualidades singulares.

Outros itens, no grupo X, que apresentaram grande contribuição, foram: “a criança senta-se ainda ao colo dos pais para lhe contar histórias e ver televisão” e “mãe e/ou pai contava histórias à criança”. Segundo Bronfenbrenner, sempre que duas pessoas participam em actividades conjuntas, constitui-se uma díade. Uma díade observacional ocorre sempre que um sujeito presta atenção à actividade do outro, em que haverá tendência para ambos se envolverem. Deste modo díades observacionais tendem a transformar-se em díades de actividade conjunta. O potencial de desenvolvimento de uma díade de actividade conjunta, vem do facto de conter maior grau de propriedades como: reciprocidade, equilíbrio de poder e relação efectiva.

Deste modo, a reciprocidade ou interacção no decurso de actividade conjunta, traz grandes contributos a nível do desenvolvimento. Tal aprendizagem influenciará o seu desenvolvimento cognitivo e social.

Como sabemos nos primeiros anos de vida da criança, a interacção com os pais é o maior contexto social. A forma como a criança evolui depende das pessoas que a rodeiam. É a partir destas que a criança aprende as habilidades e os valores necessários para a vida social. Segundo Fontana (1988), o primeiro grupo social da criança é a família e para a maioria das crianças este permanece o grupo mais importante. No seio da família as crianças vão adquirindo não só o modelo do que é ser-se “um pai”, “uma mãe”, mas como lidar com situações do dia a dia e com os outros.

Para finalizar, a análise do grupo X, outros itens que contribuem para a predição da variável interacção criança/pais, foram: “várias férias por ano com os pais” e “o ano passado viajou com os pais”. Segundo Bronfenbrenner, o envolvimento em diversas actividades, em diferentes contextos, facilita o conhecimento de uma grande variedade de indivíduos, tarefas e situações, o que favorece o desenvolvimento das competências sociais e cognitivas do sujeito.

Quadro nº20: Resultados da análise de regressão múltipla para testar o poder preditivo ou determinante dos itens que fazem parte da variável interacção criança/pais no grupo Y.

	Beta	R2
Nos 3 1 ^{os} meses recebeu cuidados (alimentação, higiene, conforto, segurança) do pai	0,353	0,781
Contacto precoce com o pai ao nascer	0,335	0,894
Até aos 3 anos esteve ao cuidado do pai	0,352	0,978
Mãe comunicava verbalmente e com espontaneidade para a criança	0,346	1,000

Os resultados do quadro nº20 foram obtidos através da análise de regressão múltipla, pelo método Forward.

Dão-nos o valor da contribuição relativa de cada item para a predição da variável interacção criança/pais no grupo Y.

Após a análise verificámos que os itens com maior contribuição relativa para a predição da variável interacção criança/pais foram: “contacto precoce com o pai ao nascer”; “nos três primeiros meses recebeu cuidados (alimentação, higiene, conforto, segurança) do pai” e “até aos três anos esteve ao cuidado do pai”. Vários autores são unânimes em dizer que o envolvimento paternal aumenta nos casos em que se permite ao pai interagir e estabelecer um contacto cara-cara com o bebé durante uma das suas primeiras horas de vida. Os outros itens vão ao encontro da análise realizada no grupo X, no entanto, deve-se ter em conta, que o envolvimento da criança com a figura paterna no grupo Y, deve-se na maioria dos casos, ao abandono precoce do lar pela mãe.

E para finalizar a análise do grupo Y, o item que também contribuiu para a predição da variável interacção criança / pais foi: “mãe comunicava verbalmente e com

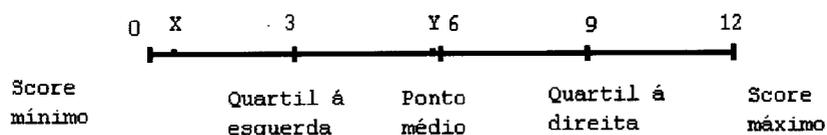
espontaneidade para a criança”. Na descrição psicológica da família tradicional, o autor Istvan Horvath, (1995), afirma que a mãe quando brinca com a criança, a sua acção é mais verbal e didáctica.

Urie Bronfenbrenner, (1995), refere que o funcionamento afectivo do processo de crescimento na família, bem como outros elementos componentes do ambiente da criança, requerem padrões efectivos de troca de informação, comunicação em dois sentidos, acomodação mútua e confiança recíproca entre a criança e as pessoas que dela cuidam, neste caso o pai.

3.1.2 - Stressores familiares

A variável “Stressores familiares” é composta por vários itens, relacionados com situações promovedoras de stress na criança, como: hospitalização, separação, doença, morte, desemprego, divórcio, alcool, droga e maus tratos.

Esta variável é avaliada através de doze (12) itens, com score máximo esperado de “12” e um score mínimo esperado de “0”. Os scores médios obtidos no grupo X foram de 0,54 e no grupo Y de 5,94. Pelo que se encontra entre o quartil à esquerda e o score mínimo, o grupo X, apresentando esta variável um valor de contribuição mínima, e entre o ponto médio e o quartil à esquerda, o grupo Y, apresentando esta variável um valor de contribuição baixa. É de salientar que esta variável tem um valor muito próximo do ponto médio, que apresentaria um valor de contribuição alta.



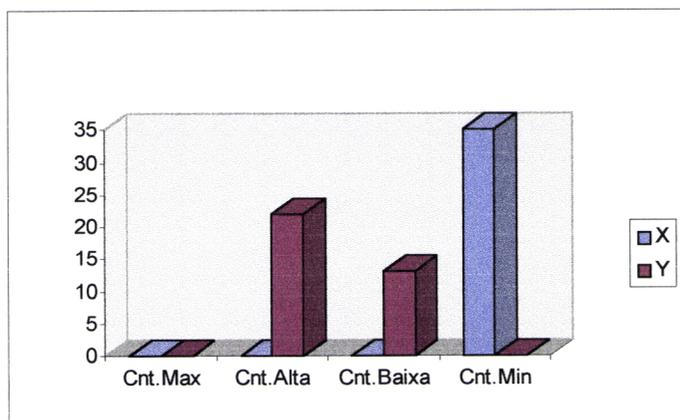
Da leitura e análise do quadro nº21 e gráfico nº3, observa-se que em ambas as amostras nenhuma família apresenta contribuição máxima. Apresentam contribuição alta 22 famílias no grupo Y, correspondendo 62,9% e o grupo X obteve frequência nula. Foi apresentada contribuição baixa, por 13 famílias no grupo Y, correspondendo a 37,1% e o grupo X obteve frequência nula. Quanto à contribuição mínima, esta foi apresentada

por todas as 35 famílias no grupo X, correspondendo a 100% da amostra, e o grupo Y obteve frequência nula.

Quadro nº21: Distribuição das famílias nos grupos X e Y, segundo o grau de contribuição apresentada pela variável “Stressores familiares”.

	X		Y	
	nº	%	nº	%
Contribuição máxima	0	%	0	%
Contribuição alta	0	%	22	62,9%
Contribuição baixa	0	%	13	37,1%
Contribuição mínima	35	100%	0	%
Total	35	100%	35	100%

Gráfico nº3: Distribuição das famílias nos grupos X e Y, segundo o grau de contribuição apresentada pela variável “Stressores familiares”.



Devido à existência de diferença nos valores dos somatórios dos itens nos grupos X e Y, houve necessidade de recorrer à análise de regressão múltipla dos vários itens da variável stressores familiares, respectivamente, no grupo X e no grupo Y.

Quadro nº22: Resultados da análise de regressão múltipla para testar o poder preditivo ou determinante dos itens que fazem parte da variável stressores familiares no grupo X.

	Beta	R2
Doença	0,383	0,373
Hospitalização	0,575	0,605
Separação da criança dos pais devido a férias	0,383	0,829
Separação da criança dos pais por motivos profissionais	0,383	0,917
Morte	0,228	0,969
Divórcio	0,228	1,000

Os resultados do quadro nº22 foram obtidos através da análise de regressão múltipla, pelo método Forward.

Dá-nos o valor da contribuição relativa de cada item para a predição da variável stressores familiares no grupo X.

Após a análise verificámos que os itens com maior contribuição relativa para a predição da variável “Stressores familiares” foram: “hospitalização” e “doença”. A doença e a hospitalização constituem uma crise importante na vida da criança. Elas são particularmente vulneráveis às crises de doença e hospitalização, porque representam uma mudança do estado habitual de saúde e da rotina ambiental, e as crianças possuem um número limitado de mecanismos para enfrentar e superar as experiências stressantes. As suas reacções a essas crises são influenciadas pela sua idade de desenvolvimento, pelas experiências anteriores de doença, separação ou hospitalização, pelos sistemas de apoio disponíveis e pela gravidade da doença.

No seguimento da análise, verificámos que os itens que também contribuíram para a predição da variável stressores familiares foram: “separação da criança dos pais por motivo de férias” e “separação da criança dos pais por motivo de vida profissional”. Segundo Shaffer(1981) é necessário atender não só ao período no qual a separação se dá, mas também às circunstâncias em que tal acontece. Esta separação geralmente ocorre por um período limitado, em que a criança fica sob a protecção de alguém que substitui o pai ou/e mãe.

Para finalizar a análise do grupo X, os itens que também contribuíram para a predição da variável stressores familiares foram: “morte” e “divórcio”. São acontecimentos que podem ter repercussões nocivas no ajustamento da criança, citado por Katz e Gottman (1993).

Quadro nº23: Resultados da análise de regressão múltipla para testar o poder preditivo ou determinante dos itens que fazem parte da variável stressores familiares no grupo Y.

	Beta	R2
Maus tratos	0,401	0,366
Droga	0,374	0,572
Hospitalização	0,338	0,680
Abandono	0,401	0,763
Desemprego	0,338	0,842
Alcool	0,364	0,893
Doença	0,282	0,923
Morte	0,304	0,960
Divórcio	0,256	1,000

Os resultados do quadro nº23 foram obtidos através da análise de regressão múltipla, pelo método Forward.

Dá-nos o valor de contribuição relativa de cada item para a predição da variável stressores familiares no grupo Y.

Da análise feita do quadro nº23, observámos que existem uma série de itens, que apresentaram contribuição relativa para a predição da variável stressores familiares, no entanto, os que têm maior contribuição são: “maus tratos” e “abandono”. Shaffer, (1981), defende que a criança separada precocemente da mãe se torna angustiada, dependente, ou incapaz de estabelecer com os outros mais do que relações afectivas superficiais. A mesma autora, refere que a separação é agravada por outros factores (doença - morte - divórcio - instabilidade emocional e económica), sendo ainda de considerar outro tipo de separação, em que a criança é objecto de indiferença ou de rejeição por parte da mãe, que é o que se passa com a maioria dos casos do grupo Y.

Os maus tratos que são exercidos em relação às crianças, podem ser tanto a nível físico como psicológico, Plougnand ,(1988), e inclui nos comportamentos activos a crueldade mental, o espancamento, o abuso sexual, a rejeição, e nos comportamentos passivos a falta de cuidados, a indiferença, a não satisfação de necessidades vitais, a falta de afecto, etc. A criança tenderá a imitar os modelos disponíveis, Bandura, (1976), e usará a violência contra outras crianças e adultos se este foi o único comportamento que aprendeu como forma de se relacionar e de se fazer obedecer.

No grupo Y, encontraram-se também itens com grande contribuição relativa para a predição da variável stressores familiares tais como: “alcool” e “droga”, que estarão relacionados com os stressores atrás referidos. O abuso sexual, o espancamento e a negligência podem ser as experiências comuns da criança no lar alcoolista. Black, (1982), afirma que mais de 50% das vítimas de incesto comprovado viviam em lares alcoolistas, e em vários estudos de Korcok, (1979), que 69% de casos relatados de espancamento e negligência estavam relacionados com o abuso de alcool.

A família alcoolista tende a centrar-se no alcool e não na criança. Embora os filhos dessas famílias possam responder com comportamento delinvente, o mais frequente é tornarem-se submissos, quietos e retraídos, o que dificulta o reconhecimento por parte das autoridades escolares e outros profissionais.

A criança tenta lidar com a desorganização e inconsistência emocional do ambiente familiar. As necessidades normais de dependência dos filhos não são satisfeitas, e a criança pode experienciar um sentimento crónico de tristeza e perda, que se manifesta na depressão e num senso de ser diferente ou isolado dos outros.

Um estudo realizado nos Estados Unidos pelo autor Arnold Sameroff, (1995), identificou vários riscos nas famílias, e nomeadamente, o primeiro factor de risco foi a saúde mental dos pais. Se o pai ou mãe tem um problema psiquiátrico, considera tratar-se de uma família de alto risco, que são situações presentes no grupo Y.

No seguimento do mesmo estudo, a autora afirma que, se a ocupação dos pais fosse semi-profissional, não haveria dinheiro suficiente em casa, e achou por isso, que esta era também uma condição de alto risco. Bronfenbrenner e Crouter (1983) referem que certos acontecimentos externos à família como o desemprego têm efeitos nefastos na relação de pais para filhos, afectando as capacidades do indivíduo para funcionar efectivamente como pais, o que influencia e prejudica o desenvolvimento da criança.

3.1.3 - Nível sócio-económico

Na observação do quadro nº24 e gráfico nº4, relativo ao nível sócio-económico das famílias, verificámos uma maior frequência no grupo X, ao nível da classe alta com 18 famílias, correspondendo a 51,4%, e no grupo Y, uma maior frequência na classe baixa com 17 famílias, correspondendo a 48,6% da amostra. O grupo Y apresenta frequência nula na classe alta e o grupo X apresenta frequência nula na classe baixa. Ao nível da classe média encontramos 8 famílias no grupo X, equivalente a 22,9% e 2 famílias no grupo Y, correspondendo a 5,7%. Na classe média baixa existe 1 família no grupo X, correspondendo a 2,9%, e 16 famílias no grupo Y, correspondendo a 45,7%. Relativamente à classe média alta encontram-se 8 famílias no grupo X, equivalente a 22,9%, e no grupo Y frequência nula.

Quadro nº24: Distribuição das famílias nos grupos X e Y, segundo o nível socio-económico

	X		Y	
	nº	%	nº	%
alta	18	51,4%	0	0%
média alta	8	22,9%	0	0%
média	8	22,9%	2	5,7%
média baixa	1	2,9%	16	45,7%
baixa	0	0%	17	48,6%
Total	35	100%	35	100%

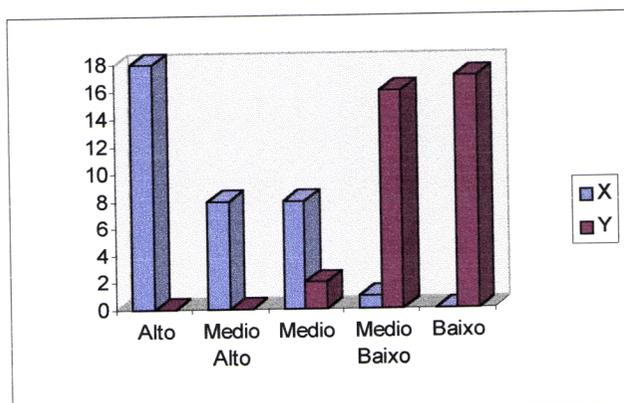
moX = classe alta

meX = classe alta

moY = classe baixa

meY = classe média baixa

Gráfico nº4: Distribuição das famílias nos grupos X e Y, segundo o nível sócio-económico.



Após a leitura e análise do quadro nº24 e gráfico nº4, verificámos uma grande representatividade nas famílias no grupo X, correspondendo à classe alta, enquanto que nas famílias no grupo Y, se verifica uma grande representatividade na classe média baixa e baixa. No grupo X a mediana coincide com a moda que corresponde à classe alta. No grupo Y a moda corresponde à classe baixa e a mediana à classe média baixa.

De acordo com Jean Pierre (1994), as crianças, que nascem e vivem num meio favorecido culturalmente, têm um factor de desabrochamento. As crianças beneficiam de uma herança incalculável, visto que nasceram na cultura de referência.

As dificuldades de relacionamento interpessoal são identificáveis, nos primeiros anos de escolaridade, em crianças com baixo nível sócio-económico, que constituem um importante factor de risco no ajustamento social posterior, Parker e Asher (1987).

3.1.4 - Escolaridade dos pais

Relativamente ao nível de escolaridade dos pais e de acordo com o quadro nº25 e gráfico nº5, verificámos que, no grupo X, existe uma maior frequência com o curso superior, com o número de 18 pais, correspondendo a 51,4%. A maior frequência no grupo Y verifica-se, nuns casos, ao nível do não saber ler nem escrever, noutros, ao nível da instrução primária, em número igual a 15 pais em cada grupo, correspondendo igualmente a 42,9% do valor.

Não se verifica qualquer pai que não sabe ler nem escrever, nem com o ciclo preparatório no grupo X; e não se verifica qualquer pai ao nível de 7º ano liceal, nem do curso médio, nem do curso superior no grupo Y.

Com instrução primária existem 2 pais no grupo X, que equivalem a 5,7% da população. Possuindo o ciclo preparatório, verifica-se um total de 4 pais no grupo Y, ou seja, 11,4%. Com o 5º ano liceal ou equivalente, verifica-se a existência de 5 pais no grupo X, ou seja, 14,3%, e 1 pai no grupo Y equivalente a 2,9%.

Possuindo o 7º ano liceal ou equivalente, verifica-se a existência de 6 pais no grupo X, ou seja, 17,1%, e com o curso médio, verificam-se 4 pais no grupo X, ou seja, 11,4% da população.

Quanto ao nível de escolaridade, o grupo Y é bimodal, sendo uma das modas o não saber ler nem escrever e a outra, a instrução primária. No grupo X a mediana coincide com a moda que corresponde ao curso superior.

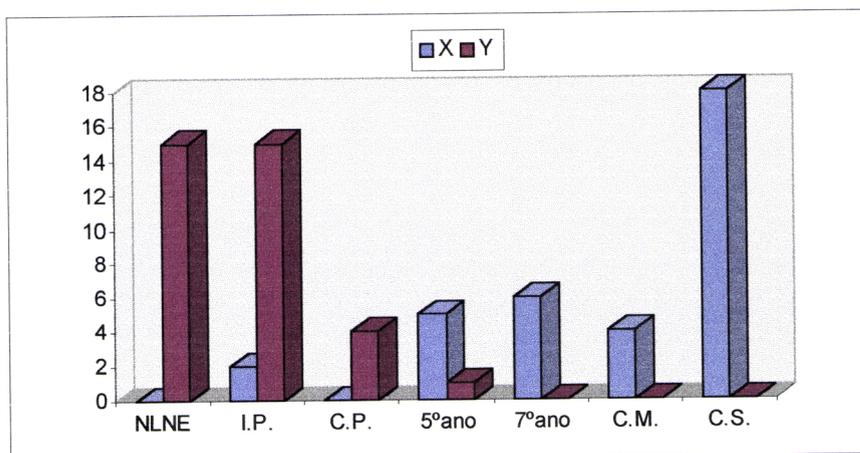
No grupo Y a mediana corresponde ao nível da instrução primária.

Quadro nº25: Distribuição dos pais nos grupos X e Y, segundo a escolaridade.

	X		Y	
	nº	%	nº	%
não sabe ler nem escrever	0	0%	15	42,9%
instrução primária	2	5,7%	15	42,9%
ciclo preparatório	0	0%	4	11,4%
5º ano liceal	5	14,3%	1	2,9%
7º ano liceal	6	17,1%	0	0%
curso médio	4	11,4%	0	0%
curso superior	18	51,4%	0	0%
Total	35	100%	35	100%

moX = curso superior
meX = curso superior
moY = não sabe ler nem escrever
e
instrução primária
meY = instrução primária

Gráfico nº5: Distribuição dos pais nos grupos X e Y, segundo a escolaridade.



Podemos concluir, através do quadro nº25 e gráfico nº5, que existe uma grande representatividade de pais no grupo X com o curso superior, e no grupo Y uma grande representatividade de pais com o não saber ler nem escrever e com a instrução primária.

De acordo com o estudo realizado pelo autor Arnold Sameroff (1995), um dos factores de risco que ele identificou nas famílias, foi ao nível da educação dos pais. O facto de estes não terem frequentado a escola é considerado como uma condição de alto risco para o futuro desenvolvimento da criança, sendo este resultante de uma combinação da criança e do ambiente.

3.1.5 - Número de casamentos da mãe

Da leitura e análise do quadro nº26 e gráfico nº6 observa-se que tem a total representatividade o 1º casamento, com o valor de 35 no grupo X, correspondendo a 100%, e um valor de 13 no grupo Y, correspondendo a 37,1%.

O 2º casamento tem maior representatividade no grupo Y, com o valor de 15, ou seja, de 42,9%. O 3º casamento apresenta uma representatividade de 7 no grupo Y com uma percentagem de 20% da amostra.

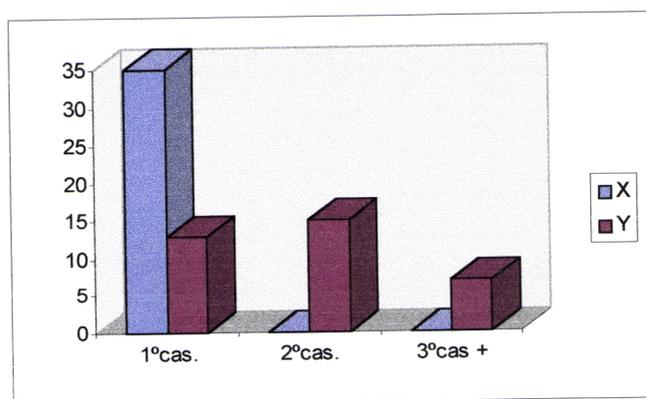
A moda e a mediana do grupo X são coincidentes no 1º casamento. No grupo Y, a moda e a mediana são coincidentes no 2º casamento.

Quadro nº26: Distribuição das mães nos grupos X e Y, segundo o número de casamentos.

	X		Y	
	nº	%	nº	%
1º casamento	35	100%	13	37,1%
2º casamento	0	0%	15	42,9%
3º casamento	0	0%	7	20%
Total	35	100%	35	100%

moX = 1º casamento
meX = 1º casamento
moY = 2º casamento
meY = 2º casamento

Gráfico nº6: Distribuição das mães nos grupos X e Y, segundo o número de casamentos.



De acordo com a leitura e análise do quadro nº26 e gráfico nº6, verifica-se uma total representatividade no grupo X no 1º casamento, e no grupo Y a maior representatividade no 2º casamento.

Com alguns dos 2º casamentos, no grupo Y, constrói-se um novo lar, procedendo-se assim a uma reformulação da família já existente. A reformulação da família decorrente de um 2º casamento de, pelo menos, um dos parceiros (neste caso a mãe) com, no mínimo, um filho, menor ou maior, dá origem aquilo que muitas vezes se chama *step family*.

O termo *step* em inglês significa, na sua versão original, privação. Outrora uma criança era enteada (*step child*) de alguém principalmente quando era orfã.

O termo *step family* é, apesar disto, um termo recente, data do princípio dos anos 60.

O que assume aqui importância é que anteriormente a 1900 ou algumas décadas depois, todos os 2º casamentos envolviam uma pessoa viúva, ou então ambos os membros do casal eram viúvos. Qual é o significado que isto assume para a reformulação da família? Quer dizer que o novo cônjuge da pessoa viúva assume o lugar do falecido. Assim, o novo cônjuge torna-se madrasta ou padrasto, que deveria agir como uma mãe ou como um pai, apesar de não o ser na realidade.

Com as taxas de mortalidade historicamente baixas como as de hoje em dia, são muito poucas as pessoas casadas e com um filho menor que morrem. A maioria das dissoluções dos casamentos não são originadas pela morte, mas sim pelo divórcio, no grupo Y.

Do ponto de vista da criança, podemos dizer que a sua família (por exemplo o pai e/ou mãe) continua ali com ela. O lar foi dividido em dois, normalmente quando os pais estão separados ou divorciados. Quando se introduz um novo cônjuge ou parceiro, pelo menos um dos lares muda.

O novo cônjuge/parceiro não é pai nem mãe da criança, mas apenas o novo cônjuge/parceiro do pai ou da mãe da criança.

A criança viverá a separação dos pais, viverá a experiência de ver os pais voltarem a juntar-se com alguém, e de se voltarem a casar uma série de vezes, o que significa uma série de madrastas e de padrastos e os verdadeiros pais em lares diferentes.

E mais importante ainda, a criança terá “meios irmãos” e “irmãos falsos” (filhos dos novos parceiros dos seus pais verdadeiros).

As alterações de uma situação para a outra, até no futuro, serão complicadas e emocionalmente difíceis para a maioria das pessoas envolvidas.

Ao analisar o desenvolvimento destas crianças, verificamos que existe primeiro um surto no seu desenvolvimento, depois ela entra num período de estagnação. A seguir volta a ter um novo surto, e todo o seu desenvolvimento é constituído por um surto - um patamar - um novo surto - um patamar, alternadamente. Antes de cada surto existe um período de desorganização na criança e na família, Jan Trost (1995).

3.1.6 - Estado civil dos pais

Quanto ao estado civil dos pais e de acordo com o quadro nº27 e gráfico nº7, verifica-se que no grupo X existe uma maior frequência nos casados, com o número de 33 pais, correspondendo a 94,3%. A maior frequência no grupo Y, verifica-se na relação livre com o número de 20 pais, correspondendo a 57,1%.

Não se verificam pais solteiros nem relação livre no grupo X. No grupo Y, encontram-se 6 pais solteiros, correspondendo a 17,1%.

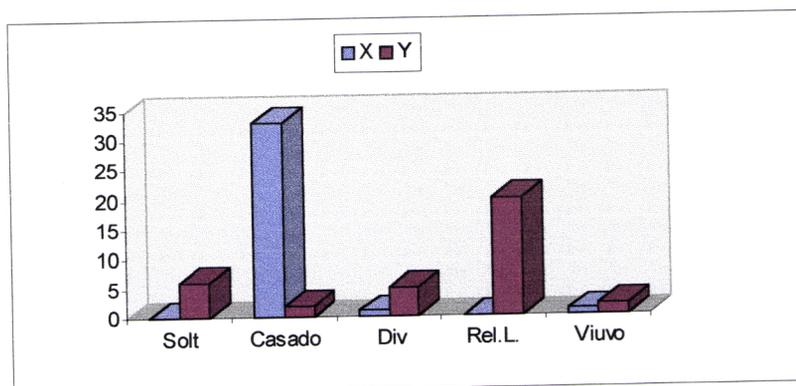
Em relação aos divorciados, verifica-se 1 pai no grupo X, correspondendo a 2,9% e 5 pais no grupo Y, correspondendo a 14,3%. Verifica-se 1 pai viúvo no grupo X, correspondendo a 2,9% e 2 no grupo Y, correspondendo a 5,7% da população.

Quadro nº27: Distribuição dos pais nos grupos X e Y, segundo o estado civil.

	X		Y	
	nº	%	nº	%
solteiros	0	0%	6	17,1%
casados	33	94,3%	2	5,7%
divorciados	1	2,9%	5	14,3%
relação livre	0	0%	20	57,1%
viúvos	1	2,9%	2	5,7%
Total	35	100%	35	100%

moX = casados
moY = relação livre

Gráfico nº7: Distribuição dos pais nos grupos X e Y, segundo o estado civil.



Após a leitura e análise do quadro nº27 e gráfico nº7, verificamos maior representatividade no grupo X, nos casados, e no grupo Y, maior representatividade na relação livre.

Os autores Paterson e Leigh ,(1990), consideram a coesão familiar e a qualidade da relação com os pais um protector contra o desajustamento na adolescência.

Segundo Coleman, (in readow 1986), embora o adolescente tenda a conformar-se às normas do grupo, mesmo anti-sociais, os valores da família continuam a ter influência, sendo os pais e os colegas os indivíduos mais importantes no universo relacional do adolescente.

3.1.7 - Instituição frequentada pela criança após os 3 anos de idade

Da observação e análise do quadro nº28 e gráfico nº8, constatamos que a maior frequência no grupo X, é o infantário com 27 crianças, correspondendo a 77,1% e o grupo Y é a rua, com 22 crianças, correspondendo a 62,9%.

No grupo Y 5 crianças frequentam o infantário, correspondendo a 14,3%. E no grupo X apresenta frequência nula no que respeita à rua.

Frequentam a ama, no grupo Y 2 crianças, correspondendo a 5,7% e no grupo X não frequenta nenhuma criança.

Ficaram em casa, no grupo X 8 crianças, correspondendo a 22,9%, e no grupo Y 6 crianças, correspondendo a 17,1% da população.

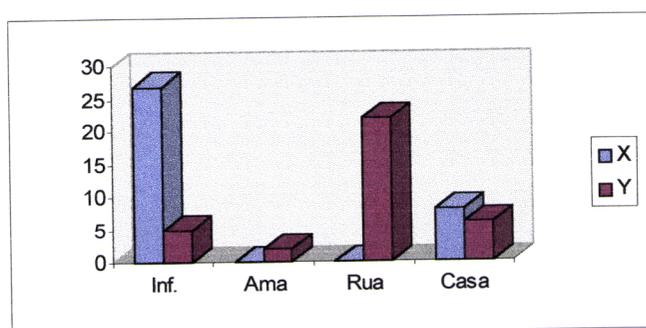
Quadro nº28: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo a instituição frequentada após os 3 anos de idade.

	X		Y	
	nº	%	nº	%
infantário	27	77,1%	5	14,3%
ama	0	0%	2	5,7%
rua	0	0%	22	62,9%
casa	8	22,9%	6	17,1%
Total	35	100%	35	100%

moX = Infantário

moY = rua

Gráfico nº8: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo a instituição frequentada após os 3 anos de idade



Através da leitura e análise do quadro nº28 e gráfico nº8, verificámos uma grande preponderância nas crianças do grupo X a frequentar o infantário, e o grupo Y a frequentar a rua.

Visto a população activa feminina ter sofrido um rápido crescimento, hoje em dia encontra-se um maior número de crianças que frequentam contextos de socialização extra-maternos.

Nós sabemos que não se pode educar ninguém sem se proporcionar cuidados verdadeiros e protecção durante os primeiros anos de infância. Por outro lado, não se pode proporcionar estes cuidados verdadeiros e protecção durante os primeiros anos de infância ou durante outros anos sem se educar.

O autor Bettye Caldwell, (1995), aconselha aos pais de hoje em dia a adoptarem a ideia de utilizar os serviços extra-familiares de modo a suplementar aqueles que proporcionam aos seus filhos.

Margarida Gaspar Matos, (1997), citado por Pettit e Mize, acentuam a relação de uma boa gestão de práticas educativas, aliada a uma sincronia na interacção e a uma qualidade afectiva na relação pais-filhos, com a competência social dos filhos. Neste caso, as crianças tendem a ser mais responsivas com os colegas, menos inibidos ou agressivos, mais centrados na solução dos problemas, mais exactos a descodificar pistas sociais e a interpretar comportamentos.

Cerca de 62,9% da população, no grupo Y, encontram-se a frequentar a rua ou entregues ao próprio bairro ou a vizinhos, sem nenhum controlo educacional.

Ora, como sabemos, os recursos de guarda e educação pré-escolares foram, inicialmente, destinados às classes desfavorecidas ou pobres e, posteriormente, às crianças em condição de maior risco social.

Segundo Vanleer, (1974), citado por Joaquim Bairrão (1992:41), podemos caracterizar estas crianças e famílias, ditas em desvantagem, incluindo-as em três grandes categorias de situações:

- *“quando a comunidade ou sub-cultura, são desfavorecidas material e economicamente (baixos rendimentos; maus cuidados de saúde; má habitação; famílias numerosa);*

- *quando o meio social e familiar, mais vasto, agrava material e economicamente os efeitos da pobreza, e a sociedade, na sua generalidade, não os aceita como parceiros em termos de igualdade:*

- *quando as crianças e famílias em desvantagem revelam características culturais e bio-sociais que podem parecer disfuncionais do ponto de vista adoptado pela sociedade em geral”.*

Foi, portanto, para crianças com estas características que se começou por destinar a Educação Pré-escolar. Porém, tornou-se alvo dos sistemas escolares para todos; verificamos que muitas estruturas, inicialmente, criadas para este tipo de população, foram invadidas por crianças das classes médias ou favorecidas.

Os objectivos da Educação Pré-escolar visam formas de desenvolvimento de capacidades como sejam a linguagem, a cognição e o desenvolvimento sócio-emocional.

As vantagens da Educação Pré-escolar são preparar as crianças para a escola, não só em termos de requisitos académicos, mas sobretudo, em termos de socialização.

3.1.8 - Lugar que a criança ocupa no agregado familiar

Da observação e análise do quadro nº29 e gráfico nº9, observámos que, no grupo X o lugar, que a criança ocupa no agregado familiar com maior representatividade, é o do 2º filho com o valor de 17, correspondendo a 48,6% e o grupo Y, o que tem maior representatividade, é o 3º filho ou mais filhos com o valor de 15, correspondendo a 42,9%. O grupo Y tem menor representatividade, com o valor de 9, ou seja, 25,7% no 1º filho, e o grupo X, com menor representatividade é o 3º filho ou mais filhos com o valor de 2, correspondendo a 5,7% da amostra.

O grupo X apresenta o valor de 16 no 1º filho, correspondendo a 45,7%, e o grupo Y apresenta o valor de 11 no 2º filho, correspondendo a 31,4%.

A moda e a mediana no grupo X são o 2º filho e este é coincidente com a mediana no grupo Y. A moda no grupo Y é o 3º filho ou mais filhos.

Quadro nº29: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo o lugar que a criança ocupa no agregado familiar.

	X		Y	
	nº	%	nº	%
1º filho	16	45,7%	9	25,7%
2º filho	17	48,6%	11	31,4%
3º filho ou mais	2	5,7%	15	42,9%
Total	35	100%	35	100%

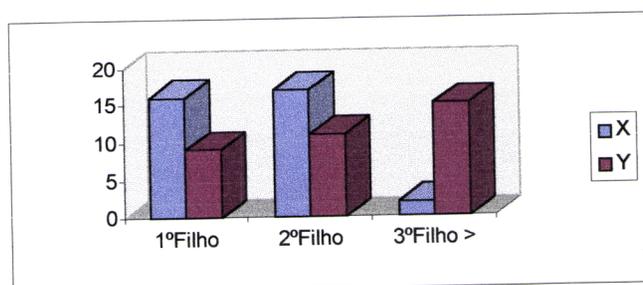
moX = 2º filho

meX = 2º filho

moY = 3º filho

meY = 2º filho

Gráfico nº9: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo o lugar que a criança ocupa no agregado familiar.



A leitura e a análise do quadro nº29 e gráfico nº9 vão ao encontro do estudo realizado pelo autor Arnold Sameroff (1995); quando a família é grande, com três ou mais filhos, considera que o facto dos pais dividirem os recursos da família constitui condição de alto risco. Este factor aparece, sobretudo, nas famílias pobres, apesar de também poder ser encontrado em qualquer família.

3.1.9 - Sucesso escolar da criança

De acordo com o quadro nº30 e gráfico nº10, observámos sucesso escolar em ambos os grupos, com o valor de 34 no grupo X, correspondendo a 97,1% e com o valor de 23 no grupo Y, correspondendo a 65,7%.

Sem sucesso escolar, o grupo X apresenta o valor de 1, correspondendo apenas a 2,9% e o grupo Y o valor de 12, correspondendo a 34,3% da amostra.

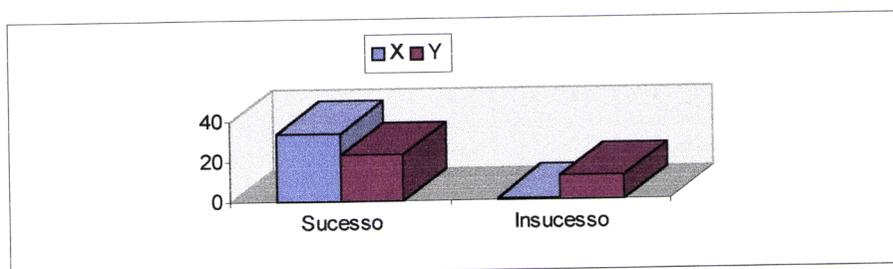
A moda é coincidente nos grupos X e Y .

Quadro nº30: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo o sucesso escolar.

	X		Y	
	nº	%	nº	%
c/ sucesso escolar	34	97,1%	23	65,7%
s/ sucesso escolar	1	2,9%	12	34,3%
Total	35	100%	35	100%

moX = com sucesso escolar
moY = com sucesso escolar

Gráfico nº10: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo o sucesso escolar.



Verificámos que existe uma certa discrepância nos grupos X e Y em relação ao insucesso escolar.

Os autores Reconaughy e Mitter (1986) referem que existe com frequência problemas sócio-emocionais (sentimentos de insegurança, baixa auto-estima, depressão e problemas de comportamento) nas crianças com dificuldades de aprendizagem que conduzem a condutas menos adaptativas.

É a família que modela a criança segundo as suas práticas educativas e os seus esquemas culturais. Por conseguinte, a família, ratificada pela escola, determina o desenvolvimento, traduzindo-se em resultados escolares.

No geral, as famílias favorecidas oferecem melhores possibilidades de garantir à criança um desenvolvimento harmonioso e uma inserção fácil nos meios exteriores como a escola.

Jean-Pierre (1994) considera que as características psicológicas dos pais marcam profundamente a vida em família. A qualidade das trocas afectivas depende disso e determina a natureza das experiências vividas pela criança. As realidades familiares (comportamentos, traços de personalidade, potencial intelectual dos pais, ambiente social) explicam mais de 84% das diferenças na adaptação escolar das crianças de sete anos.

Lilian Katz (1993) refere que há razões para acreditar que uma criança que tem problemas sociais é mais susceptível de abandonar a escola precocemente e mais capaz de se envolver em situações de delinquência em criança.

3.1.10 - Elementos do agregado familiar da criança

Quanto aos elementos do agregado familiar, observando o quadro nº31 e o gráfico nº11, verificámos uma maior representatividade no grupo X com o valor de 25, constituído por pai/mãe e irmãos, correspondendo a 71,4% e o grupo Y, com o valor de 11, constituído apenas por pai, correspondendo a 31,4% da amostra.

O agregado familiar, constituído por mãe, apresenta o valor de 2 no grupo X, correspondendo a 5,7% e o valor de 6 no grupo Y, correspondendo a 17,2%.

O agregado familiar, constituído por pai/mãe, representa no grupo X o valor de 5, correspondendo a 14,3%, e no grupo Y o valor de 1, correspondendo a 2,9%.

O agregado familiar alargado, constituído por pai/mãe/irmãos e avós, apresenta o valor de 3 no grupo X, correspondendo a 8,6%, e no grupo Y frequência zero.

É importante salientar que no grupo Y se encontram três agregados familiares constituídos por irmãos e três por tios, correspondendo, respectivamente, a 8,6% da amostra.

Um valor que ressalta é o agregado familiar constituído apenas por avós, no grupo Y no total de 5, correspondendo a 14,3%. E 4 agregados familiares constituído por pai/irmãos e avós no mesmo grupo, correspondendo a 11,5% da amostra.

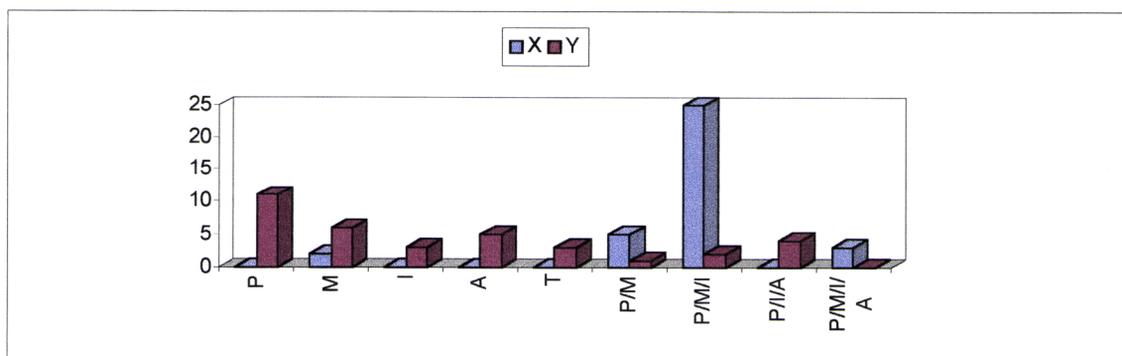
Quadro nº31: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo os elementos do agregado familiar.

	X		Y	
	nº	%	nº	%
pai	0	0%	11	31,4%
mãe	2	5,7%	6	17,2%
irmãos	0	0%	3	8,6%
avós	0	0%	5	14,3%
tios	0	0%	3	8,6%
pai/mãe	5	14,3%	1	2,9%
pai/mãe/irmãos	25	71,4%	2	5,7%
pai/irmãos/avós	0	0%	4	11,5%
pai/mãe/irmãos/avós	3	8,6%	0	0%
Total	35	100%	35	100%

moX = pai/mãe/irmãos

moY = pai

Gráfico nº11: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo os elementos do agregado familiar.



A moda no grupo X é pai/mãe e irmãos, e no grupo Y é o pai.

A conclusão que poderemos tirar a priori é que no grupo Y as mães abandonaram o lar, e que o agregado familiar destas crianças ficou constituído por pai ou por pai/irmãos e avós ou por avós ou por tios.

No grupo X o agregado familiar é sólido, e constituído de forma tradicional por pai/mãe e irmãos.

Uma das ideias chave do pensamento de Bronfenbrenner é que o desenvolvimento psicológico da criança é promovido através do seu envolvimento contínuo, em actividades progressivamente mais complexas, com alguém com quem a criança desenvolva uma forte e persistente ligação afectiva. Essa relação, quer seja com a mãe, quer com o substituto maternal permanente, é enriquecida com as relações com o pai e irmãos.

Um pai viúvo ou separado raramente fica só com os filhos, e suporta ele próprio os seus cuidados. Geralmente é outra pessoa encarregue disto; podem ser os avós, uma irmã e/ou, com maior frequência que as viúvas, aquele contrai novo matrimónio, o que supostamente se verifica no grupo Y.

3.1.11 - Envolvimento de pessoas no desenvolvimento da criança

Observando e analisando o quadro nº32, verificámos que o subgrupo de pessoas envolvidas no desenvolvimento da criança, com maior representatividade no grupo X, é constituído por pai/mãe/irmãos/avós/amigos/professor, com o valor de 16,

correspondendo a 45,7%, e o grupo Y é constituído por pai/professor, com o valor de 6 correspondendo a 17,1%.

Se no grupo Y, nós adicionarmos os valores apresentados em todos os subgrupos que contêm a figura paterna, como seja: “pai/avós/professora”; “pai/irmãos/avós/professora”; “pai/irmãos/professor” e “pai/professor”, verificamos que o pai está sempre presente contribuindo com o valor de 14, o que corresponde a 40% da amostra.

É importante reforçar que o “professor” também está presente em todos os subgrupos que contribuem para o desenvolvimento da criança, tanto no grupo X como no grupo Y.

Mas no grupo Y, encontramos um subgrupo formado apenas por “professor”, com o valor de 5, correspondendo a 14,3%.

Quadro nº32: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo o envolvimento de pessoas no desenvolvimento da criança.

	X		Y	
	nº	%	nº	%
mãe/pai/ irmãos/avós/amgs/prof	16	45,7%	0	0%
mãe/pai/avós/amigos/prof	4	11,4%	0	0%
mãe/pai/irmãos/avós/prof	4	11,4%	0	0%
mãe/pai/irmãos/amigos/prof	4	11,4%	0	0%
mãe/pai/avós/professor	2	5,7%	2	5,7%
mãe/avós/amigos/professor	1	2,9%	0	0%
pai/avós/professor	1	2,9%	0	0%
mãe/pai/amigos/professor	2	5,7%	0	0%
mãe/pai/irmãos/professor	1	2,9%	0	0%
mãe/irmãos/avós/professor	0	0%	1	2,9%
mãe/professor	0	0%	4	11,4%
mãe/irmãos/professor	0	0%	1	2,9%
• pai/avós/professor	0	0%	1	2,9%
avós/professor	0	0%	4	11,4%
tios/professor	0	0%	3	8,6%
• pai/irmãos/avós/professor	0	0%	4	11,4%
• pai/irmãos/professor	0	0%	3	8,6%
• pai/professor	0	0%	6	17,1%
pai/mãe/professor	0	0%	1	2,9%
professor	0	0%	5	14,3%
Total	35	100%	35	100%

moX = mãe / pai /
irmãos / avós /
amigos / professor
moY = pai /
professor

- Subgrupos que contêm a figura paterna, que faz parte do agregado familiar do grupo Y.

Após a análise dos dados, poderemos concluir que, no grupo Y, as pessoas que contribuem mais para o desenvolvimento da criança são o professor e a figura paterna. No grupo X, um grande número de pessoas contribuem para o desenvolvimento da criança.

Bronfenbrenner considera que o crescimento psicológico da criança é promovido através da interação com pessoas que desempenham vários papéis - primeiro no seio da família (mãe, pai, irmãos, avós,...) e depois para lá da família, (amigos, vizinhos, professora,...).

Considera ainda o autor que o potencial de desenvolvimento de um contexto num mesossistema é em função do número de ligações de segurança ou de apoio existentes nos vários contextos, sobretudo, se estas ligações são feitas com indivíduos com quem já se desenvolveram díades primárias.

3.1.12 - Periodicidade de visita de familiares e/ou amigos

Observando e analisando o quadro nº33 e gráfico nº12, verificámos que o grupo X apresenta maior representatividade na periodicidade semanal de visitas de familiares e/ou amigos com o valor de 21, correspondendo a 60%, enquanto que o grupo Y apresenta maior representatividade na periodicidade semestral de visitas familiares e/ou amigos com o valor de 19, correspondendo a 54,3% da amostra.

Na periodicidade diária o grupo X apresenta o valor de 8, correspondendo a 22,9% e o grupo Y apresenta frequência nula.

Na periodicidade semanal o grupo Y apresenta o valor de 1, correspondendo a 2,9% da amostra.

O grupo X e o grupo Y apresentam o mesmo valor de 6 em relação à periodicidade mensal, correspondendo a 17,1% em cada amostra.

É importante referir que o grupo X apresenta frequência nula no que respeita à periodicidade semestral, anual e a não ter visitas de familiares e/ou amigos. O grupo Y apresenta o valor de 7 na periodicidade anual e o valor 2 a não ter visitas de familiares e/ou amigos.

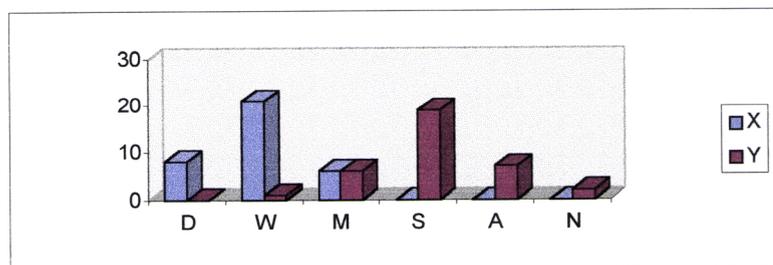
A moda no grupo X é semanalmente e no grupo Y é semestralmente.

Quadro nº33: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo a periodicidade de visitas de familiares e/ou amigos.

	X		Y	
	nº	%	nº	%
diariamente	8	22,9%	0	0%
semanalmente	21	60%	1	2,9%
mensalmente	6	17,1%	6	17,1%
semestralmente	0	0%	19	54,3%
anualmente	0	0%	7	20%
nunca	0	0%	2	5,7%
Total	35	100%	35	100%

moX = semanalmente
moY = semestralmente

Gráfico nº12: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo a periodicidade de visita de familiares e/ou amigos.



Enquanto que as crianças do grupo X apresentam semanalmente uma interação com familiares e/ou amigos, além das pessoas que fazem parte do seu agregado familiar e que mantêm uma interação contínua, as crianças do grupo Y apresentam menor frequência na interação com familiares e/ou amigos, apenas semestralmente, e no entanto, estas crianças no dia a dia encontram-se na instituição.

Urie Bronfenbrenner refere que o contexto institucional é debilitante para a criança, se esta não tiver uma figura maternal ou um substituto, isto é, alguém com quem a criança desenvolva uma relação primária.

O mesmo autor afirma que o desenvolvimento da criança é feito em função da extensão e complexidade das actividades molares desenvolvidas pelos outros, que fazem

parte do campo psicológico da criança, quer seja pelo facto de estes a envolverem numa actividade conjunta, quer seja pelo facto de lhe atraírem a atenção.

O autor Hartup, (1989), refere que as investigações recentes mostram que as competências sociais dos indivíduos se associam com as suas experiências de relações interpessoais próximas.

As relações com outros sujeitos, normalmente adultos (pais ou professores) que têm maiores conhecimentos e maior poder do que as crianças, têm como objectivo proporcionar protecção e segurança. É no contexto dessas relações que as capacidades de socialização se desenvolvem. E nas famílias em que as relações se caracterizam por pouco envolvimento com a criança e fraca supervisão do seu comportamento, estes favorecem a insegurança, ocorrendo com mais frequência comportamentos anti-sociais.

3.2 - Determinação do desenvolvimento de capacidades de socialização das crianças em estudo

De acordo com o quadro nº34 e gráfico nº13, verificámos que o grupo X apresenta 34 crianças com boa socialização, ou seja, 97,1%, e o grupo Y apresenta 9 crianças com boa socialização, ou seja, 25,7% da amostra.

Sem boa socialização o grupo X apresenta 1 criança, correspondendo a 2,9% e o grupo Y apresenta 26 crianças, correspondendo a 74,3% da população.

A moda do grupo X é a criança com boa socialização e do grupo Y é a criança sem boa socialização.

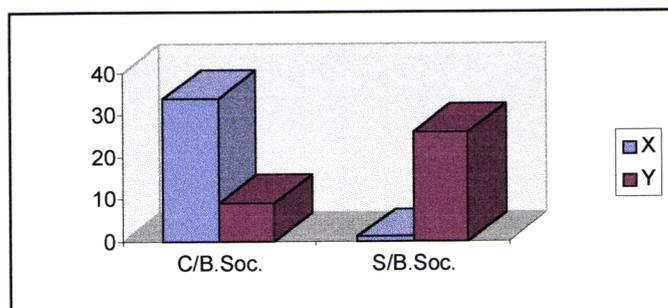
Quadro nº34: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo o seu desenvolvimento de capacidades de socialização.

	X		Y	
	nº	%	nº	%
c/ boa socialização	34	97,1%	9	25,7%
s/ boa socialização	1	2,9%	26	74,3%
Total	35	100%	35	100%

moX = criança com boa socialização

moY = criança sem boa socialização

Gráfico nº13: Distribuição das crianças nos grupos X e Y, segundo o seu desenvolvimento de capacidades de socialização.



Através da leitura e análise do quadro nº34 e gráfico nº13, verificámos que a grande maioria das crianças do grupo X tem boa socialização. Estas crianças estão mais aptas a dar e aceitar elogios, expressar afecto, iniciar e manter conversas, defender os seus direitos, expressar opiniões incluindo o desacordo e desagrado, o desculpar-se e o lidar com críticas.

Para Caballo, (1987), estas habilidades sociais incluem ainda para além do aspecto do comportamento aberto, variáveis cognitivas, tais como, a capacidade de transformar e empregar a informação, o conhecimento de comportamentos socialmente competentes, o conhecer as posturas sociais, o conhecer diferentes tipos de resposta, o ser capaz de tomar o lugar do outro, a capacidade de identificar e resolver problemas sociais e o possuir estratégias que lhes permitam analisar o comportamento social dos outros.

Em relação ao grupo Y, verifica-se maior frequência de crianças sem boa socialização. Estas crianças têm dificuldades em situações de interacção social, como por

exemplo: estabelecer novas amizades, aceitar críticas, lidar com provocações, pedir ajuda, resistir à pressão dos pares. Apresentam também dificuldades em encontrar e aproveitar oportunidades sociais, o que pode levar não só à delinquência, como ao desajustamento familiar, ao desajustamento escolar, à desmotivação em aprender, e ao abandono escolar.

3.3 - Análise das hipóteses formuladas

3.3.1 - Contribuição das variáveis: interacção criança/pais, stressores familiares e nível sócio-económico na socialização da criança

Considerando o carácter qualitativo ordinal das principais variáveis em estudo, optámos por métodos que permitem analisar os resultados, conservando as variáveis o seu carácter qualitativo ordinal.

Considerámos a possibilidade de estudar simultaneamente o poder preditivo das variáveis: interacção criança/pais, stressores familiares e nível sócio-económico em relação à variável socialização, optámos por um modelo de análise de regressão múltipla.

Assim, utilizámos o programa SPSS (STATISTICAL PACKAGE FOR SOCIAL SCIENCES).

Iremos analisar separadamente cada grupo.

GRUPO X (crianças que vivem com a família):

Fizemos uma análise de regressão múltipla, sendo o coeficiente de correlação múltiplo a medida de associação global entre as quatro variáveis de 24% (R múltiplo = 0,243), e sendo o coeficiente de determinação R^2 a percentagem de variação da variável socialização explicada globalmente pelas três variáveis (interacção criança/pais, stressores familiares e nível sócio-económico) de 6% ($R^2 = 0,059$).

Fizemos a análise de variância, considerámos a Hipótese nula (H_0) de que não há regressão e considerámos a hipótese alternativa (H_A) de que há regressão, obtivemos $F = 0,649$ ($p = 0,590$); logo a regressão não é significativa, aceitámos a hipótese nula e rejeitámos a hipótese alternativa.

Fizemos o teste aos parâmetros e às variáveis do modelo anterior para identificarmos quais as variáveis que mais contribuíam para o resultado anterior, cujos valores são:

- Interação criança / pais _____ t = 0,874;
p = 0,389;
- Stressores familiares _____ t = 0,524;
p = 0,524;
- Nível sócio-económico _____ t = 1,188;
p = 0,244;

A variável interação criança / pais não contribui para a significância do modelo. A variável stressores familiares também não contribui para a significância do modelo e a variável nível sócio-económico também não tem uma explicação significativa para a variação da variável socialização.

As três variáveis (interação criança/pais, stressores familiares e nível sócio-económico) apresentam um valor que não contribuem para a predição da variável socialização. No entanto, as variáveis interação criança / pais e nível sócio-económico apresentam um valor que contribui mais para a predição da variável socialização, cujo valor é $p < 0,5$.

Quadro n°35: Nível do coeficiente de correlação das variáveis do grupo X.

correlações	socialização	interação criança/pais	stressores familiares	nível sócio- -económico
socialização	1,000	0,948	0,466	0,398
interação criança/pais	0,948	1,000	0,666	0,722**
stressores familiares	0,466	0,666	1,000	0,738
nível sócio- -económico	0,398	0,722**	0,738	1,000

** p = 0,01;

Da análise e leitura do quadro nº35, através da matriz de correlação, concluímos que:

1º- é fortemente significativa a relação entre a variável socialização e a variável interação criança / pais;

2º- é moderadamente significativa a relação entre a variável socialização e a variável stressores familiares;

3º- é também moderadamente significativa a relação entre a variável socialização e a variável nível sócio-económico.

As variáveis interação criança / pais, stressores familiares e nível sócio-económico estão fortemente associadas.

Em conclusão, verifica-se haver uma variável muito contributiva para a variação da variável socialização, que é a variável interação criança / pais.

No grupo X (crianças que vivem com a família), ao longo da infância, apresentam uma alta interação criança / pais, que é factor determinante, no desenvolvimento de capacidades de socialização nelas obtida.

GRUPO Y (crianças que vivem numa instituição):

Fizemos uma análise de regressão múltipla, sendo o coeficiente de correlação múltiplo a medida da associação global entre as quatro variáveis de 35% (R múltiplo = 0,352), e sendo o coeficiente de determinação R² a percentagem de variação da variável socialização explicada globalmente pelas três variáveis (interacção criança/pais, stressores familiares e nível sócio-económico) de 12% (R² = 0,124).

Fizemos a análise da variância, considerámos a hipótese nula (H₀) de que não há regressão e considerámos a hipótese alternativa (H_A) de que há regressão, obtivemos F = 1,462 (p = 0,244); logo a regressão não é significativa, aceitámos a hipótese nula e rejeitámos a hipótese alternativa.

Fizemos o teste aos parâmetros e às variáveis do modelo anterior para identificar quais as variáveis que mais contribuíam para o resultado anterior, cujos valores são:

- Interação criança / pais _____ t = 0,074;
p = 0,941;
- Stressores familiares _____ t = 1,772;
p = 0,086;

- Nível sócio-económico _____ t = 0,467;
p = 0,643;

A variável interação criança / pais não contribui para a significância do modelo. A variável nível sócio-económico também não contribui para a significância do modelo e a variável stressores familiares também não tem uma explicação significativa para a variação da variável socialização.

As três variáveis (interação criança/pais, stressores familiares e nível sócio-económico) apresentam um valor que não contribuem para a predição da variável socialização. No entanto, a variável stressores familiares apresenta um valor que contribui mais para a predição da variável socialização apresentando o valor: $p < 0,10$.

Quadro nº36: Nível do coeficiente de correlação das variáveis do grupo Y.

correlação	socialização	interacção criança/pais	stressores familiares	nível sócio- económico
socialização	1,000	0,281	0,343*	0,929
interacção criança/pais	0,281	1,000	-0,545**	0,934
stressores familiares	0,343*	-0,545**	1,000	0,263
nível sócio- económico	0,929	0,934	0,263	1,000

* p = 0,05; ** p = 0,01;

Da análise e leitura do quadro nº36, através da matriz de correlação concluímos que:

- 1º- é fortemente significativa a relação entre a variável socialização e a variável nível sócio-económico;
- 2º- é moderadamente significativa a relação entre a variável socialização e a variável stressores familiares.

3º- é fracamente significativa a relação entre a variável socialização e a variável interacção criança / pais.

As variáveis nível sócio-económico e interacção criança / pais estão moderadamente associadas, visto que as crianças neste grupo apresentam um nível sócio-económico baixo e médio baixo e a contribuição da interacção criança / pais é mínima.

As variáveis stressores familiares e interacção criança / pais estão fortemente associadas por uma relação inversa, isto é, os stressores familiares apresentam um valor de contribuição alta e a interacção criança / pais apresenta uma contribuição mínima, no grupo Y.

Em conclusão, verificámos haver uma variável muito contributiva para a variação da variável socialização, que é a variável nível sócio-económico.

A maioria das crianças do grupo Y, (que vivem numa instituição), não apresentam boa socialização, e o nível sócio-económico donde provêm estas crianças é baixo e médio baixo, existindo correlacção entre estas duas variáveis.

Verificam-se, assim, as principais hipóteses formuladas neste ponto. Apenas não se verifica a hipótese de que os stressores familiares são factores que inibem o desenvolvimento de socialização, visto que o sinal do nível do coeficiente de correlacção entre as duas variáveis é positivo. No entanto, poderemos afirmar que a contribuição alta dos stressores familiares nas crianças que vivem numa instituição, contribui para a sua não obtenção de boa socialização.

A autora Rosalina Correia, (1992:176), realizou um estudo, no concelho de Portalegre, com o título:“Contextos Formais de Educação e Desenvolvimento da Criança - Contributos para a Educação Pré-escolar”. O nível etário das crianças em questão era entre os 4 anos e 11 meses e os 5 anos e 11 meses. Uma das suas conclusões foi a seguinte: *“que as crianças cuja categoria sócio-económica de pertença mais elevada foram identificadas como tendo melhor competência social”*. Esta vem precisamente ao encontro do nosso estudo. Além disso, o estudo foi realizado há cerca de cinco anos e as crianças têm hoje a idade das que são objecto do nosso estudo, podendo ser, algumas delas, as mesmas.

3.3.2 - Comparação da variável “socialização” nas amostras em estudo

Através do teste do Qui-quadrado de homogeneidade, iremos efectuar a análise comparativa da variável socialização nas duas amostras (crianças que vivem com a família e crianças que vivem numa instituição).

Formulação das hipóteses:

H0 = Não existe diferença significativa entre o desenvolvimento de capacidades de socialização das crianças que vivem com a família e das crianças que vivem numa instituição.

HA = Existe diferença significativa entre o desenvolvimento de capacidades de socialização das crianças que vivem com a família e das crianças que vivem numa instituição.

Regra de decisão:

$$\alpha = 0,05$$

$$\begin{aligned} \text{Grau de liberdade} &= (r-1) \times (k-1) \\ &= 1 \end{aligned}$$

$$\chi^2_c = 3,841 \quad \text{para } \alpha = 0,05$$

$$\chi^2_c = 6,635 \quad \text{para } \alpha = 0,01$$

$$ra = [0 ; 6.635 [$$

$$rc = [6,635 ; +\infty [$$

Cálculo do χ^2 observável:

$$\chi^2_o = \sum_{I=1}^r \sum_{j=i}^k (O_{ij} - E_{ij})^2 / E_{ij}$$

$$\chi^2_o = 62,83$$

Discussão das hipóteses:

$$\chi^2_o > \chi^2_c$$

62,83 pertence à região crítica, decide-se rejeitar H0 e aceitar HA. Existe diferença significativa entre o desenvolvimento de capacidades de socialização das crianças que vivem com a família e das crianças que vivem numa instituição.

3.3.3 - Comparação da variável “agregado familiar” das amostras em estudo entre si e com a da população do concelho de Portalegre.

Através do teste do Qui-quadrado de homogeneidade, iremos efectuar a análise comparativa da variável “agregado familiar” nas várias amostras:

1- grupo X (crianças que vivem com a família) com o grupo Y (crianças que vivem numa instituição).

2- população do concelho de Portalegre com o grupo X.

3- população do concelho de Portalegre com o grupo Y.

1- grupo X (crianças que vivem com a família) com o grupo Y (crianças que vivem numa instituição):

Formulação das hipóteses:

H₀ = Não existe diferença significativa na constituição do agregado familiar entre o grupo X e o grupo Y.

H_A = Existe diferença significativa na constituição do agregado familiar entre o grupo X e o grupo Y.

Regra de decisão:

$$\alpha = 0,05$$

$$\text{Graus de liberdade} = (r - 1) \cdot (K - 1) \\ = 4$$

$$\chi^2_c = 9,488 \quad \text{para} \quad \alpha = 0,05$$

$$\chi^2_c = 13,277 \quad \text{para} \quad \alpha = 0,01$$

$$ra = [0; 13,277 [$$

$$rc = [13,277; +\infty [$$

Cálculo do χ^2 observável:

$$\chi^2_o = \sum_{i=1}^r \sum_{j=1}^k (O_{ij} - E_{ij})^2 / E_{ij}$$

$$\chi^2_o = 71,99$$

Discussão das hipóteses:

$$\chi^2_o > \chi^2_c$$

71,99 pertence à região crítica, decide-se rejeitar H_0 e aceitar H_A . Existe diferença significativa na constituição do agregado familiar entre o grupo X e o grupo Y.

2- população do concelho de Portalegre com o grupo X.:

Formulação das hipóteses:

H_0 = Não existe diferença significativa na constituição do agregado familiar entre o grupo X e o da população do concelho de Portalegre.

H_A = Existe diferença significativa na constituição do agregado familiar entre o grupo X e o da população do concelho de Portalegre.

Regra de decisão:

$$\alpha = 0,05$$

$$\text{Graus de liberdade} = (r - 1) \cdot (K - 1) \\ = 3$$

$$\chi^2_c = 7,815 \quad \text{para} \quad \alpha = 0,05$$

$$\chi^2_c = 11,345 \quad \text{para} \quad \alpha = 0,01$$

$$ra = [0; 11,345 [$$

$$rc = [11,345; +\infty [$$

Cálculo do χ^2 observável:

$$\chi^2_o = \sum_{I=1}^r \sum_{j=i}^k (O_{ij} - E_{ij})^2 / E_{ij}$$

$$\chi^2_o = 244150,5$$

Discussão das hipóteses:

$$\chi^2_o > \chi^2_c$$

244150,5 pertence à região crítica. Decide-se rejeitar H_0 e aceitar H_A . Existe diferença significativa na constituição do agregado familiar entre o grupo X e o da população do concelho de Portalegre.

3- população do concelho de portalegre com o grupo Y:

Formulação das hipóteses:

H0 = Não existe diferença significativa na constituição do agregado familiar entre o grupo Y e o da população do concelho de Portalegre.

HA = Existe diferença significativa na constituição do agregado familiar entre o grupo Y e o da população do concelho de Portalegre.

Regra de decisão:

$$\alpha = 0,05$$

$$\text{Graus de liberdade} = (r - 1) \cdot (K - 1) \\ = 4$$

$$\chi^2_c = 9,488 \quad \text{para} \quad \alpha = 0,05$$

$$\chi^2_c = 13,277 \quad \text{para} \quad \alpha = 0,01$$

$$ra = [0; 13,277 [$$

$$rc = [13,277; +\infty [$$

Cálculo do χ^2 observável:

$$\chi^2_o = \sum_{i=1}^r \sum_{j=i}^k (O_{ij} - E_{ij})^2 / E_{ij}$$

$$\chi^2_o = 230715,93$$

Discussão das hipóteses:

$$\chi^2_o > \chi^2_c$$

230715,93 pertence à região crítica. Decide-se rejeitar H0 e aceitar HA. Existe diferença significativa na constituição do agregado familiar entre o grupo Y e o da população do concelho de Portalegre.

A amostra da população do concelho de Portalegre embarca todos os agregados familiares, ou seja, todas as famílias que contêm filhos, sejam eles formados por casais com filhos, ou por pai com filhos, ou por mãe com filhos, ou por avós com netos, num total de 4868 famílias.

A população pertence ao concelho de Portalegre e abrange a totalidade da área geográfica do mesmo.

Os grupos X (crianças que vivem com a família) e Y (crianças que vivem numa instituição), fazem parte de dois grupos distintos, constituídos cada qual por 35 famílias, pertencendo ambos ao tecido populacional do concelho de Portalegre.

Existe diferença significativa entre os agregados familiares do grupo X e do grupo Y, como já analisámos no ponto 3.1.10. Encontrámos diferenças muito mais significativas entre os agregados familiares da população do concelho de Portalegre e os do grupo X e os do grupo Y. Em primeira análise verificámos que são amostras com dimensões muito diferentes.

Mas concluímos que as três amostras da população contêm características intrínsecas comuns, como sejam: famílias constituídas por casais com filhos, ou por pai com filhos, ou por mãe com filhos, ou por avós com netos, mas em proporções muito diferentes.

É importante referir e reforçar que as características dos modelos familiares alteraram-se, não só porque os modelos de família que, no passado, tinham pouco significado adquiriram uma nova dimensão, mas também porque, ao mesmo tempo que o modelo tradicional persistiu, novas formas de família e relações familiares se desenvolveram. Tudo isto está bem presente nas três amostras da população.

CAPÍTULO IV

CONCLUSÕES

Dos dados obtidos pelo tratamento estatístico, efectuado a 35 crianças que vivem com a família (grupo X) e 35 crianças que vivem numa instituição (grupo Y) acerca da *Importância da Componente Ambiental na Socialização da Criança: caso particular concelho de Portalegre*, salienta-se que:

- Foram atingidos os objectivos propostos, uma vez que foi avaliada a interacção da criança / pais, os stressores familiares, o nível sócio-económico, o desenvolvimento de capacidades de socialização e a constituição do agregado familiar, nas duas amostras e feita a comparação entre as mesmas.

Da caracterização do ambiente familiar das duas amostras, concluiu-se que:

- Como critério adoptado no estudo, a distribuição das crianças nos dois grupos, segundo o sexo e a idade, foi homogénea. Constituídos por 14 do sexo feminino, correspondendo a 40% e 21 do sexo masculino, correspondendo a 60%. Com idades compreendidas entre os 7 e os 14 anos. A idade mais representada foi os 11 anos, com 25,7%.
- Relativamente ao nível de escolaridade dos pais, no grupo x existiu uma maior frequência com o curso superior, com 51,4%, e no grupo y verificou-se, nuns casos ao nível do não saber ler nem escrever, noutros, ao nível da instrução primária, correspondendo igualmente a 42,9% do valor.
- Quanto ao número de casamentos da mãe, o grupo X obteve a total representatividade com o 1º casamento, correspondendo a 100% e o grupo Y obteve 42,9% com o 2º casamento.
- Quanto ao estado civil dos pais, o grupo X apresentou um predomínio de casados, com 94,3%, e o grupo Y de relação livre, com 57,1%.
- Em relação à instituição frequentada pela criança após os 3 anos de idade, constatámos que a maior frequência no grupo X, foi o infantário, correspondendo a 77,1%, e o grupo Y foi a rua, correspondendo a 62%.

- Quanto ao lugar que a criança ocupa no agregado familiar com maior representatividade, foi o 2º filho no grupo X, correspondendo a 48,6%, e no grupo Y foi o 3º filho, correspondendo a 42,9%.
- Em relação ao sucesso escolar das crianças, ambos os grupos apresentaram maior frequência no sucesso escolar, o grupo X com 97,1% e o grupo Y com 65,7%.
- Quanto ao agregado familiar, o grupo X é formado de forma tradicional por pai/ mãe e irmãos com 71,4%, e no grupo Y a distribuição é bastante dispersa, constituído apenas por pai com 31,4%, apenas por mãe com 17,2%, apenas por avós com 14,3%, e por pai/irmãos e avós com 11,5%.
- Verificámos que o subgrupo de pessoas envolvidas no desenvolvimento da criança, com maior representatividade no grupo X era constituído por pai/mãe/irmãos/avós/amigos/professor, com 45,7%, e o grupo Y constituído por pai/professor, correspondendo a 17,1%.
- Em relação à periodicidade de visita de familiares e/ou amigos, quanto ao grupo X é semanalmente, com 60% e quanto ao grupo Y é semestralmente, com 54,3%.

As variáveis em estudo, interacção criança / pais e stressores familiares, apresentaram grau de contribuição diferentes nas duas amostras.

- Assim, a variável “interacção criança / pais” apresentou contribuição máxima no grupo X com 77,1% e no grupo Y, nenhuma família apresentou esta contribuição. Foi apresentada contribuição alta no grupo X equivalente a 22,9% e no grupo Y, nenhuma família apresentou esta contribuição. Quanto à contribuição baixa esta foi apresentada no grupo Y, com 22,9% e no grupo X, nenhuma família apresentou esta contribuição. Foi apresentada contribuição mínima no grupo Y, com 77,1% e o grupo X obteve frequência nula.

Os graus de contribuição apresentados pela variável interacção criança / pais nos dois grupos são díspares; enquanto que o grupo X apresenta contribuição máxima, o grupo Y apresenta contribuição mínima.

- Devido à grande discrepância de valores do somatório dos itens no grupo X e no grupo Y, houve necessidade de recorrer à análise de regressão múltipla, (pelo método Forward) dos vários itens da variável interacção criança / pais, respectivamente, nos grupos X e Y.

Após a análise verificámos que os itens com maior contribuição relativa para a predição da variável interacção criança / pais, no grupo X, foram: “a criança nos primeiros três meses recebeu cuidados (alimentação, higiene, conforto e segurança) do pai”; “gravidez planeada”; “a criança senta-se ao colo dos pais para lhe contar histórias e ver televisão”; “mãe e/ou pai contava histórias à criança”; “várias férias por ano com os pais” e “o ano passado viajou com os pais”.

Verificámos que, no grupo X, há uma continuidade adaptativa na relação da criança com os pais ao longo de toda a infância.

Os itens com maior contribuição relativa para a predição da variável interacção criança / pais, no grupo Y, foram: “contacto precoce com o pai ao nascer”; “nos três primeiros meses recebeu cuidados (alimentação, higiene, conforto e segurança) do pai”; “até aos três anos esteve ao cuidado do pai” e “a mãe comunicava verbalmente e com espontaneidade para a criança”.

O envolvimento da criança com a figura paterna, no grupo Y, deve-se na maioria dos casos, ao abandono precoce do lar pela mãe.

- Quanto à variável “stressores familiares”, em ambas as amostras, nenhuma família apresentou contribuição máxima. Apresentou contribuição alta o grupo Y, com 62,9% e o grupo X obteve frequência nula. Foi apresentada contribuição baixa no grupo Y, com 37,1%, e o grupo X obteve frequência nula. Quanto à contribuição mínima, esta foi apresentada por todas as famílias no grupo X, correspondendo a 100% da amostra, e o grupo Y obteve frequência nula.
- Devido à existência de diferença nos valores dos somatórios dos itens nos grupos X e Y, houve necessidade de recorrer à análise de regressão múltipla (pelo método Forward) dos vários itens da variável stressores familiares nos grupos X e Y.

Após a análise verificámos que os itens com maior contribuição relativa para a predição da variável “stressores familiares”, no grupo X, foram: “hospitalização”; “doença”; “separação da criança dos pais devido a férias”; “separação da criança dos pais por motivos profissionais”; “morte” e “divórcio”.

Os itens com maior contribuição apresentada, no grupo X, são na maioria situações incontroláveis e involuntárias por parte da família.

Os itens com maior contribuição relativa para a predição da variável “stressores familiares”, no grupo Y, foram: “maus tratos”; “abandono”; “droga”; “alcool”; “desemprego”; “hospitalização”; “morte”; e “divórcio”.

Os itens com maior contribuição apresentada no grupo Y são situações voluntárias, premeditadas por parte da família.

- Em relação ao nível sócio-económico da família, o grupo X apresenta maior representatividade ao nível da classe alta, com 51,4%, e o grupo Y ao nível da classe baixa, com 48,6%.

Da determinação do desenvolvimento de capacidades de socialização das duas amostras, concluiu-se que:

- Verificámos que a maioria das crianças do grupo X apresentam boa socialização, ou seja, 97,1%, e a maioria das crianças do grupo Y não apresentam boa socialização, ou seja, 74,3% da população.

Quanto às hipóteses formuladas:

Verificou-se no grupo X (crianças que vivem com a família) que:

- é fortemente significativa a relação entre a variável socialização e a variável interacção criança / pais - (0,948);
é moderadamente significativa a relação entre a variável socialização e a variável stressores familiares - (0,466);
é também moderadamente significativa a relação entre a variável socialização e a variável nível sócio-económico - (0,398).

Em conclusão, verificou-se haver uma variável muito contributiva para a variação da variável socialização, que é a variável interacção criança / pais.

No grupo X (crianças que vivem com a família), ao longo da infância, apresentam uma alta interacção criança / pais, que é factor determinante no desenvolvimento de capacidades de socialização obtida por elas.

Verificou-se no grupo Y (crianças que vivem numa instituição) que:

- é fortemente significativa a relação entre a variável socialização e a variável nível sócio-económico - (0,929);
é moderadamente significativa a relação entre a variável socialização e a variável stressores familiares - (0,343);
é fracamente significativa a relação entre a variável socialização e a variável interacção criança / pais - (0,281).

Em conclusão, verificámos haver uma variável muito contributiva para a variação da variável socialização, que é a variável nível sócio-económico.

A maioria das crianças do grupo Y, (que vivem numa instituição), não apresentam boa socialização, e o nível sócio-económico donde provêm estas crianças é baixo e médio baixo, existindo correlacção entre estas duas variáveis.

Verificam-se, assim, as hipóteses formuladas. Apenas não se verifica a hipótese de que os stressores familiares são factores que inibem o desenvolvimento de capacidades de socialização, visto que, o sinal do nível do coeficiente de correlacção entre as duas variáveis é positivo. No entanto, poderemos afirmar que a contribuição alta dos stressores familiares nas crianças que vivem numa instituição, contribui para a não obtenção de boa socialização nestas crianças.

- Existe diferença significativa entre o desenvolvimento de capacidades de socialização do grupo X (crianças que vivem com a família) e do grupo Y (crianças que vivem numa instituição).

$$\chi^2_c = 6,635 \quad \chi^2_o = 62,83$$

logo $\chi^2_o > \chi^2_c$

- Existe diferença significativa na constituição dos agregados familiares do grupo X e do grupo Y.

$$\chi^2_c = 13,277 \quad \chi^2_o = 71,99$$

logo $\chi^2_o > \chi^2_c$

- Existe diferença significativa na constituição dos agregados familiares da população do concelho de Portalegre e do grupo X.

$$\chi^2_c = 11,345 \quad \chi^2_o = 244150,5$$

logo $\chi^2_o > \chi^2_c$

Existe diferença significativa na constituição dos agregados familiares da população do concelho de Portalegre e do grupo Y.

$$\chi^2_c = 13,277 \quad \chi^2_o = 230715,93$$

logo $\chi^2_o > \chi^2_c$

- Ao nível sócio-económico constatámos que no grupo X (crianças que vivem com a família), a maioria pertence à classe alta, e frequenta turmas em que predomina a classe média alta e classe média, ambiente este que poderá contribuir para a obtenção de boa socialização.

- Ao nível sócio-económico constatámos que no grupo Y (crianças que vivem numa instituição), a maioria pertence à classe média baixa e baixa, e frequenta turmas em que predomina a classe média, média baixa e baixa, ambiente este que poderá não contribuir para a obtenção de boa socialização.

Este estudo forneceu dados científicos que justificam a importância da contribuição da componente ambiental na socialização da criança.

CAPÍTULO V

SUGESTÕES

Considerando os resultados do estudo positivos, gostaria de algum modo que eles servissem de reflexão para uma intervenção destinada a otimizar o crescimento pessoal e social principalmente das crianças do grupo Y (que vivem numa instituição).

O desenvolvimento pessoal e social das crianças/jovens poderá ser otimizado através de uma intervenção directa junto destes, ajudando-os a reflectir sobre as suas características pessoais e sociais, a aumentar o seu reportório de respostas, possibilitando assim uma melhoria do seu estatuto social.

Como referiu Carlos Caldeira, (1980), não sendo possível trabalhar com todas as pessoas de uma comunidade ecológica, pode-se sempre partir de pequenos grupos.

Esta intervenção não pode limitar-se aos alunos.

Também os técnicos precisam de formação pedagógica e terapêutica, sobretudo centrada na formação em relações humanas, tendo em vista a adaptação a novos comportamentos e a um trabalho em equipa; uma formação essencialmente prática que inclua uma reflexão sobre os percursos das suas respectivas vidas pessoais e sociais, permitindo aos técnicos crescer e facilitar o crescimento dos outros.

A intervenção comunitária defende a perspectiva de uma intervenção sobre o sistema como um todo e não sobre os indivíduos.

Caldeira (1980) defende que uma intervenção comunitária eficaz tem de englobar os diversos níveis pessoal, grupal, organizacional e institucional.

Citado por Margarida Gaspar Matos, (1997:13), Sanchez, (1988), descreve vários tipos de estratégias de intervenção:

- *“estratégias centradas na pessoa, partindo do princípio que o problema está no indivíduo e destinando-se a melhorar a sua competência social e adaptativa;*
- *estratégias centradas no pequeno grupo, que partem do princípio que o problema não está no indivíduo, mas nas relações que este estabelece com os outros, incluindo por isso sessões de grupo e sessões de dinamização com os pais ou substitutos, professores e, em geral, todos os elementos significativos do microssistema do indivíduo;*

- *estratégias centradas nas organizações, partindo do princípio que as organizações sociais (escolas, instituições) têm dificuldades funcionais e/ou estruturais de que resulta uma incapacidade de cumprirem as suas funções;*

- *estratégias centradas na comunidade, defendendo que a raiz dos problemas está na política social, devendo defenir-se estratégias de mudança social e organização comunitária”.*

Na facilitação do desenvolvimento pessoal e social da criança/jovem privilegamos uma abordagem preventiva, de base comunitária, interactiva e multidisciplinar.

É neste âmbito que situamos o interesse de intervenções de carácter educativo que visem mediar a aquisição e/ou utilização por parte das crianças/jovens de competências de relacionamento interpessoal.

Reflectindo sobre o estudo em questão, tendo em conta que este não foi de forma alguma um projecto acabado, pelo contrário, deve constituir um incentivo para que o tema continue a ser investigado, deixo as seguintes sugestões:

- Que o mesmo estudo seja realizado com uma amostra representativa em termos nacionais, de forma a ser extensiva a toda a população em Portugal.
- Que este estudo se repita em termos comparativos com duas amostras populacionais: uma constituída por crianças do concelho de Portalegre, outra constituída por crianças doutro concelho (por exemplo de Lisboa), a fim de reforçar ou não, os resultados aqui alcançados.
- Que se continue o estudo, numa perspectiva de se analisar as diversas sub-escalas que fazem parte do instrumento de pesquisa (escala de socialização), de modo a ser defenida e analisada o percentil com que cada sub-escala contribui para a socialização da criança.
- Evocando a terminologia de Bronfenbrenner, (1983), elaborámos um trabalho que se pode classificar como o estudo de um microsistema. Em termos do alargamento da investigação parece-nos pertinente a continuação da mesma, mas efectuando um estudo que se poderá classificar de mesossistema, daqui a 3 anos, às crianças do grupo Y (crianças que vivem numa instituição), para perceber a influência que têm o ambiente familiar e o ambiente da instituição nos seus desempenhos futuros.

Este estudo consistiria então na comparação entre o desenvolvimento de capacidades de socialização obtida nas crianças do grupo y já referido, e o desenvolvimento de capacidades de socialização das crianças do grupo Y daqui a 3 anos.

CAPÍTULO VI

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAIRRÃO, J e FELGUEIRAS, Isabel - Contribuição para o estudo das crianças em risco. *Análise Psicológica*. 1: 4 (1978) 31-39.

BAIRRÃO, Joaquim - A perspectiva ecológica na avaliação de crianças com necessidades educativas especiais e suas famílias: o caso da intervenção precoce. *Inovação*. Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade do Porto. 7: 3 (1994) 37-48.

BOUDON, Raymond - *Os métodos em sociologia*. Lisboa: Rolim, 1990. 132 p.

BOWLBY, J. - *Child care and the growth of love*. 2nd ed. Harmondsworth / Baltimore / Ringwood: Margery Fry, 1972.

BOWLBY, J - *Attachment and loss: attachment*. Harmondsworth: Penguin Books Ltd, 1978.

BRAZELTON, T. B. - *Bebés e mamãs*. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltd, 1981.

BRONFENBRENNER, U. -_The evolution of environmental models developmental research_ In P. M. Mussen (ed.) - *Handbook of child psychology*. New York: wiley, 1983. I Vol. 357-415.

BROFENBRENNER, U. - Recent Advances in Research on the Ecology of Human Development. In R. K. Silbereiren, K. Eyferth and G. Rudinger - *Development as action in context: Problem Behavior and Normal Youth Development*. New York. 1986. 287 - 305.

- BROFENBRENNER, U - *La Ecologia del Desarrollo Humano: Experimentos en entornos naturales y diseñados*. 1ª ed. Barcelona: ediciones Paidós, 1987. 339 p.
- BROFENBRENNER, U - *The ecology of Human Development: Experiments by nature and design*. 8ª printing. Cambridge: Harvard University Press, 1994. 330 p.
- BROFENBRENNER, Urie - *The Experimental Ecology of Education*. Educational researcher. 9 (1976) 5-15.
- BRONFENBRENNER, Urie - Uma família e um mundo para o bebé XXI. In: PEDRO, João Gomes; PATRÍCIO, Madalena Folque (org.) - *Criança e família na viragem do século*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. 115-126.
- BROWN, W. Brown, C. - Defining eligibility for early intervention. In: S. K. Thurman; L. Pearl (Eds.) - *Family-centered early intervention With infants and toddlers: Innovation cross-disciplinary approaches*. Baltimore: Paul Brooks, 1993.
- CABALLO, V. - *Teoría, Evaluación y entrenamiento de las Habilidades sociales*. Valencia: Promolibro, 1987.
- CALDEIRA, C. - *Análise sociopsiquiátrica de uma comunidade terapêutica*: dissertação de Doutoramento, Faculdade de Medicina, Universidade Lisboa, (não publicada), 1980.
- CALDWELL, Bettye - Crèche-bebé, família e educação. In: PEDRO João Gomes; PATRÍCIO Madalena Folque (org.) - *Criança e família na viragem do século*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. 465-477.
- CAVELL, T. - Social Adjustment, social performance and social skills: a tri-component model of social competence. *Journal of Clinical Child Psychology*. 19: 2 (1990) 111-122.

CONGRESSO SOBRE O ALENTEJO - IV, Sines, 1991 - *Semeando novos rumos*.
Sines: Inrapol, 1995. 446 p.

CONGRESSO SOBRE O ALENTEJO - VI, Portalegre, 1993 - *Semeando novos rumos*. Portalegre: Inrapol, 1996. 456 p.

CORREIA, Rosalina - *Contextos Formais de Educação e desenvolvimento da Criança - Contributos para a educação pré-escolar*: dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia, (não publicada), 1992.

CRUZ, Isabel - O papel educativo das famílias nas crianças em idade pré-escolar. *Inovação*. Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade do Porto. 5: 1 (1994) 95-108.

DAVIES, Don - Parcerias pais-comunidade-escola três mensagens para professores e decisores políticos. *Inovação*. Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade do Porto. 7: 3 (1994) 377-389.

DESMOND, M. M.; C.; HILL; [et al.] - The clinical behavior of the newly born. I. The term baby. *Journal of Pediatrics*. 62 (1963) 307-325.

DIAZ-AGUADO- *Escuela y tolerancia*. Madrid: Ed. Piramide, 1996. 69-98.

EMDE, Robert - Development Terminable and Interminable: I. Innate and Motivational Factors from Infancy - *International Journal of Psychoanalysis*, 69 (1988) 23-41.

FERNANDES, António Teixeira - Dinâmicas familiares no mundo actual: harmonias e conflitos. *Análise social*. Lisboa. 29:129 (1994) 1149-1191.

FISCHER, G. N. - *La psychosociologie de l' espace*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984. 3-4.

FLORES, José Varela - *Influência da família na personalidade da criança*. Porto: Porto editora, 1994. 93 pag.

FONTANA, D - *Psychology for teachers*. 2nd ed. Leicester: BPS/Macmillian Press. 1988.

GARCIA-COLL, Cynthia - Semiologia comportamental e temperamento infantil. In: PEDRO, João Gomes; PATRÍCIO, Madalena Folque (org.) - *Criança e família na viragem do século*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. 279-286.

GHIGLIONE, Rodolphe; MATALON, Benjamin - *O Inquérito-Teoria e prática*. 2ª ed. Oeiras: Celta, 1993. 370 p.

GIL, António Carlos - *Como elaborar projectos de pesquisa*. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991. 159 p.

HARTUP, W. W. - Social relationships and their developmental significance. *American Psychologist*, 44: 2 (1989) 120-126.

HONIG, Alice S. - Television and young children. *Young children*. (November 1983) 56-67.

HORVATH, Istvan - O pai como força na família. In: PEDRO, João Gomes; PATRÍCIO, Madalena Folque (org.) - *Criança e família na viragem do século*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. 151-157.

KATZ, Lilian - Nas mãos dos pais. *Jornal Público*, (7 junho 1993) pag.32.

KATZ, L. F.; GOTTMAN, J. M. - Patterns of marital conflict predict children's internalizing and externalizing behaviors. *Developmental Psychology*. 29: 6 (1993) 940-950.

- KORCOK, M. A. - Alcoholism is a family affair. *Focus on alcohol and drug issues*. 2:4 (1979).
- LEDINGHAM, J. e CROMBIE, G. - Promoting the mental health of children and youth: a critical review of recent literature. *Canada's Mental Health*. 36: 1 (1988) 9-17.
- LEVIN, Jack - *Estatística Aplicada às Ciências Humanas*. 2ª ed. São Paulo: Harbra, 1987. 392 p.
- MARUJO, Helena Águeda - Factores de risco na infância: o despiste precoce e a acção educativa. *Psicologia*. Lisboa. 8: 2 (1992) 185-192.
- MATOS, Margarida Gaspar - *Comunicação e Gestão de Conflitos na Escola*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 1997. 161 p.
- MCCONAUGHY, S. H. e RITTER, D. R. - Social competence and Behavioral Problems of learning Disabled boys Aged 6-11. *Journal of learning Disabilities*. 19: 1 (1986) 39-45.
- MCGOLDRICK, Monica; CARTER, Betty - *As mudanças no ciclo familiar, uma estrutura para a terapia familiar*. 2ª ed. Porto Alegre: Artes médicas, 1995. 510 p.
- MENDES, Maria Filomena e outros - *A família Portuguesa, linhas de reflexão no ano Internacional da família*. Lisboa: Direcção-Geral da Família - Ministério do Emprego e da Segurança Social, 1994. 125 p.
- MICHAEL E. Lamb - O papel do pai em mudança. *Análise Psicológica*. Lisboa. 10: 1 (1992) 19-34.

MIL-HOMENS, Rui - Desenvolvimento local e regional necessita de uma nova lógica, *Economia*. (1994) 90-102.

Ministério da Solidaridade e Segurança Social; Comissão Nacional para a política da terceira idade; Direcção-Geral da Família - *65 e mais anos os números em Portugal*. Lisboa. 1995. 219 p.

MONTEIRO, Ângelo - Portalegre a cidade e a serra. *A cidade*. Revista cultural de Portalegre. 1982. 84 p.

MORENO, F. Silva; PALLÁS, M. C. Martorell - *Bateria de Socializacion (para profesores y padres)*. Madrid: Tea Ediciones, S. A., 1989. 32 p.

MURALHA, Pedro (dir) - *Álbum Alentejano, Distrito de Portalegre*. Lisboa: Imprensa Beleza, s. d.. Tomo III

NAZARETH, J. Manuel - Demografia e Ecologia Humana. *Análise social*. Lisboa. 28: 123- 124 (1993) 879-885.

NAZARETH, J. Manuel - *Portugal os próximos 20 anos, unidade e diversidade da demografia Portuguesa no final do século XX*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, IIIvol. 1988a. 398 p.

NAZARETH, J. Manuel - *Princípios e métodos de análise da demografia Portuguesa*. Lisboa: Presença, 1988b. 323 p.

ODUM, Eugene P. - *Fundamentos de Ecologia*. 4ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988. 927 p.

OLIVER, George - *A ecologia Humana*. Lisboa: Interciência, 1979. 104 p.

PALACIOS, Jesús -_Psicologia Evolutiva y Educación Preescolar. In: Fundação Calouste Gulbenkian - *Encontro sobre educação Pré-escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (1990) 33-38.

PARKER, J; ASHER, S. - Peer relations and later personal adjustment: are low accepted children at risk? *Psychological Bulletin*. 102: 3 (1987) 357-389.

PATTERSON, G. R. ; DEBARYSHE, B. D. e RAMSEY, E. -_A Developmental Perspective on Antisocial Behavior. *American Psychologist*. 44: 2 (1989) 329-335.

PEDRO, João Gomes - A relação precoce mãe-filho. *Psicologia*. Lisboa. 5: 3 (1987) 391-409.

PETTIT, G.; DODGE, K.; BROWN, M. - Early family experience, social problem solving patterns and children's social competence. *Child Development*. 59 (1988) 107-120.

PORTUGAL, Gabriela (1990) - *Família: em que medida é responsável pelo desenvolvimento da criança?* E.S.E.S. (2 Julho 1990) 49-53.

PORTUGAL, Gabriela - *Ecologia Desenvolvimento Humano em Bronfenbrenner*. Aveiro: centro de Investigação, Difusão e Intervenção Educacional. (1992) 136 pag.

PORTUGAL, Gabriela (1992) - *Dimensões do desenvolvimento humano*. Aveiro: Centro de Investigação, Difusão e Intervenção Educacional. 7-13.

POURTOIS, Jean-Pierre e outros - Educação familiar e parenteral. *Inovação*. Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade do Porto. 7:3 (1994) 289-375.

RODRIGUES, Jorge; PEREIRA, Paulo - *Cidades e vilas de Portugal - Portalegre*. Lisboa: Presença, 1988. 91 p.

SALLAN, J. G. - Arquitectura y mobiliário. In: *Enciclopédia de La educacion preescolar*. vol II. 303-304.

SAMEROFF, Arnold - Influências sociais e familiares nas experiências infantis precoces. In: PEDRO, João Gomes; PATRÍCIO, Madalena Folque (org.) - *Criança e família na viragem do século*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. 419-429.

SANCHEZ, J. M. R.; OCHOA, G. M. - Desenvolvimento da competência social em crianças de 10 anos. *Jornal de Psicologia*. Lisboa. 7: 2 (1988) 13-20.

SANTOS, Salomé Vieira - Características do stress em pais de crianças com Doenças Crónicas e em Pais de Crianças com Problemática Emocional. *Análise Psicológica*. Lisboa. 12:2-3 (1994) 301-313.

SCHAFFER, H. - Social Development in early childhood. In: FONTANA, D. - *Psychology for Teachers*. London: BPS, Macmillian Press. 1981.

SCHWARZBECK, C. - Identification of infants at risk for child abuse: observations and inferences in the examination of the mother-infant dyad. In: G. Y. Williams e J. Money, (Eds.) - *traumatic abuse and neglect of children at home*. Baltimore: John Hopkins University Press. 1980.

SHICKEDANZ, Juditha - Please read that story again! Exploring relationships between story reading and learning to read. *Young children*. (July 1978) 48-55.

SILVA, Luísa F. Lopes - *Roteiro e subsídios para a história da cidade de Portalegre*. Lisboa: Orbis ed. ilustradas, 1981. 177 pag.

SILVA, Manuel António - A carência de cuidados maternos e os seus efeitos no desenvolvimento da criança. *Análise psicológica*. Lisboa. 8: 4 (1990) 463-466.

SIMONS, R. L.; LORENZ, F. O.; WU; CONGER, R. D. - Social network and marital support as mediators and moderators of the impact of stress and depression on parental behavior. *Developmental Psychology*. 29: 2 (1993) 368-381.

SMITH, L. - Significant findings in the etiology of child abuse. *Social casework*. 6: 65 (1984) 337-346.

SOCZKA, L. - *A perspectiva ecológica em psicologia*. Lisboa: LNEL. 1989.

SOUSA, Elizabeth; MARTINS, Ana; FONSECA, Alexandra - A construção social dos maus tratos. *Análise psicológica*. Lisboa. 11:1 (1993) 75-86.

TIZARD, Barbara; HUGHES, Martin - *Young children learning*. London: Fontana, Paper backs. 1984.

TRIANES TORRES, M. Victoria - Una propuesta basada en La experiencia, de objetivos concretos para educar La competencia social del escolar. In: DIOS, Borrego - *Currículum y desaerollo sócio-personal*. (1992) 169-177.

TROST, Jan - O processo de formação da família. In: PEDRO, João Gomes; PATRÍCIO, Madalena Folque (org.) - *Criança e família na viragem do século*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. 55-67.

VALE, Dulce e COSTA, M. Emília - A violência em jovens contextualizada nas escolas. *Inovação*. Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade do Porto. 7: 3 (1994) 255-288.

Outras Publicações

PORTUGAL. Instituto Nacional de Estatística - *X Recenseamento Geral da População-1960*. Lisboa:I.N.E.Tomo I, 1ºVol, [s.d].

PORTUGAL. Instituto Nacional de Estatística - *X Recenseamento Geral da População -1960*. Lisboa:I.N.E.Tomo III, 1ºVol, [s.d].

PORTUGAL. Instituto Nacional de Estatística - *11º Recenseamento Geral da População-1970*. Lisboa: I.N.E., 1º Vol, 1973.

PORTUGAL. Instituto Nacional de Estatística - *XII Recenseamento Geral da População -1981 / II recenseamento geral da habitação. Distrito de Portalegre*. Lisboa: I.N.E., 1983.

PORTUGAL. Instituto Nacional de Estatística - *XIII Recenseamento Geral da População. População -1991 / III recenseamento geral da habitação. Alentejo*. Lisboa: I.N.E., 1993.

PORTUGAL. Instituto Nacional de Estatística - *Estatísticas Demográficas-1994*. Lisboa: I.N.E.; 1995.

ANEXOS

A N E X O I
(Formulário à família)

FORMULÁRIO À FAMÍLIA

NOME DO ALUNO.....

Em relação aos pais:

1 - Quanto à gravidez:

	SIM	NÃO
desejada	___	___
planeada	___	___

4 - Estado civil dos pais:

solteiros	___
casados	___
divorciados	___
relação livre	___
viúvos	___

2- Escolaridade dos pais:

	pai	mãe
não sabe ler nem escrever	___	___
instrução primária	___	___
ciclo preparatório ou equivalente	___	___
5º ano liceal ou equivalente	___	___
7º ano liceal ou equivalente	___	___
curso médio	___	___
curso superior	___	___

5 - Pai e/ou mãe acompanha o seu filho:

	SIM	NÃO
educação escolar	___	___
educação religiosa	___	___

3 - Quanto ao número de casamentos:

	1º do pai
SIM	___
NÃO	___ quantos _____
	1º da mãe
SIM	___
NÃO	___ quantos _____

Em relação à criança/jovem:

6 - Sexo:
masculino
feminina

7 - Idade: _____

8 - Coabitação:
pai
mãe
ambos
outro

**9 - Contacto precoce com a mãe
ao nascimento:**
SIM
NÃO

**10- Contacto precoce com o pai
ao nascimento:**
SIM
NÃO

**11- Permaneceu junto da mãe
até à alta hospitalar:**
SIM
NÃO

**12- Nos primeiros 3 meses recebeu
cuidados (alimentação, higiene,
conforto, segurança, de:**
pai
mãe
avó
outro quem _____

**13- Até aos 3 anos esteve ao
cuidado de:**
pai
mãe
empregada
avó
vizinhos

**14- A mãe comunicava verbalmente
e com espontaneidade para a criança?**
SIM
NÃO

**15- A mãe e/ou pai lia e contava
histórias à criança?**
SIM
NÃO

**16- Os pais brincam com
a criança diariamente?**
pai mãe

NÃO
SIM tipo de
brincadeiras: _____

17- Após os 3 anos frequentou:
infantário
ama
rua
permaneceu em casa na
companhia de: _____

31- Costuma ir passear com os pais (para ir às compras, ao campo, ao jardim, à praia...etc.)?

SIM ___ com que frequência _____

NÃO ___

32- Nos fins de semana costuma sair, passear com os pais?

SIM ___

NÃO ___

33- Costuma ter férias com os pais em vários períodos do ano?

SIM ___ o que costuma fazer _____

NÃO ___

34- Lembra-se se no ano passado o/a... fez algum passeio ou alguma viagem com os pais a mais de 30 - 60 Km de distância?

SIM ___ lembra-se onde foi _____

NÃO ___

35- Envolvimento de pessoas no desenvolvimento da criança:

pai _____

mãe _____

irmãos _____

avós _____

vizinhos _____

amigos dos pais _____

professora, educadora _____

outro _____

Em relação à família:

36- Elementos que fazem parte do agregado familiar:

pai _____
mãe _____
irmãos _____
outros _____ quais _____

37- Idade dos elementos do agregado familiar:

pai _____
mãe _____
irmãos _____
outros _____

38- Profissão dos elementos do agregado familiar:

pai _____
mãe _____
irmãos _____
outros _____

39- Com que periodicidade têm visita de familiares e/ou amigos:

diariamente _____
semanalmente _____
mensalmente _____
semestralmente _____
anualmente _____
nunca _____

40- Stressores existentes na família (pai, mãe ou irmãos):

doença _____
morte _____
desemprego _____
divórcio _____
alcool _____
droga _____
maus tratos _____
nenhum _____

41- Dados de classificação social

41.1- Profissão

41.1.1- Director de Banco ou Empresário, licenciado, Engenheiro, profissão com Título universitário, Militar de alta patente. _____

41.1.2- Chefe de secção administrativa ou negócios de grande empresa, Sub-director de Banco, perito ou técnico. _____

41.1.3- Adjunto técnico, Desenhador, Caixeiro, Contramestre, Oficial de primeira, Encarregado, Capataz, Mestre de obras. _____

41.1.4- Motorista, Polícia, Cozinheiro ou profissão equivalentes. _____

41.1.5- Jornaleiro, Mandarete, Ajudante da cozinha e Empregado de limpeza. _____

41.2- Nível de instrução dos pais

41.2.1- Ensino universitário ou equivalente, formação militar da Academia. _____

41.2.2- Ensino médio ou Técnico superior (técnicos e peritos). _____

41.2.3- Ensino médio ou Técnico inferior (curso do liceu, industrial ou comercial, militares de baixa patente). _____

41.2.4- Ensino primário completo _____

41.2.5- Ensino primário incompleto ou nulo _____

41.3- Fontes de rendimento da família

41.3.1- Fortuna herdada ou adquirida; altos rendimentos (propriedades, donos de grandes indústrias ou grandes estabelecimentos comerciais). _____

41.3.2- Altos honorários (encarregados, gerentes, representantes de grandes firmas comerciais, profissões liberais com grandes vencimentos). _____

41.3.3- vencimento mensal fixo, tipo funcionário, profissões liberais de rendimento mediano, empregados por conta de outrém, pensionistas (pensões de reforma ou outras). _____

41.3.4- Salário, ou seja remuneração à semana, ao dia, à hora ou à tarefa. _____

41.3.5- Beneficiência pública ou privada sem qualquer fonte de rendimento.

41.4- Condições de alojamento familiar

41.4.1- Casa ou andar luxuoso, muito grande, com o máximo conforto. _____

41.4.2- Casa ou andar de luxo médio, espaçoso e confortável. _____

41.4.3- Casa ou andar modesto, mas bem conservado, arejado com boa iluminação e saneamento básico. _____

41.4.4- Casa ou andar muito modesto, pouco confortável, em deficiente estado de conservação mas com saneamento básico e iluminação, ou casa partilhada com outra família, sem promiscuidade. _____

41.4.5- Barraca ou andar desprovido de todo o conforto, sem saneamento básico nem iluminação, má ventilação ou casa onde moram muitas pessoas em promiscuidade. _____

41.5- Aspecto do bairro onde habita a família

41.5.1- Bairro residencial elegante onde o valor do terreno ou os alugueres são elevados. _____

41.5.2- Bairro residencial bom, de ruas largas, confortáveis e bem conservadas. _____

41.5.3- Ruas comerciais ou estreitas e antigas, com casas de aspecto geral menos confortável. _____

41.5.4- Bairro operário populoso, mal arejado ou em que o valor do terreno está em consequência da proximidade de oficinas, fábricas, estações de caminho de ferro, etc. _____

41.5.5- Bairro da lata. _____

ANEXO II

(escala de socialização à criança)

Escala de Socialização

Caderno para professores

É nesta escala que se apresenta uma série de atitudes que se podem observar em crianças em idade escolar e que se detectam em experiência pedagógica quotidiana. Com ela se pode avaliar cada aluno. Será útil para verificar o conhecimento da criança, que resultará em seu benefício.

Leia o conteúdo de cada questão e tente responder de forma precisa. Muitas questões são semelhantes, mas espelham diferentes tipos de comportamento do aluno.

Para complementar a Escala, utilize a folha de respostas que se encontra junto em anexo. Assinale, colocando uma cruz na parte superior direita, na versão (Bas-1) a que responde e preencha os dados de identificação do aluno. Em continuação, responda a todas as perguntas; ainda que seja evidente algumas que tenham maior conhecimento do aluno, todas se supõem que o professor que conviva com o aluno desde algum tempo, possa opinar sobre elas.

Se o aluno avaliado foi mudando com o tempo em relação a algumas perguntas, responda sobre o seu comportamento actual e não sobre o passado. Em todo o caso é importante que o professor tenha em conta a conduta observada do aluno, que seja essa conduta observada determina a sua resposta e não possíveis indiferenças ou interpretações sobre a pessoa avaliada.

Cada questão tem quatro possibilidades ou alternativas:

<u>Nunca</u>	<u>Alguma vez</u>	<u>Frequentemente</u>	<u>Sempre</u>
A	B	C	D

Na folha de resposta marque a letra alternativa mais adequada em cada caso.

Atenção: Responda a todas as perguntas!

**MARQUE AS SUAS RESPOSTAS NA FOLHA EM ANEXO
UTILIZANDO O PRIMEIRO QUADRO**

Parte 1ª

1. Deixa os colegas trabalhar ou entreterem-se sem os incomodar.
2. Apresenta-se como uma pessoa alegre.
3. Faz novas amizades com facilidade.
4. Brinca mais em conjunto com os colegas do que isoladamente.
5. Gosta de organizar novas actividades.
6. Ajuda os colegas a superarem as suas dificuldades.
7. Sabe escutar os outros.
8. Mostra interesse pelo que acontece aos outros.
9. Pede autorização para falar e espera pela sua vez.
10. O seu aspecto é afável e tranquilo.
11. Mostra-se amável com os colegas quando vê que têm problemas.
12. Sugere novas ideias.
13. Quando um colega é excluído do grupo, aproxima-se dele e tenta ajudá-lo.
14. É capaz de discutir regras e normas que lhe pareçam injustas.
15. Aceita como amigos aqueles que são rejeitados pela maioria.
16. Quando fala com um adulto, fá-lo com respeito.
17. Planeia tarefas difíceis com moral de êxito.
18. Sabe quando tem ou não que falar quando se reúne com os colegas.
19. Quando tem que corrigir os colegas, fá-lo com delicadeza.
20. Conversa e discute calmamente.
21. Convive com os colegas e tenta que não sejam marginalizados.
22. É educado e cortês no seu comportamento com os outros.
23. Intercede em favor do outro permanecendo a seu lado.
24. Gosta de falar com os seus colegas e fá-lo com agrado.
25. Tem espírito organizativo.
26. Anima, elogia e felicita os seus colegas.
27. Sabe esperar pela sua vez sem mostrar impaciência.
28. Entende-se bem com os seus colegas.
29. Mostra paciência perante a demora e os erros dos outros.
30. Tem facilidade em dialogar.
31. Ainda que esteja ocupado nas suas tarefas, adia-as quando lhe pedem ajuda.
32. Faz sugestões aos seus colegas.
33. Aceita sem protestar as decisões da maioria.
34. Comporta-se com os seus colegas de modo espontâneo e natural.
35. Contribui para que o trabalho seja mais interessante e variado.
36. Fica aborrecido quando um colega tem problemas.
37. Comenta o trabalho dos seus colegas, salientando os aspectos positivos em vez de criticar os pontos fracos.
38. Tem facilidade e desenvoltura para se expressar oralmente.
39. É popular entre os colegas.
40. Perante uma discussão ou problema, põe-se no lugar dos outros.
41. Os colegas elegem-no como árbitro ou juiz para resolver os problemas.

42. Quando faz algo mal, sabe e reconhece a sua responsabilidade.
43. Defende os seus colegas quando são atacados ou criticados.
44. Ajuda os seus colegas quando se encontram em dificuldade.
45. Gosta de estar com os seus colegas e sente-se bem entre eles.
46. É aceite pelos colegas.
47. Os colegas elegem-no como chefe nas actividades de grupo.
48. Trabalha mais com os colegas que sozinho.
49. Reconhece e corrige-se quando lhe demonstram que está errado.
50. É simpático para com os colegas.
51. Aceita o que lhe foi encarregue com serenidade e responsabilidade.
52. Sorri facilmente.
53. Tem confiança nas suas capacidades.
54. Os colegas consideram-no como modelo e imitam-no em muitos aspectos.
55. Respeita as coisas dos seus colegas, procurando não as estragar.
56. É honesto com os outros e consigo próprio.
57. Tem bons amigos na escola.
58. Conta anedotas ou coisas divertidas.
59. Toma a iniciativa na hora de aprender algo novo.
60. É capaz de fazer sugestões sobre temas de actualidade (desporto, cinema, notícias importantes, etc.).
61. Gosta de liderar as actividades do grupo.
62. Quando o conhecem os colegas têm uma opinião positiva dele.
63. Participa nas actividades da sala de aula.
64. Quando é solicitado colabora com interesse.
65. Interessa-se por todas as actividades que se organizam na escola.

**MARQUE AS SUAS RESPOSTAS NA FOLHA EM ANEXO
UTILIZANDO O SEGUNDO QUADRO**

Parte 2ª

1. Custa-lhe falar e, quando lhe perguntam algo, custa-lhe responder.
2. Estraga qualquer coisa que lhe seja dada.
3. É invejoso/a com os outros colegas.
4. É teimoso/a, impõe sempre a sua vontade.
5. É violento/a e briga com os seus colegas.
6. Envergonha-se e cora com facilidade.
7. Anda cabisbaixo.
8. É tímido/a e submisso/a.
9. Culpa os outros das coisas más que lhe acontece.
10. É impulsivo/a no seu comportamento, tenta fazer o que quer no preciso momento, sem ter paciência para esperar.
11. O seu olhar é triste, sem brilho.
12. Diz que não vale a pena viver e quer morrer.
13. Tem problemas com os outros colegas, ao fim de pouco tempo de falar com eles.
14. Entra na sala sem cumprimentar os colegas e olhando para o chão.
15. Parece cansado/a e sem energia.
16. O seu vocabulário é rude e grosseiro.

17. Mantém-se distante, sem querer falar.
18. Tem medo e evita qualquer coisa que não causa medo às outras crianças.
19. É barulhento/a, grita e berra com facilidade.
20. Mostra-se nervoso/a (não tranquilo, medroso) enquanto espera para ler a lição.
21. Protesta oralmente ou expressivamente quando lhe mandam fazer qualquer coisa.
22. Chora com facilidade mas sem barulho.
23. Mostra vergonha, especificamente perante colegas de outro sexo.
24. Quando lhe chamam à atenção sente-se confundido/a, sem saber o que fazer.
25. Quando tem que fazer algo , fá-lo com medo (medrosamente, indeciso).
26. Permanece muito tempo sem estabelecer contacto com as pessoas que o rodeiam.
27. Incomoda-se muito com a brincadeira dos outros.
28. Insulta os seus colegas.
29. Quando está em grupo está com olhar perdido, como se não estivesse a olhar para lado nenhum.
30. É difícil de motivar e estimular para qualquer actividade.
31. Afasta-se dos seus colegas.
32. Quando está com os outros é ele/a que cria os problemas de disciplina.
33. Afasta-se quando há muitas crianças juntas.
34. Retrai-se quando se trata de realizar actividades em grupo.
35. Briga com outros mais pequenos que ele/a.
36. Brinca sozinho, à parte do grupo.
37. Quem inicia a briga é ele/a.
38. Ameaça os outros e intimida-os.
39. Tem que ser obrigado pelos outros para se integrar num grupo.
40. É apático/a (indolente).
41. Procura o olhar de aprovação do professor.
42. Os seus movimentos são bruscos e descoordenados.
43. Costuma estar só, afastado dos outros.
44. Toma uma atitude agressiva quando o professor o chama à atenção.
45. É mentiroso/a.
46. Desiste, quando tem dificuldade, sem procurar solução.
47. Procura estar em lugares pouco visíveis ou concorridos.
48. Permanece sentado/a como que abatido durante bastante tempo.
49. Mostra-se assustado perante uma prova ou quando não sabe a resposta correcta.
50. Quando é chamado à atenção toma uma atitude irónica, algo cínica.
51. É medroso/a perante situações novas.
52. Fala num tom monocórdico e sem expressividade.
53. Prescinde com facilidade dos outros.

OBSERVE A FOLHA DE RESPOSTAS PARA VERIFICAR SE DEIXOU ALGUMA QUESTÃO EM BRANCO

FOLHA DE RESPOSTAS

BAS-1. Professores __
 BAS-2. Pais __
 (Marque a versão aplicada)

Nome do aluno..... Idade..... Sexo.....

Escola..... Professor..... Ano.....

CHAVE: Nunca Alguma vez Frequentemente Sempre
 A **B** **C** **D**

Parte 1.^a

Parte 2.^a

PD.

1.	A	B	C	D	34.	A	B	C	D
2.	A	B	C	D	35.	A	B	C	D
3.	A	B	C	D	36.	A	B	C	D
4.	A	B	C	D	37.	A	B	C	D
5.	A	B	C	D	38.	A	B	C	D
6.	A	B	C	D	39.	A	B	C	D
7.	A	B	C	D	40.	A	B	C	D
8.	A	B	C	D	41.	A	B	C	D
9.	A	B	C	D	42.	A	B	C	D
10.	A	B	C	D	43.	A	B	C	D
11.	A	B	C	D	44.	A	B	C	D
12.	A	B	C	D	45.	A	B	C	D
13.	A	B	C	D	46.	A	B	C	D
14.	A	B	C	D	47.	A	B	C	D
15.	A	B	C	D	48.	A	B	C	D
16.	A	B	C	D	49.	A	B	C	D
17.	A	B	C	D	50.	A	B	C	D
18.	A	B	C	D	51.	A	B	C	D
19.	A	B	C	D	52.	A	B	C	D
20.	A	B	C	D	53.	A	B	C	D
21.	A	B	C	D	54.	A	B	C	D
22.	A	B	C	D	55.	A	B	C	D
23.	A	B	C	D	56.	A	B	C	D
24.	A	B	C	D	57.	A	B	C	D
25.	A	B	C	D	58.	A	B	C	D
26.	A	B	C	D	59.	A	B	C	D
27.	A	B	C	D	60.	A	B	C	D
28.	A	B	C	D	61.	A	B	C	D
29.	A	B	C	D	Solo en BAS-1				
30.	A	B	C	D	62.	A	B	C	D
31.	A	B	C	D	63.	A	B	C	D
32.	A	B	C	D	64.	A	B	C	D
33.	A	B	C	D	65.	A	B	C	D

1.	A	B	C	D	34.	A	B	C	D
2.	A	B	C	D	35.	A	B	C	D
3.	A	B	C	D	36.	A	B	C	D
4.	A	B	C	D	37.	A	B	C	D
5.	A	B	C	D	38.	A	B	C	D
6.	A	B	C	D	39.	A	B	C	D
7.	A	B	C	D	40.	A	B	C	D
8.	A	B	C	D	41.	A	B	C	D
9.	A	B	C	D	42.	A	B	C	D
10.	A	B	C	D	43.	A	B	C	D
11.	A	B	C	D	44.	A	B	C	D
12.	A	B	C	D	45.	A	B	C	D
13.	A	B	C	D	46.	A	B	C	D
14.	A	B	C	D	47.	A	B	C	D
15.	A	B	C	D	48.	A	B	C	D
16.	A	B	C	D	49.	A	B	C	D
17.	A	B	C	D	50.	A	B	C	D
18.	A	B	C	D	51.	A	B	C	D
19.	A	B	C	D	52.	A	B	C	D
20.	A	B	C	D	53.	A	B	C	D
21.	A	B	C	D					
22.	A	B	C	D					
23.	A	B	C	D					
24.	A	B	C	D					
25.	A	B	C	D					
26.	A	B	C	D					
27.	A	B	C	D					
28.	A	B	C	D					
29.	A	B	C	D					
30.	A	B	C	D					
31.	A	B	C	D					
32.	A	B	C	D					
33.	A	B	C	D					

Li
Jv
Ss
Ra
At
Ar
An
Cs

En Cs de BAS-1

21	+	_____	-	_____	=
		1. ^a		2. ^a	

En S de BAS-2

45	-	_____	=
		2. ^a	

BAS-1. Professores ___
 BAS-2. Pais ___
 (Marque a versão aplicada)

BAS - Perfil

Assinale os percentis obtidos pelo sujeito

**Sub-
 PC PD -escala**

1	3	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99
1	3	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99
1	3	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99
1	3	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99
99	97	95	90	85	80	75	70	65	60	55	50	45	40	35	30	25	20	15	10	5	3	1
99	97	95	90	85	80	75	70	65	60	55	50	45	40	35	30	25	20	15	10	5	3	1
99	97	95	90	85	80	75	70	65	60	55	50	45	40	35	30	25	20	15	10	5	3	1
1	3	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99

		Li
		Jv
		Ss
		Ra
		At
		Ar
		An
		Cs

COMENTÁRIOS

A N E X O III

(Tabela de percentis da escala da socialização)

TABLA 21

BAS-1

BAREMOS: Varones y Mujeres 1.º-4.º EGB

Centiles	PUNTUACIONES DIRECTAS																Centiles
	VARONES								MUJERES								
	Li	Jv	Ss	Ra	At	Ar	An	Cs	Li	Jv	Ss	Ra	At	Ar	An	Cs	
99	47	35	34	49	37	41	26	43	46	34	35	53	30	41	29	44	99
97	42	33	31	47	33	33	23	42	42	33	32	51	27	32	25	43	97
95	40	32	29	45	30	30	19	41	39	31	30	49	24	29	23	42	95
90	35	30	26	41	26	26	18	39	35	30	27	46	19	25	20	40	90
85	33	28	24	39	23	23	17	37	32	28	25	44	16	23	18	38	85
80	31	27	23	37	20	20	15	36	30	27	24	41	13	19	17	37	80
75	29	26	22	36	18	18	14	35	28	26	22	39	11	17	16	36	75
70	27	25	21	34	17	15	13	34	26	24	21	38	10	15	15	35	70
65	25	24	20	33	15	14	—	33	25	23	20	37	9	14	14	34	65
60	24	—	19	32	14	12	12	32	23	—	19	35	—	12	13	33	60
55	22	23	18	31	12	10	11	31	22	22	—	34	8	11	12	32	55
50	21	22	17	29	11	9	10	29	20	21	18	33	7	10	11	31	50
45	20	21	16	28	10	7	9	28	19	20	17	32	6	8	—	30	45
40	19	—	—	27	9	6	—	27	18	19	16	31	5	7	10	29	40
35	17	20	15	26	7	5	8	26	16	18	15	30	4	6	9	28	35
30	16	19	14	24	6	4	7	25	14	17	—	28	—	5	8	27	30
25	14	18	—	23	5	3	6	24	12	16	14	26	3	4	7	26	25
20	12	16	13	21	4	2	5	23	9	15	13	24	2	3	6	24	20
15	9	15	12	19	3	—	4	22	7	14	12	22	—	2	5	23	15
10	7	13	10	17	2	1	3	20	5	12	10	20	1	1	4	21	10
5	4	11	8	14	1	—	2	17	3	10	8	17	—	—	3	18	5
3	3	9	6	12	—	—	1	16	2	9	6	15	0	0	2	16	3
1	2	7	4	8	0	0	0	12	1	5	4	11			1	12	1
N	593								449								N
Media	21,39	21,78	17,81	29,18	12,61	11,39	10,66	29,24	20,29	20,92	18,18	33,02	8,48	11,51	11,90	30,54	Media
Desviación típica	10,60	6,13	6,46	9,39	9,12	9,94	5,76	7,13	10,93	6,48	6,67	9,66	7,29	9,55	6,14	7,26	Desviación típica

TABLA 22

BAS - 1

BAREMOS: Varones y Mujeres 5.^a-8.^a EGB

Centiles	PUNTUACIONES DIRECTAS																Centiles
	VARONES								MUJERES								
	Li	Jv	Ss	Ra	At	Ar	An	Cs	Li	Jv	Ss	Ra	At	Ar	An	Cs	
99	48	36	37	52	43	46	26	44	45	34	39	54	30	39	27	45	99
97	43	34	35	50	38	39	24	42	42	33	34	52	26	32	24	43	97
95	41	32	33	48	35	36	22	41	40	32	33	51	22	29	23	42	95
90	37	30	29	45	29	31	20	39	37	30	30	49	19	25	20	40	90
85	35	29	27	43	26	26	18	37	34	29	28	47	17	22	19	39	85
80	33	28	25	41	23	23	16	35	32	28	27	45	15	19	17	37	80
75	31	27	24	39	21	21	15	34	30	27	25	44	13	17	16	36	75
70	29	26	23	37	19	19	14	33	28	26	24	42	11	15	15	35	70
65	27	25	22	36	17	17	13	32	27	25	23	41	10	14	14	—	65
60	26	24	21	34	15	15	—	31	25	24	22	39	8	13	13	34	60
55	25	23	20	33	14	13	12	30	24	23	21	37	7	12	12	33	55
50	24	22	19	31	12	12	11	29	23	22	20	35	6	10	11	32	50
45	22	21	—	29	11	10	10	28	22	21	19	34	5	9	—	30	45
40	21	20	18	28	9	9	9	26	20	—	—	32	4	7	10	29	40
35	19	19	17	26	8	7	—	25	19	20	18	31	3	6	9	28	35
30	17	18	16	25	6	6	8	24	17	19	17	29	2	5	—	27	30
25	15	17	15	23	5	4	7	23	15	17	16	27	—	4	8	26	25
20	14	16	13	21	4	3	6	21	13	16	15	25	1	3	7	25	20
15	11	15	12	18	3	2	5	20	10	15	14	23	—	2	6	23	15
10	8	13	10	15	2	1	4	18	7	13	12	21	—	1	4	21	10
5	4	10	7	11	1	—	3	15	4	10	9	17	0	—	3	19	5
3	3	8	5	8	0	0	2	13	2	8	6	15	—	0	2	17	3
1	1	6	3	4	—	—	0	10	1	6	3	11	—	—	1	14	1
N	638								491								N
Media	23.14	21.70	19.62	30.53	14.01	14.01	11.33	28.28	22.45	21.78	20.64	35.04	7.98	11.58	11.93	31.08	Media
Desviación típica	10.85	6.58	7.50	11.36	10.70	11.29	5.95	7.77	10.79	6.56	7.24	10.61	7.59	9.42	5.98	7.17	Desviación típica